

O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável.

Hanna Arendt (1997, p. 191)

Quando eu parti para o Brasil, me senti sozinha, pois não havia ninguém. Eu precisava fazer o que Chiara fez.

Ginetta (CALLIARI, 1996V)

III Capítulo

UM PACTO, UMA ENTREGA SIMBÓLICA, UM NOVO CONTINENTE. GINETTA CALLIARI, A CHEGADA DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES NO BRASIL E A MARIÁPOLIS GINETTA

1. 1958: Os primeiros contatos em terras brasileiras

Na década de 1950, na Itália, o Movimento estava sendo investigado por parte das autoridades da Igreja e uma boa parte do clero e dos Bispos italianos o encaravam com um pouco de suspeita. De fato, as suas características, já acenadas no primeiro capítulo, davam margem a uma avaliação do mesmo como sendo – paradoxalmente - de inspiração comunista, protestante ou ainda, de duvidosa moralidade. Havia uma explícita proibição de que padres e religiosos mantivessem contato com o Movimento (LUBICH, 2001, p. 68; GALLAGHER, 1998, p. 19ss); Ir. ELIZABETE¹, Entrevista; MORANDI², Mimeo).

Essa situação fazia prever que o processo de aprovação – se chegasse – seria muito laborioso e não imediato.

No entanto, em algumas regiões italianas mais tocadas pela influência de idéias comunistas e menos preocupadas, portanto, com problemas eclesiásticos, - como a região de Parma, por exemplo, ou Reggio Emilia, - denominada pequena Rússia,

¹ Ir. Elizabete, é missionária do PIME e conheceu o Movimento em 1969 no Brasil.

² Enzo Morandi, 73 anos, faz parte do grupo que, juntamente com Ginetta, vieram para o Brasil em 1959. Foi responsável junto com ela do Movimento no Brasil, de 1971 a 1995 e, atualmente, integra o Conselho central do Movimento, para todas as regiões do Brasil, juntamente com Darci Rodrigues, residindo parte do ano em Roma e parte na Mariápolis Ginetta.

(CURTI, Entrevista)³ -, o Movimento se expandia devido à atração exercida pelo estilo de vida de pessoas que haviam aderido aos ideais do mesmo (MORANDI, Mimeo). O mesmo diga-se para membros do clero do outro lado do oceano, onde a problemática eclesial não era a mesma italiana e sim mais marcada pela preocupação com a justiça social, como afirmou, em entrevista, Enzo Morandi. Assim, a notícia de que existia um Movimento na Europa, cujos aderentes tinham como objetivo “viver como os primeiros cristãos” devido à comunhão de bens que praticavam, suscitava curiosidade a ponto de justificar uma viagem do Brasil para a Itália em condições bastante pitorescas, como a de Padre João Batista Záttera⁴ (Entrevista)., 85 anos, de Pelotas (sacerdote focolarino, Entrevista).

Simultaneamente, para Chiara e suas companheiras ficava sempre mais claro que o Ideal de vida que haviam se proposto era um dom de Deus destinado não só a Trento ou à Itália, mas ao mundo inteiro.

Alguns padres brasileiros e de outros países latino americanos que se encontravam em Roma por motivo de estudo tiveram contato com o Movimento. Os brasileiros, de volta, alguns para a região nordeste, outros para o sul, narraram a outras pessoas sobre o Movimento sem, porém, mencioná-lo diretamente, mas somente o estilo de vida cristão, evangélico que o mesmo propunha. Um desses padres, da região sul brasileira, ainda quando se encontrava na Itália, incentivou Chiara a enviar focolarinos para o Brasil, colocando-se à disposição para encontrar hospedagem e trabalho para os mesmos.

Os que foram designados para a viagem eram Marco Tecilla, primeiro rapaz que se tornou focolarino, Lia Brunet, uma entre as primeiras companheiras de Chiara, e Ada Ungaro (Fiore), entre as primeiras focolarinas de Roma⁵.

Até aquele momento, quase nenhuma das focolarinas havia percorrido mais de trinta quilômetros da própria cidade, conta Lia, (BRUNET, 1970, p. 11) e Marco, em entrevista, afirma que foi procurar no mapa onde se encontrava o Brasil.

Em Roma para averiguar o porque da demora na emissão das passagens a bordo do navio *Federico C*, Marco por acaso vê a propaganda da *Pan Air do Brasil* e por curiosidade entra para pedir informações. Narrando sobre o Movimento, surgiu a

³ Norma Curti, 66 anos, é focolarina e assistente sanitária de profissão. Conheceu Ginetta em 1958 e morou no focolare com ela, no Brasil por 34 anos. Após o falecimento de Ginetta permaneceu na condição de responsável da Mariápólis Ginetta juntamente com Corrado Martino.

⁴ P. Zattera, tem 88 anos, é um sacerdote focolarino e reside no Centro sacerdotal do Movimento, em Roma.

⁵ Fiore faleceu aos 10 fev. 2001

proposta, por parte do atendente, de que eles fizessem a viagem de avião pelo mesmo preço da viagem de navio “a troco” de um espaço publicitário da jovem Companhia aérea na revista do Movimento, *Città Nuova*. Em poucas horas a viagem de navio transformou-se em viagem aérea a bordo do *Costellation*. Esse fato foi interpretado como um sinal da providência e do amor de Deus por eles (BRUNET, 1970, p. 19), já que a viagem de avião era muito mais breve, confortável e de preço igual à viagem de navio.

A viagem de navio previa o desembarque final no Rio de Janeiro, mas a rota do avião, depois de Madrid, Lisboa e Dakar previa Recife como primeira cidade brasileira. No entanto, as passagens tinham como destino final S. Paulo de onde depois partiriam para a cidade sulista de Anita Garibaldi.

Antes de partirem, tendo recebido a notícia de que o padre havia sido transferido e que talvez a sua disponibilidade de ajuda não teria podido se efetivar, Marco, Lia e Fiore procuraram no elenco de assinantes da revista *Città Nuova*, o endereço de dois padres de Recife que haviam partido de Roma dois anos atrás e dos quais não possuíam mais notícias. Escreveram-lhes comunicando a notícia da viagem.

No dia anterior à partida receberam um telefonema de despedida por parte de Chiara. No aeroporto de Roma reuniu-se uma pequena multidão para saudarem os primeiros que cruzavam o oceano, sob as notas de uma velha canção napolitana cuja letra haviam mudado para a ocasião: “*Partem os soldados, voam os aeroplanos, levam os focolarinos aos lugares mais distantes; avança um Ideal em todos os continentes, e a única coisa que conta, o amor entre nós, crescerá...*”. Era o último domingo de outubro de 1958, e a Igreja comemorava a festa de Cristo Rei. A leitura bíblica recitava o Salmo 2,8: “*Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade*”. Para eles tudo isso era repleto de sentido, soava como uma profecia para o futuro naquele novo continente e ao mesmo tempo como o cumprimento de uma promessa que Deus lhes havia feito ainda nos primeiros anos do Movimento, em 1944, por ocasião da mesma festa católica. Naquele dia Chiara e suas primeiras companheiras, obedientes à palavra de Deus haviam pedido e agora, à distância de 14 anos Ele lhes concedia novas terras.

Partiam – conta Lia (BRUNET, 1970, p. 9-10) – com a bênção do Arcebispo de Trento, Dom Carlo De Ferrari, que lhes havia recomendado de ‘entregarem-se nas mãos de Deus’ e dos Cardeais de S. Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, os quais, encontrando-se em Roma para a eleição do sucessor de Pio XII, e sabendo da viagem dos

focolarinos para o Brasil, desejavam vê-los e abençoá-los. O Cardeal de S. Paulo, declarando-os bem vindos à sua diocese, anunciou naquele mesmo dia na Radio Vaticana, o Ideal da unidade como “programa de vida nova que estava chegando de Roma”.

Lia conta que aquela não era uma viagem de aventura, nem turística e que nenhum interesse humano os impulsionava rumo às aquelas longínquas regiões (BRUNET, 1970, p. 9). E no clima de incerteza do que teriam encontrado ao chegar, ela confessa o seu despreparo cultural ao se interrogar: “encontraremos hospitalidade, dormiremos ao relento, existirão animais ferozes?” (BRUNET, 1970, p. 19).

1.1. Recife, a “Trento do Brasil”

Em Recife, enquanto descem a escada do avião notam um grupo de pessoas que, do saguão do aeroporto agitam os braços em sinal de alegre saudação. Olham para trás mas eram os últimos na escada naquele momento. Ao ouvirem seus próprios nomes convencem-se de que a saudação é dirigida a eles mesmos. Os padres que haviam conhecido o Movimento em Roma haviam convidado o grupo ao qual haviam falado sobre o mesmo a ir até o aeroporto para receber essas pessoas que traziam de Roma “algo de maravilhoso” (BRUNET, 1970, p. 20). “Não entendemos o que eles falavam nem eles entendiam o que nós falávamos mas nenhum embaraço, pelo contrário, atmosfera de festa, certeza de uma compreensão mútua profunda” – conta Lia (BRUNET, 1970, p. 20)

Na grande, elegante e confortável casa, rodeada por um grande parque verde, onde receberam hospitalidade nesta primeira etapa da viagem, na região de Apipucos em Recife, realizavam-se uma série de encontros, de manhã até a noite. As pessoas que já conheciam o Movimento os organizavam com o objetivo de que o grupo pudesse contar a própria experiência a mais pessoas ainda.

Naqueles dias foram convidados a falar em paróquias, associações, conventos, escolas, universidades, hospitais, a pessoas de todos os segmentos sociais. Marco conta que até os jornais da cidade reportavam a notícia dos “italianos que falam de Deus”. Quase sempre falavam em italiano, sem tradução mas “entendiam-se muito bem” – afirma Lia (BRUNET, 1970, p. 23).

Vão apresentar-se ao Bispo auxiliar do lugar, Dom João B. Costa (pois o Bispo titular encontrava-se doente no hospital) e contar-lhe o que estava acontecendo. Este os

estimula a não prosseguirem de imediato a viagem para o sul mas permanecer ainda alguns dias até que a comunidade se consolide. Transcorrem ali três semanas.

Vera Araújo⁶ (1998A), irmã de um dos padres de Recife que haviam conhecido o Movimento em Roma, conta que, mesmo tendo sido educada em uma família cristã, católica, começara a militar em grupos comunistas. Estava cursando Direito e especializando-se em Direito do Trabalho. Vivía uma situação de conflito cultural entre a sua militância político social e a sua formação cristã, mas não estava intencionada em voltar atrás na sua opção valorativa.

Convencida pelo irmão a ir conhecer os seus novos amigos italianos, Vera conta que o encontro com Lia foi decisivo para a sua vida. Lia falou-lhe do Evangelho e, mesmo se ela já o conhecia,

do jeito que ela [Lia] falava, era diferente, era vivo, para ser concretizado. E era revolucionário, que transformava a vida das pessoas e da sociedade. Era uma revolução total! E o que ela dizia ‘casava’ totalmente com a sua pessoa. Ela era expressão vivíssima do que dizia (ARAÚJO, 1998A).

E afirma ter compreendido logo que ali existia uma coisa nova, que nunca tinha encontrado na sua vida.

No dia seguinte Vera não conseguia assistir às aulas na Faculdade, nem mesmo aquelas que mais gostava, pois o seu pensamento andava continuamente naquela casa das focolarinas. Depois de quinze minutos de aula saiu da classe e foi até lá. E assim durante todo o período da permanência do grupo em Recife. Ia cedo e só saía de lá quando a “mandavam embora”. No focolare, cada sala estava ocupada todos os dias com encontros; Vera não participava de nenhum deles, estava simplesmente interessada em estar ali com elas, fascinada pelo estilo de relacionamentos que percebia existir entre os três focolarinos.

Já acenamos no II Capítulo ao fato de que a espiritualidade da unidade, que expressa o Ideal de vida de Chiara e seus primeiros companheiras e companheiros, sublinha elementos que predispõem positivamente as subjetividades das pessoas. Alguns desses elementos podem ser identificados como sendo o *amor*, a *fraternidade*, a *paz*, e outros. Some-se a isso ainda o fato de que Marco, Lia e Fiore, ao contarem a história do Movimento, contavam a própria experiência pessoal, já que haviam

participado com Chiara (especialmente Lia e Marco, pois Fiore conhecera o Movimento já durante a sua difusão em Roma) da sua gênese em Trento. Essa experiência tinha sido forte o bastante a ponto de substituir as coordenadas culturais determinadas pelos laços de família ou de nacionalidade na própria identificação de pertença grupal.

Ir. Maria do Espírito Santo⁷, presente àquelas primeiras reuniões lembra (Entrevista), de fato, que Lia Marco e Fiore, respondiam à pergunta “Quem são vocês?” não falando somos de “tal país” mas “Somos cristãos”. E essa resposta impressionou muito o pessoal da *Ação Católica* – diz Ir. Maria do Espírito Santo.

Na mesma direção vai o depoimento de Tininha⁸ (CAVALCANTE, 1993A), amiga de Vera, de Recife, e que, aos dezoito anos lembra ter sido convidada por uma sua colega para conhecer “três cristãos”. No seu caso o que a impulsionou a ir encontrá-los, não foi o fato de serem cristãos – mesmo se essa apresentação lhe pareceu um pouco fora do comum – mas o fato de saber que vinham da Itália. Ela nutria uma especial admiração por tudo o que se relacionava àquele país.

Pode-se compreender que o envolvimento direto de Marco, Lia e Fiore naquela história que contavam, com toda a emoção típica que acompanha os participantes de um movimento utópico - como se apresentava o deles -, tornava o relato comovente, empolgante e persuasivo o bastante para causar forte impressão em quem os ouvia.

Somente as hipérboles parecem conseguir expressar o teor revolucionário das impressões dos ouvintes nesses casos. É o que emerge do relato de Tininha quando descreve os efeitos do Ideal transmitido pelos três italianos, sobre a sua subjetividade. Diz ela:

Aí a gente perdeu a cabeça, realmente, com toda a capacidade que a gente tem de perder a cabeça quando tem dezoito anos e encontra algo pelo qual vale a pena viver. É difícil explicar, não tem palavras. Eu só sei que não tinha mais nenhum interesse; tudo aquilo que até então tinha formado a coisa mais importante para a vida da gente passou para um segundo [plano] (CAVALCANTE, 1993A).

⁶ Vera, 65 anos, focolarina, socióloga e advogada, é uma das primeiras focolarinas brasileiras. Por vários anos foi diretora do Instituto Suoperior de cultura *Mysticy Corporis* e atualmente integra o grupo da *Escola Abbá*, em Roma.

⁷ Ir. Maria do Espírito Santo, 84 anos, é franciscana de N. Senhora dos pobres. Atualmente reside em Recife.

⁸ Tininha, como é conhecida no âmbito do Movimento, 63 anos, é uma entre as primeiras focolarinas brasileiras, e logo após ter conhecido o Movimento, passou a residir em Roma por desejo de Chiara, como integrante da secretaria central do Movimento para a língua portuguesa.

Tininha afirma não se lembrar nada daquilo que eles haviam dito mas somente de uma coisa: “que o Evangelho podia ser vivido e que não precisava de mais nada”.

Burke (1993, p. 179-180), observa que a eloquência, assim como a poesia, é capaz de causar impressões vividas e profundas mais do que as outras artes e até mesmo do que a natureza. E isso ao menos por três motivos: 1) porque partilhamos das paixões dos nossos semelhantes ao ponto deles nos transmitirem não só o conteúdo de uma determinada mensagem, mas inclusive o modo como eles próprios se sentem com relação à mesma; 2) porque mesmo se algumas coisas extremamente comoventes raramente se nos apresentam na realidade, as palavras que as definem são muito usadas e se imprimem no nosso espírito. Muitas dessas coisas, talvez nem tenham jamais ocorrido sob uma forma real para nós, e no entanto nos causam forte impressão. Por exemplo, guerra, morte, fome, etc. Além disso há outras idéias cuja realidade não são conhecidas com os sentidos (Deus, anjos, céu, inferno) e que mesmo assim exercem grande influência sobre as paixões; 3) porque com as palavras podemos engendrar certas combinações que não seria possível de outro modo. Tais combinações, acrescidas de circunstâncias criteriosamente escolhidas, permitem conferir nova vida e força ao objeto simples.

Deste modo, continua Burke, palavras especificamente consagradas a assuntos empolgantes e as disposições que elas provocam, proferidas por quem está sob a influência de uma paixão, sensibilizam e comovem-nos mais do que as que falam do assunto com clareza e precisão. “Cedemos à simpatia o que recusamos à descrição”.

Assim podemos compreender os efeitos, descritos por Vera, da “história do Ideal” contada por Marco, Lia e Fiore àquele primeiro grupo em Recife.

Ir. Maria do Espírito Santo, original de Recife afirma (Entrevista) que ficou impressionada pela frase dita por Lia em uma das reuniões e da qual nunca se esqueceu: “O Evangelho foi escrito não para ser ouvido com a cabeça mas para ser vivido”⁹. A frase evidenciava o diferencial da percepção do Evangelho por parte dos membros do Movimento, em comparação com aquela presente na religiosidade católica da época. Essa última percepção, normalmente acentuava uma leitura do texto bíblico numa chave de reflexão, de meditação, enquanto que a espiritualidade do Movimento chamava as

⁹ A frase, assim como ela se lembrava contém imprecisões no italiano: “Il Vangelo non fu scritto per essere sentito con la testa ma per vivere” Do contexto entende-se que a forma correta seria: “Il Vangelo non fu scritto per essere capito con la testa ma per essere vissuto” No entanto o sentido apreendido pela Irmã na forma como ela guardou a frase na memória também é fácil de ser captado a partir do contexto: o Evangelho contém palavras cujo significado e valor extrapolam o nível cognitivo de entendimento alcançando também outros, dos sentimentos das emoções para chegar até o nível das práticas sociais.

subjetividades para o valor do texto como princípios de orientação para as ações sociais. Assim, compreende-se porque a frase tenha ficado impressa de maneira especial na mente de Ir. Maria do Espírito Santo.

Nas palavras de Burke (1993, p. 180) “pelo contágio das nossas paixões nós nos inflamamos com um fogo que já queima em outro coração e que provavelmente jamais poderia ter sido aceso pelo objeto [se tivesse sido simplesmente] descrito”.

Aquelas pessoas de Recife – como qualquer outro brasileiro –, não haviam conhecido concretamente a guerra e, provavelmente, nem a fome – pelo menos aquele primeiro grupo – mas os fatos de Trento nas suas consequências sociais, mesmo se circunstanciais, possuíam semelhanças com a situação nordestina de pobreza, de vontade de mudanças sociais, de ideais almejados e talvez nunca alcançados, seja em nível pessoal, seja em nível coletivo, de militâncias políticas e sociais.

Segundo Enzo Morandi:

na época, toda a sociedade mas sobretudo o setor rural, o setor operário do P.T. [sic!] e o estudantil, estava impregnada por um anseio incancelável de justiça social que arriscava explodir em luta armada. De modo idêntico nos ambientes da J.U.C. (Juventude Universitária Católica) era tão grande essa tensão, este anseio de justiça e de engajamento social, a ponto de justificar – talvez inconscientemente – atitudes e práticas de luta incompatíveis com o Evangelho. Lembro-me quanto era difícil dialogar serenamente com esses estudantes animados, não obstante tudo, pelas melhores intenções (MORANDI, Mimeo).

Além do mais, as relações sociais do tipo comunitárias, que caracterizavam o grupo de Lia, Marco e Fiore, chamavam à atenção porque continham algo diferente, não presente nas normais relações sociais do mesmo tipo. De fato, Vera assinala ainda que possuía muitos amigos que sentia serem verdadeiros, mas – completa – “um relacionamento como o deles [ou seja, entre Lia, Marco e Fiore] eu nunca tinha visto”.

Do depoimento de Tininha emergem ainda outros elementos, além dos mencionados acima por Vera, que se deixam relacionar com uma situação de estado nascente carismático, quando nos remetemos a quanto Weber afirma sobre o carisma, o qual irrompe revolucionando a estabilidade da rotina cotidiana. Marco, Lia e Fiore transmitiram para os grupos que encontravam, uma história de vida, fragmentos de suas próprias biografias, relacionadas com os valores que haviam assumido a partir do

momento em que constituíram o grupo inicial do Movimento com Chiara. E era exatamente isso que exercia um fascínio nos ouvintes. Nas palavras de Tininha

Eu não sabia de Movimento, de organização. Talvez, se eu tivesse sabido de alguma coisa organizada eu não sei se teria ido... Mas o que achei formidável entre eles foi essa vida, essa fraternidade, esse amor verdadeiro, que ia além de todas as dificuldades [...]. Então, eu, daquele dia em diante não deixei mais (CAVALCANTE, 1993A).

As subjetividades estavam preparadas para uma influência positiva do Ideal de Chiara nas suas histórias de vida.

A próxima etapa foi Rio de Janeiro onde estiveram durante 10 dias encontrando-se também naquela cidade com muitas pessoas, mas numa atmosfera cultural mais hostil para eles do que em Recife. Chegando em S. Paulo, sem saber para onde ir, encontraram hospitalidade de emergência - graças a um outro padre a quem telefonaram do aeroporto - junto a um convento de Irmãs de São Vivente de Paula no Ipiranga (Lia e Fiore) e no seminário (Marco, que mais tarde transferiu-se para o convento dos beneditinos).

Enquanto isso, de Recife, chegavam regularmente notícias de como crescia o círculo de pessoas que aderiam aos ideais do Movimento.

É ainda Vera a narrar que esses jovens de Recife iam para a missa às seis da tarde e depois encontravam-se “na beira do rio Capibaribe, nos banquinhos – porque não tinham nem onde se encontrar. E um dos padres lia alguma meditação de Chiara traduzindo do italiano ou então liam os Atos dos Apóstolos, ou o Evangelho, para viverem”.

Vera continua contando que começaram a acontecer em Recife, aqueles fatos que aconteciam em Trento no início do Movimento:

a gente começou a ir encontrar os pobres, levar coisas para os pobres, fazer a comunhão dos bens, tudo aquilo que era a vida do Evangelho. A gente viveu assim pelo menos uns cinco meses [...]. Mas era uma vida de “loucos”. Todo mundo falava no Recife desse grupinho que tinha “enlouquecido”, porque a gente estava mesmo..., e as pessoas – muitos jovens – vindo em contato conosco se convertiam. Mas não só jovens: famílias, pessoas adultas se convertiam ao Ideal, de uma vida longe de Deus. E a comunidade crescia, crescia, crescia. E a gente aí, disparado. Foram meses lindíssimos em que a

gente vivia o Ideal realmente e aconteciam coisas maravilhosas, era a vida do Evangelho, das primeiras comunidades cristãs (ARAÚJO, 1998A).

De Montevideo, de Santiago, de Buenos Aires chegavam pedidos para que os focolarinos fossem falar sobre o Movimento para grupos de pessoas, em congressos, e outros.

A essas alturas fazia-se urgente encontrar um lugar mais independente para se estabelecerem. As duas moças encontram uma casa de aluguel nas proximidades da Avenida Nazaré.

Depois de ter estado em Montevideo no mês de abril de 1959, Lia encontrava-se em Buenos Aires no mês de maio e Marco em Santiago do Chile (Fiore havia permanecido em S. Paulo). Naquele período recebem a notícia de que Chiara os espera na Mariápolis que se realizará a partir do mês de julho na região de Trento. Será a última Mariápolis que verá reunidos todos os membros do Movimento; dali em diante esses Congressos se multiplicarão na Itália e em outros países, congregando somente os membros de uma determinada região.

Na viagem de retorno a S. Paulo, Marco e Lia permanecem alguns dias em Porto Alegre onde também começava uma pequena comunidade do Movimento.

Na viagem para a Itália queriam passar por Recife para encontrar a florescente comunidade que ali estava se desenvolvendo. Mas as passagens que da Itália tinham sido reservadas era com a *Alitalia* e não com a *Pan Air* o que significava que Recife não estava contemplada na rota do avião.

Em vão tentam mudar de Companhia ou até mesmo – em um ímpeto de ingenuidade – convencer o comandante a fazer uma escala “extra” em Recife. Vão então até a Catedral da Sé e ali dirigem-se a Deus em uma oração nos seguintes termos: “Tu, Senhor, que regulas a trajetória das estrelas, a rota do sol e dos astros, se achar útil guia a rota do avião de modo que faça uma etapa em Recife” (BRUNET, 1970, p. 45). Enquanto isso, em Recife, apreendida a notícia de que o avião não previa escala naquela cidade, os membros da comunidade se reúnem e se declaram mutuamente o compromisso de “amarem” aquele “semblante de Jesus Abandonado” representado pela impossibilidade de encontrarem-se com Lia, Marco e Fiore, e oferecem a Deus essa “perda” para que Ele a fizesse frutificar em uma difusão do Movimento em todo o continente americano (ARAÚJO, 1998A).

O avião parte, mas a uma certa altura um dos motores acusa uma pane e o comandante é obrigado a anunciar aos passageiros uma aterrissagem de emergência em Recife. Ninguém entendia porque aqueles três italianos estavam tão alegres com o imprevisto, e muito mais ainda ao saberem que a reparação do avião levaria quatro dias, tempo suficiente para rever todos os membros da comunidade.

Hospedados, pela Companhia aérea, no Hotel Boa Viagem, o melhor da cidade na época, o grupo tem a percepção também deste fato como uma ulterior atenção particular do amor de Deus. Sem contar os presentes e *souvenirs* oferecidos pela Companhia – coisa que de outra forma não poderiam se dar ao luxo de adquirir e que poderiam servir como presentes para os amigos, ao chegar na Itália.

Durante os quatro dias de espera a comunidade de Recife entrava e saía continuamente do Hotel e o gerente achou por bem destinar uma sala no piso superior para os encontros dos focolarinos. Vista a maturidade da comunidade decidiram juntos que era oportuno que alguém dentre eles também fosse participar da Mariápolis na Itália, de modo a terem um contato mais direto e aprofundado com a espiritualidade do Movimento e conhecerem Chiara pessoalmente. Cinco nomes foram levantados: os de quatro moças e o de um sacerdote.

Mas uma viagem para a Europa, naquela época, não era algo muito comum, somente pessoas de grande poder aquisitivo o podiam fazer. Conseguir passagens aéreas para cinco pessoas era, portanto, empresa não fácil. Mas Vera conta que “aconteceram coisas maravilhosas devido à comunhão de bens” realizada entre todos. A *Pan Air* exigia a metade do dinheiro correspondente às cinco passagens e o restante a ser pago em prestações.

Todos os dias o grupo encontrava-se na sede da *Ação Católica* para fazerem as contas e ver quanto ainda faltava para inteirar o dinheiro da viagem. Havia um padre cuja família era proprietária de uma grande plantação de coqueiros e que não simpatizava com o grupo. No entanto, sabia dos planos da viagem e sempre os via ali a contar o dinheiro. Um dia parou e perguntou-lhes quanto faltava. Tirou o talão de cheques do bolso e o preencheu. No dia seguinte levaram o dinheiro à agência da *Pan Air* e voltaram com as cinco passagens. Somente então os respectivos pais acreditaram na seriedade das intenções das filhas e começaram a se interessar e a se preocupar ao mesmo tempo. De fato, as moças não sabiam dizer com precisão onde estavam indo na Itália, sabiam somente que “os italianos” iriam buscá-los no aeroporto. Na época –

lembra Vera – nem diziam ainda “os focolarinos” ou “Movimento dos Focolares”, diziam simplesmente “os italianos”.

No dia da viagem toda a comunidade de Recife compareceu ao aeroporto para a despedida. O comandante do avião, à vista daquela pequena multidão, até perguntou se havia no meio deles, por acaso, algum cantor famoso. Permaneceram na Itália até o mês de outubro de 1959.

Enquanto isso a comunidade em Recife cantava a conhecida canção –cuja palavras foram adaptadas para aquelas circunstâncias:

vento que balança as palhas do coqueiro,
 vento que encrespa as ondas do mar
 vento que dirige as naves para cá
 me traz notícias do Ideal
 [...]
 Hoje estou sozinho e sem ninguém
 mas feliz recordo o Sumo Bem
 vento, diga por favor:
 Mas quando chegará o focolare?

O então Bispo titular de Recife, Dom Antonio de Moraes Júnior achou por bem escrever a Chiara pedindo-lhe que enviasse focolarinos para abrirem um focolare em Recife. E durante a estadia de Marco, Lia e Fiore a S. Paulo, em uma audiência com o Cardeal, na época Dom Motta, este os aconselhara a estabelecerem-se naquela cidade, uma vez que possuía requisitos importantes e úteis para a futura difusão do Movimento: era o coração da América Latina e uma cidade católica. Além do mais também nos outros países sul americanos visitados por eles, havia o desejo de que se abrisse um focolare.

No dia 26 de outubro de 1959, do porto de Gênova, a bordo do navio *Andrea C*, partiam, com destino final em Recife, no dia 5 de novembro, para dar início aos focolares feminino e masculino, oito pessoas: Ginetta Calliari, Ada Ungaro (Fiore), Marisa Cerini, Violetta Sartori, Marco Tecilla, Enzo Morandi, Rino Chiaperin e Gianni Busellato.

Casualmente também desta vez a Igreja comemorava a festa de Cristo Rei e a leitura bíblica repetia o Salmo 2,8: “*Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade*”.

Analisando as condições de desenvolvimento do Movimento dos Focolares no Brasil é quase espontâneo considerar as analogias entre o seu surgimento em Trento e o seu início no Brasil em Recife.

Trento representava – utilizando ainda uma vez, analogicamente, a expressão de Weber – uma situação “negativamente privilegiada” para o surgimento de um Movimento nos moldes do Movimento dos Focolares: num contexto rigidamente católico romano dificilmente poderiam dar-se as condições de um Movimento que, como já foi acenado no 1º capítulo, dava margens a uma “acusa” de protestantismo e de comunismo.

Ao percorrermos a história do Movimento no Brasil, percebemos que este se desenvolveu em condições negativamente privilegiadas enquanto um Movimento vindo do exterior, e portanto visto como alheio à realidade brasileira; julgado espiritualista (COMBLIN, 1968) enquanto outros se revelavam mais preocupados e envolvidos na problemática social (como as CEBs e grupos partidários da Teologia da Libertação a partir da década de 1970), e sem nenhuma ênfase no emocional, fator muito sentido sobretudo em Movimentos a partir da década de 1980. O Movimento, de fato parece mais interessado e preocupado em investir na mudança das orientações das condutas individuais visando, num médio ou longo prazo, a constituição de redes de relações sociais mais pautadas em valores tais como a fraternidade, a solidariedade, a justiça social.

Segundo o relato de Ginetta (CALLIARI, [s.d.]A), Chiara desejava saber qual cidade teria se apresentado como mais adequada para o início do Movimento na América do Sul: S. Paulo?, Buenos Aires? – por serem cidades importantes economicamente, politicamente? Montevideo? – por possuir um clima bom? Recife? – onde algumas pessoas já tinham tido um contato com o Movimento na Europa? A observação de Chiara de que “de todas essas belas cidades não veio ninguém [referindo-se à Mariápolis à qual aqueles primeiros brasileiros tinham participado nas montanhas Dolomitas na região de Trento], determina a escolha definitiva da destinação e - conclui Ginetta – “fomos para Recife, a cidade mais quente!”.

Nas palavras de Ginetta percebe-se a consciência de quem sabe que tal decisão não poderia ser de caráter racional instrumental. Um europeu – com mais razão ainda aqueles que provêm de regiões mais frias como era o caso da maioria deles, do norte montanhoso da Itália - normalmente não escolheria um semelhante clima para se estabelecer. De fato é na região sul e sudeste que a imigração italiana fixou suas raízes

no Brasil. E Ginetta deixa entender que eram outros os motivos que determinavam a escolha de Recife, e nos reporta a conclusão à qual Chiara havia chegado naquelas circunstâncias: “A geografia de Deus não é igual à dos homens” (CALLIARI, [s.d.]A).

2. 1959: “Entrega do *Crucifixo vivo*” e vinda de Ginetta para o Brasil

Corria o ano de 1959. O sucessor de Pio XII, papa João XXIII, entregava a 500 missionários na Praça S. Pedro, em Roma, um crucifixo, símbolo católico do missionário.

Naquele mesmo período uma jovem do Movimento morria devido a um tumor, declarando a Chiara que oferecia com alegria a sua vida para que este Ideal da unidade se alastrasse em todo o mundo. Deixa de presente para Chiara um jarro que para ela tinha um valor de estimação. Aquele jarro representará para Chiara algo mais do que um simples vaso ou um presente: será símbolo do poder do seu Ideal, *Jesus Abandonado*, o Deus que morre mas ressuscita, que é força justamente na fraqueza, que é vida justamente na morte, que é lógica justamente no absurdo. Ideal de vida que passou a ser compartilhado por muitas pessoas ligando-as com um vínculo forte, capaz de resignificar situações nas quais a existência humana experimenta limitações, como a morte, e colocando essas mesmas situações em ordem de valor subordinada aos objetivos do grupo.

Quando eu estava partindo para o Brasil, Chiara me chamou e me disse: «Olhe, Ginetta, eu vou lhe entregar uma coisa: não um crucifixo de metal (que me fez lembrar o passado), mas o Crucifixo vivo, Jesus abandonado. O que você vai fazer no Brasil? Você irá apresentar a esse novo povo, de um novo continente, o Crucifixo. E você verá a resposta... (CALLIARI, 2001, p. 9ss)¹⁰.

E, referindo-se ao mesmo episódio em outra ocasião, Ginetta conta que essa entrega simbólica, feita a ela por parte de Chiara, era materializada na entrega daquele jarro deixado como lembrança da jovem que morrerá:

Chiara tinha esse jarro e [me] disse: “Quero lhe entregar esse jarro”. Mas Chiara contou que era um símbolo, era o crucifixo vivo, mas vivo por

que? [...] Era a primeira [jovem do Movimento] que morria na cidade de Trento, como o crucifixo, mas incarnado nessa jovem. Para Chiara era como o presente do crucifixo vivo. [...] [O jarro] não tinha nenhum valor e ao mesmo tempo todo valor porque me dava a possibilidade de me lembrar desse crucifixo vivo, personificado nessa jovem (CALLIARI, 1991bA)¹¹.

Aquele jarro dali a poucos dias quebrou-se, contou-nos, em entrevista, Violetta Sartori¹², mas o seu significado, o *crucifixo vivo* acompanhará Ginetta até o fim de sua vida como um mandato especial de Chiara. O *crucifixo vivo*, para ela, continha em si o segredo da vitória em qualquer dificuldade encontrada pelo caminho - no sentido de capacidade de conferir sentido às várias situações - e a chave de leitura de cada acontecimento que orientará suas ações dali em diante. Será esse valor, ela confessa, que lhe dará forças para vir ao Brasil e “começar tudo do nada” (CALLIARI, 1992V).

Ao saber que seria ela que encabeçaria o grupo de oito pessoas que viriam para se estabelecerem no Brasil, Ginetta conta que rezou três terços pedindo a Deus, entre outras coisas, que essa viagem fosse segundo a vontade dele.

No seu relato (CALLIARI, [s.d.]A) nota-se a preocupação diante dessa nova circunstância e a resistência interior que a sua personalidade oferece. Mas ao mesmo tempo a unidade deste grupo inicial é muito forte ‘sintonizando’ na mesma ‘onda’ os pensamentos e desejos de cada um, de modo que todos sentem e querem a mesma coisa pois se autocompreendem como ‘instrumentos’ de Deus para levar ao mundo a ‘revolução’ pacífica do amor evangélico.

E Ginetta, a partir dessa forte unidade com Chiara e o grupo que constitui o Movimento, supera a resistência interna que sente dentro de si. Conta que no porto de Gênova, na espera de partirem ouve pelo alto falante um aviso e ainda pensa que receberá a notícia de não ter mais que partir. O mesmo acontece durante a viagem de 10 dias que os levaria até o porto de Recife: ouve um toque de campainha como fosse um telefone, e novamente imagina que receberá o aviso para retornar. Antes de deixarem o navio *Andréa C* pede para visitar as caldeiras: queria testar a sua capacidade de resistência ao calor! - Nascida entre as montanhas de Trento, Ginetta sempre temeu o clima quente.

¹⁰ Cf. também CALLIARI, 1996V, op. cit

¹¹ Cf. CALLIARI, G. O Evangelho, Força dos pobres. 4 ed., S. Paulo: Cidade Nova, 2001, p. 10.

¹² Violetta, 78 anos, é uma das focolarinas vindas para o Brasil com Ginetta, e atualmente é responsável do Movimento em Luanda (Angola).

Já estabelecidos em Recife, no primeiro período, a cada chegada do carteiro ela previa a notícia de que deveria retornar para a Itália.

A luta interior se manifesta entre esses dois pólos, o individual e o social que encontram o ponto de equilíbrio na lembrança do *crucifixo vivo*, que fazia com que ela também estivesse pronta – como expressa no mesmo relato - a permanecer no Brasil por toda a vida.

Gurvitch (1979, p. 201-202) assinala que a percepção da pressão do grupo sobre os seus membros muda segundo a perspectiva de um participante interno ou externo à comunhão. Para os observadores externos da mesma, sejam eles hesitantes, recalcitrantes, indiferentes ou adversários, ela aparece como exercendo o máximo de pressão, portanto representando não atração mas ameaça e opressão, não libertação mas escravidão.

Na perspectiva de quem se encontra do lado interno da comunhão, a pressão é mínima, sentindo-a, cada um dos participantes, como a

aspiração coletiva incarnada, sob a ação da qual as suas próprias aspirações mais íntimas se encontram reforçadas. Os participantes de uma comunhão sentem-se como que inspirados por um sopro libertador que dissiparia todos os obstáculos, libertando-os deles próprios como de todos os laços sociais que poderiam constrangê-los (GURVITCH, 1979, p. 201).

O autor observa ainda que essa ambivalência da comunhão, oferecida pelas duas perspectivas, interna e externa, acentua-se pelo fato de que algumas comunhões nas quais predominam estados emotivos e êxtases místicos, estão mais sujeitas ao deslizamento para fenômenos patológicos de identificação. Tais fenômenos são menos prováveis nas comunhões – como no caso que estamos analisando – de coloração mais intelectual ou voluntária.

Mannheim (1967, p. 149) parece proceder a uma análise do binômio indivíduo e grupo nessa mesma perspectiva quando anota que o rebaixamento do nível mental dos membros de um grupo com a conseqüente desintegração da personalidade, acontece em correspondência à desintegrações da sociedade e não pela participação no mesmo. Pelo contrário, grupos com funções definidas e articulação interna, elevam o nível mental de seus membros.

Durante toda a viagem houve tempestade e Ginetta interpretava também isso como sendo a “presença” do Crucifixo vivo, que os acompanhava fielmente apresentando-se na pessoas de Fiore e Marisa que, sofrendo de enjoos requeriam constantes cuidados por parte dela e de Violetta. Além disso Fiore começou a acusar uma bursite que exigiu, logo que pisaram em terra firme, uma intervenção cirúrgica. Chegando em Recife – continua Ginetta:

logo experimentei o clima, um comida diferente, uma cultura diferente, tantas coisas diferentes. Mas sobretudo o calor! Mas era Jesus Abandonado, era Jesus Abandonado e tudo desapareceu: calor, comida, tudo. Eu tive a impressão de me sentir “em vocação”, de ter uma graça extraordinária para iniciar ali, rodeada de tantos elementos colocados ali na minha frente para não trair o Ideal (CALLIARI, 1991bA).

Construindo ela mesma um perfil típico ideal do missionário, Ginetta procura compreender o específico da sua ação no Brasil e conclui que este se encontra justamente no valor atribuído ao *crucifixo vivo* como motivação das ações orientadas à constituição de um grupo perfeitamente concorde, no qual os consensos nascem de uma profunda partilha de sentidos e significações proporcionados pelo Ideal da unidade. Este consenso pleno no grupo, que atrai, segundo a nova compreensão de Chiara, a presença de *Jesus em meio* ao grupo, é, segundo ela, um testemunho decisivo na sociedade, como já acenado no II Capítulo (ítem 2.2.6). No seguinte relato de Ginetta isso fica bem claro:

Quando eu parti para o Brasil, me senti sozinha, pois não havia ninguém. Eu precisava fazer o que Chiara fez. E podia parecer difícil, pois numa terra de missão, geralmente quando chegam os missionários, perguntam: «O que você veio fazer? Abrir um hospital?». «Não». «Você veio abrir uma escola?». «Não». «Um orfanato?». «Não». «Então, o que você veio fazer?». Nada de todas essas obras de misericórdia... nós devíamos testemunhar Deus, a presença de Deus, e manter Jesus em meio. Estavam comigo Violeta, Fiore e Marisa (CALLIARI, 1996V).

Chama à atenção o fato que Ginetta, no seu relato, afirme que ao vir para o Brasil sentiu-se sozinha, “pois não havia ninguém”. No entanto, ela estava vindo com mais sete focolarinos para iniciarem os focolares feminino e masculino justamente

porque em Recife existia já uma próspera comunidade do Movimento, sem considerar outras pessoas espalhadas pelo Brasil.

Como interpretar a fala de Ginetta? Talvez Halbwachs nos ofereça alguma indicação quando observa que:

Acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se eles não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, idéias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros (HALBVACHS, 1990, p. 47).

A vinda de Marco, Lia e Fiore para a América do Sul havia marcado uma nova etapa na história do Movimento que via suas fronteiras começarem a se expandir para além da Europa. A forte comunhão vivida pelo grupo e, de modo especial, naqueles primeiros anos, provocava uma integração de sentimentos, de intentos, de modo que as ações de um membro eram percebidas como sendo de todo o grupo. Ao regressarem para a Europa, pode-se imaginar as emoções partilhadas por todos diante da narração de Marco, Lia e Fiore, contendo elementos de novidade, de aventuras em terras distantes, com um povo e uma cultura antes desconhecidos, fatos, peripécias, surpresas da “providência divina”, etc. Tudo isso deve ter-se impresso na memória de Ginetta de forma significativa, fazendo-a viver e vibrar “em uníssono” com eles. Mais tarde, encontrando-se ela na situação de vir para o Brasil, na perspectiva de aqui permanecer de modo estável, suas lembranças estavam marcadas pela vivência dos três focolarinos pioneiros no Brasil, como se ela também tivesse vivido aqueles primeiros fatos. Ao narrar sobre o início do Movimento no Brasil, Ginetta narra como suas, lembranças e percepções dela, pessoais e dos primeiros que vieram para o Brasil, porque ela e eles, vivendo uma comunhão, eram, de certo modo, “uma coisa só”. Portanto, a sua percepção de “estar sozinha” traduz, em certa medida, a percepção do grupo, do Movimento, que começava, na pessoa daqueles primeiros que vieram para o Brasil, uma etapa histórica nova.

A compreensão pode também ir em uma outra direção, se considerarmos que Ginetta, em outro momento (CALLIARI, [s.d.]A) exprime a sua disposição em vir para o Brasil com aquela mesma determinação de espírito que impulsionou Chiara, quando ainda sozinha em Trento, voltando em direção à cidade semi destruída pelas bombas, foi

abordada por aquela senhora que havia quase enlouquecido pela perda de quatro entes familiares. Naquela circunstância Chiara havia compreendido que deveria esquecer o seu sofrimento pessoal de ter deixado os pais, para assumir sobre si as dores da humanidade. Sentir-se sozinha e ter que fazer o que Chiara fizera, pode ser interpretado então, também, no sentido de uma convicção, por parte de Ginetta¹³, de que qualquer transformação social requer sujeitos dotados de autonomia, pessoas com caráter – usando o termo no sentido outorgado por Weber – que assumam pessoalmente certos valores e estejam prontos a orientar suas ações de forma coerente, em relação a esses valores. No contexto da lembrança daquele episódio da vida de Chiara, Ginetta assim se exprime falando, a um grupo de jovens, anos depois:

O que Deus quer de mim? Aquilo que a gente tem que fazer, cada um, é perder a própria dor para assumir a dor da humanidade. Vale a pena viver assim. É uma vida que tem sentido, esquecer-se para viver em função dos outros (CALLIARI, [s.d.]A).

Nessa mesma circunstância Ginetta impulsionava o grupo a quem estava narrando a sua história de vida, a fazerem o mesmo, sublinhando a vantagem de que agora, à distância de anos

não é mais uma pessoa que começa, como quando Chiara começou. Aqui - [referindo-se à sala à qual falava] – há um coletivo, há um grupo de rapazes que poderiam revolucionar sozinhos tudo, aqui há um grupo de pessoas da parte feminina que poderia revolucionar o mundo, começando do Brasil (CALLIARI, [d.]A).

Além do mais, o “sentir-se sozinha” de Ginetta pode ser compreendido e interpretado também pelo fato de que eram sempre tempos de início, de implantar os alicerces do Movimento no Brasil, e – como atesta Violetta – uma das dificuldades daquele primeiro período era o desconhecimento da cultura brasileira; parecia-lhes que o povo havia entendido o Ideal que eles transmitiam e ao mesmo tempo não, já que a sala onde se reuniam todos os domingos, às vezes estava lotada, às vezes estava vazia.

¹³ Cf. CALLIARI, [s.d.]A): “ A espiritualidade forma homens com caráter, com personalidade, homens que não se deixam influenciar por ninguém, e que sabem ir além, superar a timidez, superar o respeito humano [...]. Será que temos que ser vítimas do respeito humano e os outros não? [...] e se sentem livres de fazer o mal e nós não podemos ser muito mais livres de pregar o bem[...]?”

Consideremos a narração de Ginetta sobre a reação das pessoas às quais ela transmitiu a mensagem de Chiara:

Começamos a nos reunir. No Carnaval tínhamos três dias, na Semana Santa outros três dias, no período de Finados, naquela época, também tínhamos dois ou três dias. No primeiro grupo havia 17 pessoas: um casal jovem, um religioso, um sacerdote, uma Irmã, algumas estudantes, alguns rapazes... Quando eu contei a eles o motivo pelo qual eu tinha vindo, apresentei o Crucifixo vivo, dizendo: «Agora vocês são livres. Eu vim para isso». Eles disseram que não existia um ideal mais belo, que estavam felizes por abraçar esse Crucifixo e levá-lo ao mundo com um amor concreto, radical, como o Evangelho quer. Eu disse: «Agora que vocês assumiram essa responsabilidade, escrevam a Chiara, digam a Chiara, pois eu vim em nome dela». Todos escreveram uma carta maravilhosa! Quando Chiara leu essas cartas, disse: «Agora sim posso dizer que o meu Ideal chegou ao Brasil!» (CALLIARI, 1996V).

Esse primeiro grupo – conta Ginetta (CALLIARI, [s.d.]A), em outra circunstância – representava, para ela, simbolicamente, uma “porção da humanidade” – haja vista a diversificação dos seus componentes – humanidade a quem era destinado o Ideal de Chiara e dela. A responsabilidade pessoal que ela exigia de cada um diante da própria opção, através do ato de escreverem para Chiara, indica a mesma prontidão, que ela entendia ser necessária, a repetirem em suas biografias pessoais a experiência de Chiara, a serem como ela, sozinhos, ou seja a não esperarem nunca simetria nas relações sociais orientadas por eles segundo os valores de amor e dedicação ao próximo.

Inês Melo, 74 anos, a primeira focolarina brasileira, atualmente responsável do Movimento na região Nordeste, lembra, na sua entrevista, que, de fato, quando Ginetta

chegou, encontrou um grupo de pessoas interessadas [no Movimento] mas ela não parou [= não se apoiou] nesse interessamento. Ela caminhou em direção a dar a essas pessoas o Ideal puro mesmo sabendo que algumas, talvez, não ficassem, não perseverassem.

Portanto, constatando que nem sempre se realizavam as suas expectativas em relação às ações sociais desse grupo inicial, Ginetta (CALLIARI, 1991bA) assinala que, mesmo depois das 17 pessoas terem escrito a Chiara comprometendo-se a seguir o seu Ideal, essa comunidade precisava constantemente ser criada e recriada através do amor

dela e dos outros focolarinos, a *Jesus Abandonado* sob o “semblante” das várias dificuldades que encontravam: “Assim – conclui ela – ‘brotavam’ pessoas totalitárias [= radicais]”.

2.1. Releitura dos valores em um novo contexto social e cultural

Ginetta chegou ao Brasil com a clara convicção de que deveria fazer o mesmo que Chiara havia feito em Trento. Para ela isso era também sinônimo de entregar também ela, a outros, como Chiara havia feito com as suas primeiras e primeiros companheiros, o “crucifixo vivo”, *Jesus Abandonado*, que havia transformado a vida de Chiara e deles.

Se em Trento as condições materiais provocadas pela guerra, de desmoronamento de ideais e de projetos de vida, de precariedade de condições materiais de subsistência, constituíram espontaneamente um solo genético fecundo para um estado nascente carismático, agora tratava-se, de certa forma, de provocar o mesmo estado nascente no Brasil, não obstante em condições diferentes.

Na expressão de Mannheim (1967, p. 149), “a tarefa será descobrir se e até que ponto, o mesmo espírito pode fecundar situações totalmente diversas daquelas em que apareceu originariamente”, sendo que – continua o mesmo autor:

Na esfera da experiência amoral, religiosa e cultural, atualidade significa um retorno constante a experiências centrais que transfundem seu espírito nas novas situações. Assim, isso significa renascimento contínuo, uma perene reavaliação e reinterpretação da mesma substância (MANNHEIM, 1967, p. 151).

Quando Chiara fez a ‘descoberta’ de *Jesus Abandonado* como chave de leitura de todos os sofrimentos, esses foram entendidos, primeiramente, no plano dos sofrimentos físicos e morais. Só mais tarde entenderam que também nos sofrimentos da humanidade elas podiam ‘encontrar’ *Jesus Abandonado*. Operou-se, portanto, uma releitura desse aspecto, em contato com novas situações em que o Movimento veio a se encontrar ao longo da sua história.

Quando Ginetta chega ao Brasil, acontece uma ulterior releitura desse mesmo aspecto da espiritualidade do Movimento, *Jesus Abandonado*, em contato, agora, com um meio social de características diferentes da Europa.

Para Ginetta, o impacto com a nova realidade social foi marcante. Antes de vir para o Brasil, ela conta que nunca tinha conhecido a pobreza. Nos tempos da guerra Chiara e elas começaram por servir os pobres mas estes eram pobres por circunstâncias (no caso circunstâncias da guerra) e não pobres como os que ela encontrou aqui, devido a fatores estruturais da sociedade brasileira.

Eu supunha, por exemplo, que todos os doentes tivessem a possibilidade de um leito no hospital; as crianças, de um berço; os velhos, de seu lugar na família ou, pelo menos num asilo. No entanto, encontrei um sem-número deles pelas ruas, pelas calçadas, nas portas das igrejas... sem saberem para onde ir, sem terem meios para sobreviver. Pouco a pouco fui conhecendo o drama de milhares de pessoas de todas as idades e com os mais diversos passados que desembarcam nas grandes cidades em busca de uma chance de sobrevivência (CALLIARI, 2001, p. 13)¹⁴.

Ginetta contou-nos pessoalmente que iam na prisão visitar os presos e, a um deles, que dormia no chão levaram um dos colchões de capim que possuíam, e ele, em sinal de reconhecimento lhes deu uma garrafa de “Baccardi” a qual elas deram de presente a outros presos que, no parecer delas sentiam frio por dormirem no chão. No ímpeto de ajudar os pobres que encontravam nas calçadas – contou-nos ainda -, passavam muitas vezes por dificuldades devido a uma certa ingenuidade por parte delas no trato com eles.

A vinda para o Brasil suscitou em Ginetta uma releitura daquela “entrega” de Chiara, a ela, do “crucifixo vivo”, ampliando a sua compreensão de *Jesus Abandonado*:

[...] eu o encontrei na pobreza do focolare, mas me parece de tê-lo encontrado em uma forma chocante... no povo que eu encontrava pelas ruas, nos pobres... e ali eu... foi se revelando um aspecto de *Jesus Abandonado* que eu não conhecia – eu conhecia mais a parte espiritual dele, aquele abandono de Deus, aquela ausência de Deus, depois nas dores morais, também nas dores físicas, mas não muito. Nas dores físicas eu entendi aqui no Brasil (CALLIARI, 1991b).

¹⁴ Cf. também CALLIARI, [s.d.]. Mimeo, op. cit.

2.2. Homens Novos para uma sociedade nova

Para Weber, o ponto de partida para o estudo sociológico são as ações sociais dos sujeitos. No pensamento desse autor as chamadas “estruturas” da sociedade não passam de uma rede complexa, tecida com os resultados das ações e relações sociais entre os sujeitos. É nessa perspectiva que nos parece possível ler a percepção, presente em Ginetta e nos membros do Movimento dos Focolares, sobre a importância imprescindível de “homens novos” na edificação de uma “sociedade nova”, ou de estruturas sociais novas”. O adjetivo “novo” sublinha o resultado de ações sociais orientadas pelo valor do amor, da fraternidade, da partilha, contrapostos aos considerados “velhos” valores assumidos pela sociedade moderna norteadas pelo individualismo e liberalismo. “Novo” e “velho”, na linguagem dos membros do Movimento, têm relação com a expressão bíblica do “homem novo”, com a qual o apóstolo Paulo designa a pessoa que assume os ensinamentos de Cristo.

Por sua vez, o amor, a fraternidade e a partilha são conteúdos evidenciados na mensagem do Ideal de Chiara, com a qual os membros do Movimento estabelecem relações sociais do tipo carismático.

Ginetta, ao chegar ao Brasil, demonstra ser sensível às solicitações do novo meio social:

Sentí-me tentada a sair pelas ruas e a recolher todos aqueles indigentes. Invadiu-me o desejo de colocar-me no lugar deles para pedir esmolas, de fazer alguma coisa para socorrê-los. [Mas] nós tínhamos acabado de chegar, não possuíamos nada, nem dinheiro, nem a perspectiva de um trabalho imediato. O que poderíamos fazer sozinhos? (CALLIARI, 2001, p. 15)

Quanto ela narra sobre o impacto que a nova situação social lhe causou, remete-nos a quanto Weber (1999a, p. 327) comenta a respeito do carisma; de fato segundo ele “a fé [no carisma] revoluciona os homens ‘de dentro para fora’ e procura transformar as coisas e as ordens segundo o seu querer revolucionário”. Um outro relato de Ginetta ilustra a força dos valores propostos pelo Movimento e que impulsionará ações sociais transformadoras:

Quando cheguei em Recife, no dia 5 de novembro de 1959, foi um choque, para mim, ver a desigualdade social, a discriminação, a fome que transparecia nos rostos. Disse a mim mesma: Aqui não é possível ficar numa atitude passiva. Alguma coisa deve mudar. O que deve mudar? O homem. Pensei: é preciso ter homens com uma mentalidade nova para que nasçam estruturas novas e, conseqüentemente, cidades novas, um povo novo. [...] O nosso empenho é de testemunhar Deus, presente numa comunidade de pessoas prontas a dar a vida umas pelas outras. [...] Não um Deus abstrato, relegado aos céus, mas aquele que aprendemos a “gerar” entre nós, vivendo as palavras de Jesus: “Onde dois ou mais estão unidos no meu nome, eu estou no meio deles” (CALLIARI apud MARQUES, EGMAN, 2001, p. 9).

Num colóquio pessoal com Ginetta ela nos comunicou que, na ocasião da sua chegada ao Brasil, eram recentes na Europa, os episódios que passara para a história como “Primavera de Praga”, e que, então, ela se lembrara das palavras de Pio XII, “Deus, Deus, Deus”. Ginetta relacionava, assim, as conseqüências sociais do comunismo na Europa, e do desequilíbrio na distribuição de riqueza, no Brasil, à mesma causa, isto é à recusa de Deus por parte de um sistema social: no primeiro caso, de forma teórico ideológica, no segundo, de forma prática. A reflexão de Ginetta sublinha a constatação de Weber de que uma das conseqüências da modernidade é o fato de que a esfera religiosa passou a não possuir mais ascendência sobre as esferas econômica e política.

Em outro momento, narrando o mesmo fato, Ginetta (CALLIARI, 1991bA) explicita ainda mais o conceito de *Jesus em meio* pronunciando-se em termos de “um Deus em carne, nas pessoas”.

A nova vida do focolare feminino em Recife começa num apartamento alugado por Vera e Inês na Rua Bruno Maia. A comunidade o havia mobiliado com algumas camas, uma mesa, uma cadeira, um armário, um tapete e um fogãozinho a querosene. Tudo conseguido em empréstimo até que fosse possível adquirir outros.

Ginetta, com o seu típico humor descreve as precárias condições dos móveis, os quais, além de serem poucos tiveram que ser sacrificados (alguns) e jogados fora devido à presença de cupins que, aliás, ela não conhecia até então, e ao não funcionamento do fogão. Quanto ao tapete, alguém foi buscar de volta, - para a alegria de todas, já que não fazia que aumentar ainda mais o calor no interior da casa.

Mas – conta Ginetta (CALLIARI, 1991bA) – para ela tudo isso tinha um sentido, era uma situação “preciosa” porque a ausência material de quase tudo coincidia, para ela, com a “presença” de *Jesus Abandonado*: a desconfortabilidade de ter que varrer continuamente, debaixo das camas, o capim que caia dos colchões, a dor nas costas por terem que se sentar nas camas - havendo uma única cadeira.

E, como em Trento, na Praça dos Capuchinhos, a precariedade do primeiro focolare não era nem percebida por elas, dominadas que estavam pela luz fascinante do Ideal que haviam escolhido, também ali em Recife – continua Ginetta (CALLIARI, 1991bA) -, até Lilú (Maria de Lourdes Mc Dowell)¹⁵, proveniente de uma família tradicional da cidade, não vacilou em deixar sua rica casa para se sentar no chão, quando quis passar a viver com elas no focolare, mesmo a contragosto dos pais.

A economia nesse primeiro focolare e na comunidade ao seu redor, era caracterizada, em parte, por uma economia racional com relação a fins e em parte, por elementos que Weber aponta como característicos de uma economia extracotidiana.

Ginetta tinha partido para o Brasil com 245 mil libras, fruto da comunhão de bens realizada pelos membros do Movimento de algumas cidades italianas onde ela tinha ido, a conselho de Chiara, falar sobre a comunhão dos bens, contar sobre a próxima viagem para o Brasil, e da ajuda de pessoas suas conhecidas anteriormente (Esc Nac 91).

O aluguel da casa era pago com o ordenado de Inês, que trabalhava no Banco e, juntamente com Vera, havia decidido ser uma focolarina, deixando o noivo e os pais. Com a chegada de Ginetta e das outras focolarinas, Inês passou a residir no focolare, junto com elas e, justamente nessa ocasião, o Banco havia aumentado o seu ordenado. Ginetta viu também nisso a “providência” de Deus, porque entre elas recém chegadas, nenhuma trabalhava ainda, e restava, a ser paga, a dívida da outra metade das passagens dos brasileiros que tinham ido para a Itália nos meses anteriores, para participarem da Mariápolis.

A um dado momento – conta Ginetta – as pessoas que vinham não davam importância aos móveis, à pobreza do ambiente, não vinha em relevo tudo isso, somente... era somente luz, era somente sabedoria, era somente viver no sobrenatural, uma atmosfera única. E todos ficavam tocadíssimos. Até que, ouvindo a história de Chiara, as jovens, as mais jovens, com dezessete anos, dezoito anos, elas diziam: ‘Nós queremos fazer aquilo que

¹⁵ Lilú, 68 anos, integrava o primeiro grupo de focolarinas brasileiras. Atualmente é responsável do Movimento em Portugal.

Chiara fez'. E não tinham medo de enfrentar os pais, o trabalho, os estudos. Uma coisa extraordinária. Agora, aquilo que tinha acontecido em Trento com Chiara, estava acontecendo em Recife. Eram jovens lindas, inteligentes, formadas, de boa família, de um certo nível. (CALLIARI, 1991bA).

A primeira Missa que assistiram, recém chegados, foi na Igreja N. Senhora das Graças e durante a cerimônia estava acontecendo um Batismo. Para Ginetta esses fatos eram uma linguagem tácita e simbólica que ela interpretava como um pré anúncio da vida nova que iria nascer no Brasil, com a “chegada do Ideal” e todas as ajudas (=graças) de Nossa Senhora: “Eu disse: ‘É Maria que nos recebe, é aquela que nos dá todas as graças [...] É tudo um símbolo, tudo fala, o Batismo [é sinal] do Ideal que está para nascer, se difundir, colocar raízes (CALLIARI, 1991bA).

Diante da falta de cadeiras e da conseqüente dor nas costas, Ginetta se perguntava “será que Deus não sabe que não temos cadeiras? Será que Ele não pode providenciar as cadeiras?” (CALLIARI, 1991bA). A um dado momento batem à porta e alguém havia deixado quatro cadeiras e dois “cadeirões”. Ainda em tons humorísticos Ginetta narra que nunca tinha visto cadeiras tão ruins que, além do mais, estavam sem o assento. O invisível portador havia deixado junto também pregos e pedaços de lona para torná-las eficientes. Diante das tão sonhadas cadeiras, Ginetta “faz festa”, ou seja, alegre-se e convida todas a fazerem o mesmo, vendo aquele “presente” como resposta de Deus ao pedido que elas haviam feito.

E, nas próprias palavras de Ginetta percebe-se que é a comunidade que, de certa forma, concretiza a “resposta divina”, ilustrando ainda uma vez a nova compreensão do agir de Deus, característica da espiritualidade do Movimento: “não um Deus abstrato, mas em carne, nas pessoas” – como já citado anteriormente. Aludindo a esse início em Recife, ela conclui: “tudo vem do nada, e tudo vem da comunidade, tudo é providência” (CALLIARI, 1991bA).

Esses fatos concretos de “providência” são interpretados por Ginetta e pelas outras como uma constatação da veracidade das palavras do Evangelho, cuja prática leva a esses resultados também no Brasil, como o haviam presenciado em Trento. Tal constatação, juntamente com o “reconhecimento” e amor ao “crucifixo vivo” manifestado nas conseqüências da desigual distribuição de riqueza, constituem o princípio orientador das ações sociais de Ginetta e dos membros do Movimento dos Focolares no Brasil.

No entanto, deparando-se com a situação de miséria da maior parte do povo brasileiro, Ginetta (CALLIARI, 1991bA) percebe a impossibilidade dela e dos membros do Movimento, de resolverem, individualmente, o problema. Conclui então que “somente Deus o pode fazer. Deus é Pai; um Deus que nós temos que apresentar; é um coletivo, são as comunidades [do Movimento]”. E afirma ter assistido a muitos “milagres” na cidade de Recife, resultado da comunhão dos bens realizada entre todos os participantes do Movimento.

No período de carnaval aproveitava-se o feriado para realizarem os encontros da comunidade. No local onde esses encontros se realizavam – conta Inês – precisavam pedir para os participantes trazerem além das roupas de cama e banho, também um prato, talheres e um copo. A água para cozinhar vinha de uma mangueira adaptada para esse uso e era a mesma que fazendo passar para fora, pela janela servia como “lavabo” para as mãos antes das refeições. “Faltava tudo mas todos estavam contentes”: Ginetta (CALLIARI, 1991aA) relaciona essa lembrança ao período inicial em Trento quando, ao redor delas havia a guerra mas a vida do grupo unido pelo novo Ideal era tão forte e intensa que elas nem se aperceberam do término da guerra.

Para Ginetta - afirma Inês – era importante realizar muitas reuniões porque ela estava convencida da necessidade de formar “homens novos”. Falando da urgência na resolução dos problemas relativos à distribuição de riqueza, Inês relata o raciocínio de Ginetta segundo o qual “não bastava ‘passar uma pomada na ferida’ mas era necessário fortificar o ‘corpo’”. Isso significava que se os projetos sociais não fossem resultado de ações sociais de pessoas renovadas pelos valores da fraternidade, de uma cultura da partilha e não do egoísmo, nenhuma mudança social poderia acontecer. Então os encontros eram necessários porque representavam a ocasião para os membros do Movimento manterem sempre sólidos os vínculos de coesão entre si e aos valores partilhados.

Enquanto Marco, logo que chegou, retirou-se por um mês para aprender a língua portuguesa, Ginetta optou por começar logo a falar nos Encontros com a ajuda da tradução. Este particular sublinha o caráter de Ginetta, forte, decidido, que lhe conferia – nas palavras de Marco – uma capacidade “paulina [relativo a Paulo o apóstolo de Jesus], de ir para frente como um trator”.

Esse estilo de Ginetta às vezes provocava incompreensões por parte de alguns, dando margens a uma avaliação dela como pessoa individualista, independente, mas – continua Marco – “foi esta personalidade dela que a ajudou a levar adiante tudo”. O

depoimento de uma nordestina daqueles primeiros anos vai também nessa direção quando reconhece a personalidade forte e empreendedora de Ginetta, marcada pela cultura trentina, como tendo sido adequada para tratar com o povo nordestino, quase como se exatamente o choque cultural entre duas tendências diametralmente opostas em alguns elementos, residisse uma energia social criadora.

Uma constante nos depoimentos sobre Ginetta é o reconhecimento, nela, de uma fé fora do comum. Assim contam-nos em entrevista, Gehilda Cavalcante¹⁶, Ines Melo, Violetta Sartori, Carla Marquesoni¹⁷, Maria de Jesus Flores¹⁸, sendo que em alguns aparece o termo “fé carismática” (Giorgio Marchetti¹⁹, Angelino Rodante²⁰, Luis Eduardo de Oliveira²¹), onde o termo “carismática”, empregado conforme o senso comum, está a indicar uma fé no poder das palavras do Evangelho, na providência de Deus, que ultrapassava o nível comum encontrado normalmente nos cristãos, uma fé que tocava os limites do extraordinário.

Ela acreditava fortemente no poder da oração feita em unidade, [isto é, em grupo], possuía uma fé inquebrantável (MARCHESONI, Entrevista). A sua fé era “certeza”, como se vê em poucas pessoas (FLORES, Entrevista). “Nela [em Ginetta], você via a fé que transporta as montanhas [alusão ao texto evangélico]. Lembro-me que ela nos ensinava [a rezar com] aquela fé ‘de já ter obtido’ [o que se pede na oração] (SARTORI, Entrevista). “Quanto mais difícil [era a situação] mais ela acreditava” (FLORES, Entrevista).

¹⁶ Gehilda, 62 anos, conta entre as primeiras focolarinas do Brasil. Atualmente é responsável do Movimento na região Norte do Brasil, juntamente com Dorival Spatti.

¹⁷ Carla, 70 anos, integra um dos Centros de direção do Movimento em Roma, e morou no focolare com Ginetta nos primeiros anos do Movimento, em Trento.

¹⁸ Maria de Jesus, 52 anos, é de nacionalidade portuguesa. Chegou no Brasil em 1976 e esteve ao lado de Ginetta durante 25 anos.

¹⁹ Giorgio, focolarino, 79 anos, médico, foi responsável do Movimento ao lado de Ginetta, por um período e atualmente integra um dos Centros de direção do Movimento em Roma.

²⁰ Angelino, 73 anos, foi um dos dirigentes na região Nordeste, nos primeiros anos do Movimento no Brasil. Atualmente integra um dos Centros de direção do Movimento em Roma.

²¹ Eduardo, 59 anos, jornalista, é focolarino e um dos dirigentes do Movimento na Mariápolis Ginetta.

Na sua vida, segundo os depoimentos, “o impossível tornava-se possível, o difícil tornava-se fácil” (RODANTE, Entrevista), as dificuldades não representavam obstáculos mas um “trampolim” (MELO, Entrevista) que permitia passos ainda maiores e mais à frente. “Ela tinha os pés na terra e a cabeça no céu; porque as coisas que ela falava não são da terra mas com uma aplicabilidade terrena muito grande” (ROTTA, Entrevista).

Karina Gonçalves²², 19 anos, em entrevista, fala da sua admiração por Ginetta, a qual, durante os Encontros com as jovens as impulsionava a imprimir um sentido a cada ação, realizando-a de modo mais perfeito possível, até o simples ato de enxugar o banheiro, por exemplo. Ginetta – continua Karina – “colocava o extraordinário dentro do comum”.

Antonio Caldas²³, engenheiro, possui uma percepção de Ginetta semelhante às já mencionadas acima, quando afirma que uma característica dela é que

não perdia [nenhuma palavra], não jogava palavra ao vento. Cada instante, cada momento da vida dela ela se concentrava em [...] viver bem, em fazer a vontade de Deus realmente, em cada ato, em cada atitude, em cada momento (CALDAS, Entrevista).

Talvez sejam esses elementos da personalidade de Ginetta, marcada também pela sua relação social com Chiara e o grupo dos membros do Movimento, com quem partilhava o Ideal da unidade, como princípio orientador de suas ações, que conferiam um certo fascínio à sua pessoa e ao seu agir.

Violetta narra a impressão causada pela pessoa de Ginetta ao empregado do bar do navio durante a viagem para o Brasil. Ele perguntava às outras: “Quem é aquela pessoa? É diferente de todos; ela tem alguma coisa...[que ele não sabia como explicar]”.

Angelino, numa linguagem metafórica, colorida afirma que “Ginetta transmitia uma convicção, arrastava os outros a [fazerem] as sua opção, com o seu exemplo”. Expressões semelhantes encontramos também no depoimento de Inês quando, referindo-se à determinação que Ginetta tinha em realizar o projeto *EdC*, afirma que ela conseguia mover os vários dirigentes do Movimento, ao longo dos anos, na direção da

²² Karina é uma gen 2, estudante, residente no município de Caucaia, nas proximidades da Mariápolis Ginetta.

²³ Antonio, 63 anos, é um aderente do Movimento, engenheiro, professor, e reside na Mariápolis Ginetta com a esposa Gina, 63 anos.

mesma compreensão que ela tinha. “Conseguia nos... - não sei se é essa a palavra: arrastar, ou levar – ela conseguia nos levar a esta dimensão de ardor, de certeza...”.

O segredo de Ginetta - é uma convicção dos membros do Movimento no Brasil - era o seu relacionamento com Chiara, uma relação social que – como já acenado – constituindo entre elas uma comunhão, era efetiva mesmo à distância. Na leitura que geralmente se faz internamente ao Movimento – e não somente no caso de Ginetta com Chiara, mas de qualquer relação social nesses moldes, orientada pelos valores contidos na espiritualidade do mesmo – é *Jesus em meio*, com o seu Espírito, possível mesmo à distância, entre duas ou mais pessoas, que “opera milagres”.

De fato quando Ginetta chega ao Brasil, os meios de comunicação ainda não eram tão ‘democratizados’, e o uso do telefone ainda não era costumeiro - sobretudo para as ligações internacionais – aliás era proibitivo pelas condições econômicas daquele primeiro grupo de focolarinos. Eles encontravam-se distantes do Centro do Movimento na Itália e às vezes passavam meses sem receber notícias. Desse modo – afirma Giorgio, vindo para o Brasil em outubro de 1961, “precisavam viver em unísono com ela [com Chiara]”. E para isso “Ginetta – afirma ainda Giorgio. – movia-se sempre atenta, como se possuísse uma antena procurando captar as sugestões de Deus” para agir em cada situação.

De fato, a missão de Ginetta no Brasil é legitimada pelo seu envolvimento direto no início do Movimento na Itália e seu desejo externado repetidas vezes de “ser um canal transparente do carisma de Chiara”. De fato, as primeiras companheiras de Chiara - protagonistas da difusão do Movimento - foram sempre consideradas, pelas gerações que se seguiram, guardiãs oficiais da memória do mesmo.

No relacionamento de Ginetta com Chiara, é perceptível uma proximidade social definida pela comunhão de intentos, de significações, de objetivos e de métodos, que nada tem a ver com as coordenadas geográficas. Ela trazia sempre consigo as palavras de Chiara quando da sua viagem para o Brasil em 1959:

Eu acredito em um telefone sem fios, porque quando eu deixei Chiara, ela me disse pela primeira vez, em 1959: “Você pode deixar a Europa e até o focolare onde morava comigo, porque eu acredito naquele telefone sem fio já que você não terá a possibilidade de ter um relacionamento constante comigo. Você pode tê-lo mediante este telefone sem fios que é o Espírito Santo” (CALLIARI, 1999aA).

Violetta lembra que antes de partirem para o Brasil, durante um Congresso Mariápolis, Chiara, referindo-se à iminente viagem do grupo para o Brasil, dizia:

Eu poderia dizer a eles: ‘Vão, comecem, depois eu irei e veremos juntos como fazer, como não fazer, os progressos, os fracassos, veremos juntos, com *Jesus entre nós*’. Eu não prometo isso, porque não é isso que vale para levar o Ideal. Para levar o Ideal, eu lhes dou o viático, isto é, *Jesus Abandonado* (LUBICH apud SARTORI, Entrevista).

Ainda sobre o relacionamento de Ginetta com Chiara, ela explica a um grupo do Movimento o “segredo” da sua “unidade” com Chiara, mesmo à distância, dizendo que assim como Chiara “está sempre em Deus”, “se nós estamos em Deus estamos em Chiara”; “basta viver a Palavra” (CALLIARI, 1998A). Este “estar em Deus” indica a assunção de valores contidos no Evangelho(= “Palavra”) que traz como consequência uma relação social com Chiara (= “estar em Chiara”) de reciprocidade total baseada na comunhão dessas mesmas significações valorativas.

Recife, portanto, era o centro de onde se partia para levar o Ideal da unidade também nas demais capitais nordestinas: João Pessoa, Maceió, Salvador, chegando até Belém, S. Luiz, Manaus, no norte do Brasil.

Ginetta – conta Inês – visitava as cidades para ir levar o Ideal, ia pelos colégios, ia para Garanhuns, Pasqualina, cidades mais distantes e “não sabíamos onde buscava forças para sustentar a formação de todos”.

Não só Ginetta, mas todas as focolarinas e focolarinos viajavam para levar o Ideal da unidade. Quase sempre, naqueles primeiros anos, também as viagens eram marcadas por condições externas que guardam semelhanças com uma situação de estado nascente carismático, no qual os indivíduos estão prontos a tomar iniciativas corajosas, marcadas por uma ética de convicção que elabora cálculos orientados por valores partilhados pelo grupo e não seguindo “o bom senso” comum - se tomarmos a expressão no sentido de ações racionais em relação aos fins.

Nesse contexto, Darci Rodrigues²⁴, focolarina de Recife, que conheceu o Movimento em 1962, conta em entrevista a Ekkehard, que em uma dessas viagens que devia empreender para Cajazeiras, ela partiu tendo em mãos apenas o sobrenome de

²⁴ Darci, 60 anos, professora, conta entre as primeiras focolarinas brasileiras, e atualmente integra, juntamente com Enzo Morandi, o Conselho central do Movimento para todas as regiões brasileiras, residindo parte do ano em Roma e parte na Mariápolis Ginetta.

uma família. O avião – cuja passagem ela havia ganho – pousou em meio ao cerrado e ela só conseguiu chegar até a casa dessa família porque, afortunadamente, algumas moças que viajavam no mesmo avião, conheciam aquela família. De Cajazeiras ela partiu de ônibus para Fortaleza tendo apenas o número telefônico de uma outra família indicada por um jornalista. “A gente fazia cada coisa!” – comenta Darci -. Eu só me lembro de ter chegado nesse cerrado, nesse sertão. Eram aventuras!”

Habitualmente, os focolarinos, no início, viajavam quase sempre tendo em mãos apenas a passagem de ida. Para a volta “Deus teria providenciado”. E Giorgio afirma que aconteciam “milagres da providência”.

O ano de 1960 marca a viagem para a Itália das primeiras jovens que haviam optado pela vocação à vida em focolare, com o objetivo de transcorrerem ali um período de formação específica. Da parte masculina os primeiros partiram, pelo mesmo motivo, em 1963.

O atual Instituto Superior de Cultura *Misticzy Corporis* em Loppiano (Florença), que prepara em dois anos aspirantes focolarinos de ambos os sexos, provenientes dos vários países, com disciplinas teológicas e sociais, antes que partam para as várias localidades do mundo a serviço integral do Movimento, teve seu início em Grottaferrata (Roma), justamente em vista desse primeiro grupo de brasileiras.

Para a viagem, novamente a “Providência” teria que intervir porque o Centro do Movimento, em Roma, poderia ajudar somente com a metade do valor. Ginetta então, imediatamente articula uma estratégia: escreve para uma das pessoas italianas que a havia ajudado na sua vinda para o Brasil; vai até o Arcebispo de Recife, o Bispo de Caruarú, de Garanhuns. Além da ajuda conseguida através dessas pessoas, houve também a comunhão de bens realizada entre os membros do Movimento, para inteirar o valor das passagens.

A comunidade ia adquirindo sempre mais o hábito da partilha, da comunhão de bens em vista de uma ajuda recíproca nas várias necessidades, e isso foi aos poucos tornando-se um estilo de vida da comunidade.

Jovens e idosos, adultos e crianças, pobres e ricos dispunham—se a dar tudo de si para realizar o Mandamento de Jesus: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei (Jo, 15,17). Até os mais pobres, nesse clima de fraternidade, tinham algo para dar, ainda que, em alguns casos, esse dar significasse comunicar as próprias necessidades. Desencadeou-se uma

verdadeira competição de amor para que nunca faltasse o necessário a ninguém. (CALLIARI, 2001, p. 20-21).

Na comunidade que foi se formando, os valores propostos pela espiritualidade do Movimento geravam, paulatinamente, ações sociais simétricas, definidas com a expressão típica dos membros do Movimento, de “amor recíproco” – como já acenado no II Capítulo. Nesse processo, os resultados dessas ações sociais orientadas pelos valores, são interpretadas como intervenções de Deus, como ilustra a seguinte narração de Inês, na qual ela relaciona e identifica na ação da comunidade em favor de seus membros, como a resposta de Deus que dá “cem vezes” mais a quem doa algo por amor a Ele ²⁵:

Eu me lembro – conta Inês – que teve um ano que uma [senhora] sentiu [o impulso] de ajudar as focolarinas que iam para Roma, e deu um par de sapatos – ela era pobre, cozinheira em uma casa. Então, no outro ano, se fez uma comunhão de bens para que ela também fosse a Roma [para um Congresso] porque assim seria o “cêntuplo” do par de sapatos que ela tinha dado. E realmente ela foi.

Nessa primeira comunidade, a situação social que se instaura, possui equivalentes com a situação paradigmática de Trento. Nas novas condições brasileiras a ausência de distinções profissionalizantes, étnicas, de status, ou de classes sociais – se por classes entendemos, com Weber, o nível de possibilidade de aquisição de bens no mercado. Na situação de ‘estado nascente’ todos podem ser “mestres” independentemente das categorias sociais a que pertence. É ainda Inês a narrar um episódio acerca da cozinheira acima citada:

Um dia – para dizer a força que tinha essa senhora [que era negra] – ela contou a experiência dela [=depoimento pessoal] na Mariápolis em Garanhuns. E então um médico diz: ‘eu queria exercer a minha profissão de médico como Izabel [...] vive a sua profissão de cozinheira’ – porque ela amava a todos, era um exemplo típico do amor [ao próximo].

²⁵ Cf. Evangelho de Mateus, 19,29.

No primeiro focolare a “providência de Deus” também chegava, conta Inês, como resultado da “comunhão de bens” entre os membros da comunidade, e a casa ia se modificando: chegava um guarda-roupas, uma mesa, outra cama.

Em maio de 1960, Padre Pasquale Foresi, focolarino entre os primeiros, tornado, por desejo e convite de Chiara, co-responsável com ela pelo Movimento em geral e pela parte masculina em particular, quis vir ao Brasil para conhecer pessoalmente a comunidade nascente. Em três dias – conta Ginetta (Esc Nac gen vol 91) – organizou-se uma Mariápolis com a participação de 250 pessoas (CALLIARI, 1991bA)²⁶.

As condições nas quais se realizou esse Congresso ilustram, a nosso ver, ainda outros elementos que levam a pensar que nos encontramos diante de um ‘estado nascente carismático’. Não sendo dias feriados, havia o risco de que os participantes perdessem o próprio emprego. Ginetta lembra-se que, ao fazer presente a P. Foresi essa situação, ele observou: “Eu não convido aqueles que não têm dificuldades. Eu convido aqueles que têm dificuldades, e aqueles que mais têm dificuldades ainda são os convidados”. Com tal afirmação ele queria, talvez, testar a radicalidade da adesão ao Ideal do Movimento por parte da comunidade; adesão esta que seria medida pelo grau de presença de uma ética de convicção nas ações sociais dos membros.

E Ginetta conclui: “Parece incrível, vieram todos para essa Mariápolis, não aconteceu nada [=ninguém perdeu o emprego]”. Segundo Ginetta, esse fato demonstrou a P. Foresi como, em pouco tempo, essas pessoas “estavam bem enraizadas na espiritualidade”. Nas palavras de Ginetta está implicitamente contida, ainda, uma alusão ao “cêntuplo” prometido pelo Evangelho às pessoas que “procuraram o Reino de Deus” (Cf. Evangelho de Mateus 6,33) optando por doarem virtualmente a Ele o próprio emprego - correndo o risco de perdê-lo - no ato de participarem do Congresso.

Voltando para Roma, P. Foresi relatou a Chiara e ela quis vir ao Brasil, no final de abril de 1961, para conhecer essas pessoas. Nesse íterim, em novembro de 1960, chega no Brasil, para substituir Marco – cuja saúde encontrava-se comprometida – Giorgio Batisti.

Chegando ao Brasil, Chiara conversou com cada uma das jovens que queriam se consagrar a Deus vivendo no focolare, e percebeu que a casa era pequena demais. Saiu então – conta Ginetta – pelas ruas de Recife a procura de uma mais adequada para o número das focolarinas. Encontrou-a na Avenida João de Barros.

²⁶ A precisação do dado numérico encontra-se em MORANDI, E. *Autobiografia*, [s.d.] Mimeo.

2.3. Projetos Sociais. A *Ilha do Inferno* transforma-se em *Ilha Santa Terezinha*²⁷

Ilha do Inferno, assim era denominado um dos bairros de Recife constituído por mocambos (favelas), devido às precárias condições habitacionais dos seus moradores, agravadas ainda pelas conseqüências das constantes inundações do rio Capibaribe por ocasião das cheias.

Ginetta (2001, p. 25-26) relata que os primeiros contatos com os habitantes da Ilha deram-se por intermédio de padre Bernardo, um jesuíta que dedicara parte de sua vida à evangelização dos moradores. Foi ele quem convidou a comunidade do Movimento a trabalhar na escola que havia iniciado, alegando que sendo o Movimento dedicado a Maria [=Nossa Senhora], ele queria “entregar” o trabalho que tinha feito até então, a Ela. A respeito disso Padre Enrico Peppe²⁸, contou-nos, em entrevista:

Eu via Ginetta que quase chorava sentindo a impotência de resolver, com os nossos meios, problemas tão enormes. E o que era relevante nos diálogos com ela é que nós não podemos resolver os problemas sociais com os nossos meios, mas poderíamos preparar algumas pessoas do lugar que fossem capazes de criar uma sociedade diferente, ou seja, o que precisava mudar era o tipo de relacionamento entre as pessoas.

No início, de fato, os focolarinos pensavam que ajudar significava somente levar aos habitantes da *Ilha*, bens materiais. Mas, ao contrário do previsto, ao invés de levar-lhes alegria, acabavam criando ocasião de litígio entre eles, os quais começavam a disputar entre si a posse de um ou outro desses bens. Os focolarinos entenderam, então, - continua P. Peppe - que a função do Movimento ali não era tanto, ou primeiramente, levar bens materiais, mas sim impulsionar as pessoas a se relacionarem entre si de modo diferente, ou seja, de modo que, mesmo numa situação de privações materiais, pudessem se ajudar mutuamente, movidas pelo “amor recíproco” como ensina o Evangelho.

²⁷ Cf. CALLIARI, 2001, op. cit. para a história mais detalhada dos relacionamentos com os moradores da Ilha e relatos orais dos mesmos.

²⁸ Padre Peppe, 71 anos, é sacerdote focolarino e integra um dos centros de direção do Movimento em Roma.

Depois de algum tempo que se orientavam nessa direção, constataram que quando chegavam na *Ilha* levando ajuda material, eram as próprias famílias da *Ilha* que administravam a partilha dos bens, orientadas pela preocupação e interesse pelas dificuldades e necessidades umas das outras.

A um certo ponto – conta ainda ele – Ginetta começou a perceber que a comunidade do Movimento encontrava-se dividida em duas partes: de um lado membros provenientes, em prevalência, da classe média e, de outro, membros que viviam na *Ilha do Inferno*. Entre as “duas comunidades” não havia um relacionamento direto. A condição de marginalização social no contexto cultural de Recife, marcava as subjetividades também no interior do Movimento: os seus membros provenientes da classe média estavam convencidos – por essa herança cultural – que o ambiente da *Ilha* era perigoso pelo risco de ali se contrair doenças, pelo risco de serem roubados, risco de agressão física, justamente por pertencerem a outra classe social. Assim, muitas dessas pessoas nunca haviam visitado um daqueles mocambos.

Ginetta e os focolarinos decidiram então realizar um encontro com a comunidade de classe média convidando-os a uma opção: ou freqüentar a comunidade dos mocambos, estabelecendo um relacionamento de fraternidade com eles, ou não poderiam mais fazer parte do Movimento, pois esse não poderia subsistir constituindo-se em duas comunidades, uma rica e outra pobre, não seria coerente.

E todos – continua P. Peppe – aceitaram de dar esse passo de estabelecer relações sociais baseadas no amor e na ajuda fraterna com a comunidade dos mocambos.

Na comunidade de classe média, havia também – lembra P. Peppe – uma moça recém formada em medicina, filha do Governador de um dos Estados nordestinos. Era noiva de um rapaz filho de um Cônsul. Ela também foi colocada diante da necessidade de optar entre ir aos mocambos ou deixar de freqüentar o Movimento. Ela “não pensou duas vezes” e foi até os mocambos. Encontrou uma forte oposição por parte dos familiares e do noivo, os quais nutriam o temor de que ela contraísse alguma doença ou sofresse alguma agressão devido ao seu *status* social. No entanto, até o noivo acabou por acompanhá-la, em seguida, nessas visitas, resultando para eles numa “riqueza espiritual” – afirma P. Peppe – o conhecimento direto da situação de pobreza pela qual aquele povo passava, bem como dos sentimentos e os valores que norteavam suas vidas.

Foi um caminho longo e não fácil, de ambos os lados, pois as mudanças culturais das personalidades não são instantâneas. A comunidade dos mocambos

inicialmente os acolhia com desconfiança – explicava Ginetta a P. Peppe o qual sofreu pessoalmente essa desconfiança - porque os moradores estavam habituados a serem tomados, por jornalistas curiosos, como simples objeto de programas e notícias televisivas, o que os fazia se sentir desrespeitados e portanto feridos na sua dignidade.

A ocasião de uma enchente fez o papel de catalisador nesse processo de mútua estima. Tendo sabido da notícia do alagamento dos mocambos, muitos foram em socorro da população. E Padre descreve a situação:

Precisava entrar na água, pegar as crianças, pegar os idosos para levá-los ilesos. Para eles [os moradores da Ilha], essa foi a prova de que realmente nós queríamos bem a eles, porque estávamos dispostos a dar a vida por eles. Daquele dia em diante a *Ilha do Inferno* transformou-se nos relacionamentos e quando íamos lá era como ir à nossa casa.

Pitoresco o caso de Francisco, jovem pai de família, barbeiro desocupado. Ginetta – conta P. Peppe – mobilizou toda a comunidade do Movimento para encontrar um emprego para ele na cidade. Mesmo assim o seu problema não se resolveu pois a barbearia que se dispôs a reservar-lhe um ponto de atendimento era “de luxo” e os clientes nunca se apresentavam à cadeira de Francisco. Desse modo o patrão chamou alguém da comunidade e comunicou que não seria mais possível a permanência de Francisco ali.

Ginetta teve então uma idéia, definida por P. Peppe “genial”, observando que era melhor encontrar-lhe um lugar menos “de luxo” mas garantir-lhe também a clientela. Esses seriam os membros do Movimento.

Médicos, engenheiros, sacerdotes, desfilavam em série diante da barbearia procurando pelo barbeiro Francisco, já que nem todos o conheciam pessoalmente. O fato despertou inveja nos seus colegas os quais passaram a não mais indicar a sua cadeira a quem procurava por ele, alegando não o conhecerem. Mas devido à insistência dos clientes, Francisco acabou por conquistar a estima social, afirmando-se naquele ambiente de trabalho. Compôs até uma canção na qual narrava a sua história de vida, a história de “Zé ninguém”: devido o amor de outras pessoas, o senhor “Zé ninguém” havia se transformado em “Alguém”.

Num relato de Francisco emerge a internalização dos valores propostos pelo Movimento, que havia se operado nele e que o impulsionava a ações sociais motivadas pelos mesmos:

Na barbearia – conta Francisco – era uma surpresa depois da outra: um dia, eu não tinha conseguido fazer quase nada. Por volta das cinco horas da tarde, chegou um homem. Vinha um bocado bêbado e queria fazer a barba, mas não tinha nenhum dinheiro. O dia seguinte era o dia da feira... O que eu podia fazer? Pensei: Faço. Enquanto eu estava fazendo a sua barba ele me disse: ‘Vou dar um presente para você’. Era uma cruz de madeira. Este presente eu carrego até hoje no bolso. Fui assistir à Missa e, quando cheguei à igreja rezei: ‘Meu Deus, eu te entrego este problema... Não sei o que fazer. Amanhã é o dia da feira e não tenho dinheiro’. Quando voltei à barbearia, havia uma pessoa esperando por mim. Fiz a barba dele e ele me pagou. Depois chegou um mendigo. Parecia que Deus queria me mostrar que tem gente em piores condições do que eu. Ofereci um pedaço de pão que tinha levado. Ele comeu e saiu. Um senhor que me observava disse: ‘Olhe, desse jeito você vai morrer de fome! Vê esse poste? É mais alto do que você e cai’. ‘Eu conheço Alguém que é bem mais do que esse poste e não cai, respondi. E no dia seguinte, vi a resposta de Deus. A quantia que eu ganhei superou dois dias de trabalho e assim pude fazer a feira. (apud GINETTA , p. 181-182).

Com o nascimento de outros filhos o trabalho de barbeiro tornou-se insuficiente para o sustento da sua família e então ele começou a trabalhar numa indústria de papel. Em uma ocasião, - conta ele – enquanto pesava o papel, o chefe propôs-lhe que fraudasse no peso. Para tanto ele teria pago algo para Francisco. “Não aceitei – conta ele - , mesmo sabendo que eu arriscava perder o emprego. Estava pronto a voltar à miséria dos mocambos, porque agora sei que não são os bens materiais que pagam a felicidade” (apud. CALLIARI, 2001, p. 183). Algum tempo depois passou a ser chefe da sua seção.

Depois de algum tempo a comunidade do Movimento da *Ilha do Inferno*, “rebatizada” por eles *Ilha Santa Terezinha*, incentivou a constituição de uma *Associação de moradores*. É através desse Ente legal que os habitantes da *Ilha* têm conseguido, junto aos Órgãos públicos, verem respeitados os seus direitos de cidadãos, obter melhorias habitacionais e outros, bem como também conter a especulação imobiliária interessada na expulsão das famílias da Ilha.

Na avaliação de P. Peppe, a Ilha tornou-se um “laboratório” onde se podia constatar o que pode fazer a mensagem do Evangelho quando orienta as ações sociais das pessoas.

Outros projetos sociais, no Brasil, surgiram devido às ações sociais de pessoas motivadas pela acolhida do “crucifixo vivo” e da espiritualidade do Movimento e, que aos poucos, foram dando vida a relações sociais sempre mais amplas e contínuas, com a formação de sujeitos transformadores do social a partir de suas próprias comunidades²⁹.

Entre os 100 existentes atualmente, salientam-se os projetos:

1) *Comunidade de Magnificat* em Itapecurú no Maranhão, uma comunidade agrícola em forma de cooperativa formada por mais de 500 famílias de posseiros. O Movimento providenciou a formulação jurídica da iniciativa constituindo o Serviço comunitário (SERCOM) que, em parceria com a Associação dos Lavradores, promove inúmeras iniciativas tendo em vista a elevação da qualidade de vida do homem rural e a garantia de seus direitos sociais.

2) *Bairro do Carmo* em S. Roque (SP), ex-quilombo de resistência cultural, a localidade foi relegada ao estado de abandono dos negros após a promulgação da Lei Áurea. Desde 1978 o Movimento realiza um trabalho de promoção humana entre os habitantes, na maioria descendentes de escravos, com várias iniciativas que promovem o auto-desenvolvimento da população.

Mais recentemente, suscitou grande interesse o projeto *Economia de comunhão na liberdade*, lançado em 1991 aqui no Brasil, e que constitui objeto de atenção do IV Capítulo da presente pesquisa.

2.4. O Centro Mariápolis Santa Maria

Em 1961, Ginetta e Giorgio (MARCHETTI, Entrevista), co-responsável do Movimento na época, começaram a perceber que se fazia necessário um Centro Mariápolis, já que o Movimento encontrava-se muito difundido no Nordeste e os locais obtidos por empréstimo para os congressos apresentavam muitas dificuldades práticas. Esse Centro sediaria encontros de formação para os membros do Movimento de todas as cidades da região. Todos os membros do Movimento foram então convidados a fazerem

²⁹ Cf. as três obras de Ginetta Calliari já mencionadas, contendo vários relatos de história oral de ações sociais dos membros do Movimento no Brasil, orientadas pelos valores, por este, propostos.

uma comunhão de bens e a desenvolverem idéias para conseguir recursos com o objetivo da compra de um terreno e da construção do Centro.

Em 1964 Chiara vem ao Brasil para encontrar-se com os membros do Movimento, bem como para conhecer o terreno que tinha sido proposto para abrigar o futuro Centro Mariápolis. Chiara não o achou conveniente, recomendando a Ginetta que não se preocupasse, então, com o terreno, mas somente com os encontros de toda a comunidade, naqueles dias de sua permanência no Brasil.

No entanto, isso representava um sofrimento para Ginetta. Não se rendendo diante dessa primeira tentativa frustrada, colocou-se de acordo com as focolarinas para continuarem a rezar para que Deus manifestasse outra alternativa. Refletindo, ela chegou à conclusão que Chiara lhes havia dito para não se preocupar em procurar mas não havia dito para não “continuar a pedir a Deus” (CALLIARI, 1993A).

Eram os últimos dias da permanência de Chiara em Recife. Uma das focolarinas chegou do trabalho com a notícia de que o seu chefe havia proposto a possibilidade de um outro terreno de seu conhecimento. Sabendo disso Chiara quis vê-lo. Achou-o bonito e adequado para a sua função, segundo ela o terreno “tinha vocação” para ser um Centro Mariápolis – conta Ginetta (CALLIARI, 1992bA). Inês lembra que, para festejarem o acontecimento, fizeram um bolo com uma frase escrita em cima: “Que todos sejam um” e, servindo-se do capô do carro como mesa, o comeram junto com Chiara no terreno.

Durante uma viagem de Ginetta a Roma, alguns meses depois, Chiara perguntou-lhe se estavam já pensando na construção do Centro Mariápolis, se tinham o dinheiro para tanto. Ginetta respondeu-lhe que haviam conseguido o valor de 850 - na moeda brasileira em vigor na época.

O diálogo que seguiu-se entre ela e Chiara, assim como referido por Ginetta (CALLIARI, 1992bA), ilustra as características de uma Ginetta discípula de um líder Carismático:

Chiara: - Mas você sabe que só para pensar em construir um centro Mariápolis são necessários 50 milhões?

Ginetta: - Chiara, é vontade de Deus [a construção do Centro Mariápolis de Recife]?

Chiara: - Sim.

Ginetta: - Chiara, eu tenho 50 milhões.

Chiara: - Mas como? Você tem alguma previsão?

Ginetta: - Chiara, eu tenho 50 milhões.

Na verdade Ginetta não possuía os 50 milhões, mas no seu discurso vemos expressa aquela “fé carismática” da qual falavam alguns depoentes sobre a sua vida, e diante da qual “o impossível tornava-se possível”, o “difícil tornava-se fácil”, que lhe conferia certeza de sucesso nos empreendimentos.

As condições de possibilidade da construção do Centro Mariápolis deixam entrever, ainda uma vez elementos de economia extracotidiana que caracterizava o grupo no “estado nascente” no Brasil.

Ainda antes de voltar para o Brasil, daquela vez, ela começa a se mobilizar para conseguir o dinheiro para a construção. Tenta vender, como objeto exótico, uma pele de jibóia que tinha ganho de presente de alguém da Ilha de Marajó; convidava as focolarinas que encontrava, para fazerem um *consenserint*³⁰, oração cuja eficácia era, para Ginetta, uma certeza. Em uma viagem de trem encontrou-se com a viúva do arquiteto que havia construído o Centro Mariápolis de Roma, com o filho de cerca 6 anos. Ao narrar-lhe sobre o projeto da construção em Recife, essa senhora prometeu-lhe doar uma quantia que deveria receber dentro de alguns dias, e o menino, depois de cochichar no ouvido da mãe, disse que ele também queria doar uma moedinha estrangeira em sua posse e à qual era muito afeiçãoado.

Ao lembrar, comovida, o episódio, Ginetta o relaciona simbolicamente a quanto narra o Evangelho a respeito do “óbolo da viúva pobre”³¹ fazendo a doação no Templo, do único dinheiro que possuía, deu mais, aos olhos de Deus do que os ricos que deram somente parte do que possuíam). Para Ginetta, aquela senhora viúva e o filho órfão adquiriam a significação de *Jesus Abandonado*, devido à condição de sofrimento de ambos pela perda, respectivamente, do marido e do pai. Portanto, para ela aquela doação feita por eles era um pré anúncio simbólico de que o Centro Mariápolis começava com alicerces sólidos. De fato, mais tarde, falando sobre a sua história de vida a um grupo (CALLIARI, [s.d.]A), Ginetta fala sobre o amor a *Jesus Abandonado* em termos de “alicerce” de uma Obra de Deus, como o é o Movimento dos Focolares.

De retorno ao Brasil, Ginetta conta que fizeram ainda rifas (aliás ela afirma que isso foi uma aquisição cultural do Brasil, pois antes ela não conhecia esse costume), entre as quais a de uma toalha muito valiosa que fazia parte do ex enxoval de Inês. O sorteado foi um membro da comunidade que a doou novamente para uma nova rifa.

³⁰ Expressão corrente entre os membros do Movimento significando a oração de pedido feita junto com alguém, “em nome de Jesus”.

³¹ Cf. Evangelho de Lucas, 21,3.

Giorgio narra que às vezes havia diferença entre o desenvolvimento da parte feminina do Movimento e da parte masculina, então, juntos, ele e Ginetta procuravam sempre entender qual fosse a “vontade de Deus”, ou seja, como deveriam agir. “Com Ginetta – afirma ele – havia um belíssimo relacionamento, realmente fraterno, de unidade e de distinção”. Portanto, automaticamente acontecia de terem que distinguir as tarefas de cada um.

Do centro do Movimento, em Roma, receberam a recomendação de começarem no Brasil a edição em português, da revista *Città Nuova*. Ginetta - conta Giorgio – disse a ele: “Eu me ocupo do Centro Mariápolis [em via de construção], em continuar o trabalho [do Movimento] aqui e, se for necessário fazermos a revista, o único lugar para isso é S. Paulo”.

Assim em 1963, dois focolarinos (Gianni Busellato³² e Henrique Aragão³³, brasileiro recém tornado da Escola de formação na Itália) transferiram-se para S. Paulo para procurarem um lugar para se estabelecerem e dar também início à publicação da revista *Cidade Nova*. Na megalópole possuíam o endereço de um padre que havia conhecido o Movimento ainda na Itália.

Amata Frontali³⁴, conta-nos em entrevista, que tinha vindo para o Brasil no ano de 1963, em substituição de Marisa Cerini³⁵, conta que, por ocasião do pagamento da primeira ou segunda prestação do terreno, ainda não tinham conseguido a soma necessária e não possuíam nenhuma perspectiva de obtê-la. Todos os finais de semana ela ia, terminado o trabalho, visitar a comunidade do Movimento em João Pessoa. Daquela vez, Ginetta disse-lhe: “Você vai para João Pessoa e ‘procure o reino de Deus’, procure o dinheiro, e não pode voltar sem tê-lo encontrado”.

Amata lembra que, envolvida pela fé que Ginetta estava demonstrando ter na providência de Deus, naquele momento, respondeu-lhe: “Sim Ginetta, hoje à tarde eu vou dar aula das 14:30 hs às 18:30hs e depois pego o ônibus e vou. E amanhã você vai ver que volto com tudo”.

³² Gianni, 83 anos, faz parte do grupo de focolarinos vindos para o Brasil em 1959, com Ginetta. Viveu muitos anos no Brasil e atualmente reside na Mariápolis Renata de Loppiano (Florença).,

³³ Henrique era um dos primeiros focolarinos brasileiros.

³⁴ Amata, 70 anos, é uma focolarina que viveu alguns anos no Brasil e atualmente integra um dos centros de direção do Movimento em Roma.

³⁵ Marisa, uma das primeiras focolarinas de Roma, fazia parte do grupo que veio para o Brasil com Ginetta em 1959. Por motivo de saúde teve que retornar para a Itália depois de pouco tempo. Foi diretora do Instituto Superior de Cultura *Mistic Body* e, mais recentemente, integrava o grupo da Escola Abbá, em Roma. Faleceu em 7 nov. 1998.

Ginetta tinha a capacidade de envolver os outros na sua mesma paixão. Nos depoimentos sobre ela emerge também a confiança que ela depositava nas capacidades das pessoas. Para Inês, por exemplo, Ginetta “via o poder de Deus em cada pessoa e ‘trabalhava’ em cima daquela potencialidade que ela intuía [a partir] do modo de agir das pessoas”. Ou, como outras focolarinas se expressaram – entre essas, Lourdes Soares³⁶ - Ginetta acreditava no “Jesus que estava” em cada pessoa, ela não parava diante dos limites de cada um, mas acreditava que havia algo de grande para cada pessoa realizar na própria vida [o que no Movimento se denomina de “plano de Deus para cada pessoa”] e ela ajudava a “desabrochar” as riquezas que “Deus tinha colocado dentro da personalidade de cada um”, ajudava a fazer emergir as capacidades que as pessoas muitas vezes não sabiam que possuíam. “Ela foi um gênio de promoção humana extraordinária, de confiança na capacidade das pessoas, desde uma criança até um adulto. Ela não perdia a chance para arrancar das pessoas o melhor que elas podem dar” (ZOGHEIB³⁷, Entrevista).

Durante a viagem de ônibus, Amata começou a refletir sobre as dificuldades que teria encontrado para atingir os seus objetivos de obter o dinheiro necessário, já que a comunidade daquela cidade não possuía grande poder aquisitivo.

Chegando lá realizou os encontros previstos, costumeiros, com os membros do Movimento, falou a todos sobre a urgência de se encontrar meios de pagamento da prestação do terreno. No final todos se comprometeram em pensar em alguma atividade com fins de conseguirem colaborar no pagamento. Mas – observa Amata – “eu precisava do dinheiro para o dia seguinte!”.

No final do dia ela foi para a casa de uma família conhecida, de origem napolitana, e da qual recebia hospitalidade para dormir, todas as vezes que ia para João Pessoa. Durante o jantar comunicou também aos membros daquela família a notícia do terreno para o futuro Centro e da necessidade de se encontrar meios para o pagamento. Suas palavras não surtiram nenhum eco imediato. Quando havia se recolhido no quarto para dormir, alguém bate à porta. Era a avó da família, que, tendo ouvido falar sobre esse Centro que teria servido – nas palavras da avó – para “educar os jovens, fazer-nos tornar mais cristãos” trazia para Amata um pacote. Disse tratar-se das economias que

³⁶ Lourdes, 62 anos, é uma das primeiras focolarinas do Brasil. Viveu ao lado de Ginetta por muitos anos, na Mariápolis Ginetta, e atualmente é responsável do Movimento na região sul do Brasil, juntamente com Ronaldo Souza Marques.

³⁷ Saad Zogheib, 58 anos, é um dos primeiros focolarinos do Estado de S. Paulo, e atualmente é responsável do Movimento na região nordeste do Brasil, juntamente com Inês Melo.

ela havia feito, durante quinze anos, do dinheiro que recebia de presente nas datas de seu aniversário. Nem ela sabia ao certo o valor acumulado em todos aqueles pacotinhos amarrados com barbante.

No dia seguinte bem cedo Amata tomou o ônibus de retorno e, ao entregar o pacote para Ginetta colocando-o sobre a mesa, esta começou a saltar de alegria ao redor, convidando as demais para irem ver. Amata conta que nunca havia visto Ginetta exprimir dessa forma a sua alegria. E não terminavam mais de contar todas as moedas. Amata não se lembra mais o valor da soma, lembra-se somente que ultrapassava o valor necessário para a prestação do terreno.

Em 1965 Chiara retorna a Recife e coloca no terreno uma medalha de Nossa Senhora – como se tornou tradição em cada construção no âmbito do Movimento – como símbolo da sacralidade do lugar que deverá servir para uma “Obra de Deus”, na formação de pessoas ao Ideal evangélico, à espiritualidade da unidade. Junto com a medalha foi enterrado um pergaminho no qual Chiara havia escrito: “Que este Centro dê toda a glória a Maria e nenhuma aos homens”.

Quando se tratou de elaborar o projeto da construção, Ginetta (CALLIARI, 1991aA) havia orientado um arquiteto. Pronto o projeto, ela pediu que uma moça, membro da comunidade e filha de um deputado, o mostrasse ao pai para uma sua avaliação. Como os indivíduos levam consigo, para onde se deslocam, os valores sociais que estão incorporados à própria personalidade, o projeto provavelmente possuía características das construções como as conhecidas por Ginetta na Itália. O deputado exclamou, depois de ter examinado o desenho, que aquele era um projeto para a Europa e não para o nordeste. E propôs a ajuda de um arquiteto que ele conhecia.

Aquele fato não ficou privado de sua interpretação simbólica por parte de Ginetta que, viu na “morte” desse primeiro projeto um sinal de “fecundidade” do futuro Centro Mariápolis de Recife. Tudo em conformidade, com a espiritualidade do Movimento, com a “lei” evangélica segundo a qual é preciso perder a própria vida para conservá-la³⁸ e, ainda, que é preciso que o grão de trigo caia na terra e morra para poder produzir a espiga³⁹.

A partir daquela primeira Mariápolis, com a presença de P. Foresi, em maio de 1960, esses Congressos repetiram-se anualmente, destinados a congregar pessoas que já conheciam o Movimento ou não. As três primeiras Mariápolis realizaram-se em

³⁸ Cf. Evangelho de Mateus 8,35.

³⁹ Cf. Evangelho de João 12,24.

Garanhuns, com a participação de cerca de 100 pessoas de toda a região do Nordeste. A terceira contou com uma pequena delegação masculina proveniente de São Paulo, depois de uma viagem de cinco dias percorrendo mais de 3.900 km com uma perua Chevrolet em meio a contratempos trágico-cômicos (MORANDI, [s.d.], Mimeo).

No ano de 1964 será a vez de Ginetta transferir-se para S. Paulo com Maddalena Buongiovanni⁴⁰, italiana, para iniciarem o *focolare* feminino, seguidas depois de alguns meses, por Amata.

Em Recife permanecia Anna Maria Santanché⁴¹, vinda da Itália em substituição de Ginetta na responsabilidade do *focolare* de Recife e portanto também pelo término da Construção do Centro Mariápolis. Mas Ginetta continuará sempre entre Recife e S. Paulo para acompanhar o desenvolvimento do Movimento nas duas regiões.

Em 1964 a Mariápolis já foi realizada em terras paulistas, na cidade de Lorena, vindo dessa vez uma delegação do Nordeste que viajou de ônibus – conta Amata – num contexto de aventuras “do tipo *farwest*”, enfrentadas, porém – continua ela – “com *Jesus em meio*”.

Em 1966 Chiara retorna ao Brasil pela quarta vez e coloca simbolicamente a primeira pedra do futuro Centro Mariápolis de Recife.

3. 1964. Ginetta em São Paulo. A Mariápolis Ginetta

Em S. Paulo Ginetta e Maddalena receberam hospitalidade inicialmente em um convento de Irmãs de onde tiveram que sair depois de pouco tempo. Em seguida transcorreram um período em casa de uma senhora e depois encontraram um apartamento no Brás, na rua Jairo Goes com a ajuda da mãe e irmã de Aloísio Alves dos Santos,⁴² que havia recém conhecido Gianni e Henrique.

Os primeiros Encontros, para toda a comunidade, realizavam-se no Colégio Assunção no Paraíso, depois no Colégio Santa Inês no Bom Retiro, depois ainda, na sede da Liga das Senhoras católicas de S. Paulo e também no Colégio São Francisco.

Ginetta “era muito arrojada” – diz Maria Santos⁴³, em Entrevista. Ela “tinha pressa”. Tinha chegado em S. Paulo no mês de abril e planejou a primeira Mariápolis

⁴⁰ Maddalena atualmente reside em Roma.

⁴¹ Anna Maria, 70 anos, atualmente é responsável do Movimento na região de Nairobi (Kenya).

⁴² Aloísio, 64 anos, é o primeiro focolarino de S. Paulo e atualmente é responsável do Movimento na região de S. Paulo, juntamente com Margarida Nobre.

⁴³ Maria, 60 anos, é uma voluntária do Movimento e reside na cidade de S. Paulo.

para a região sul e sudeste em julho. Então, nas reuniões com a comunidade “ela ia fazendo as duas coisas, organizando-se para montar o focolare e já orientando-nos para convidar as pessoas para a Mariápolis”.

Eis como Ginetta descreve a chegada delas no apartamento do Brás:

[Chegamos nessa casa] e não tínhamos nada: nem lençóis, nem cobertores... No quarto havia apenas uma cama de lona. Por volta da meia noite a campainha toca. Uma pessoa trazia uma mesinha e uma cama. Ficamos felizes, finalmente podíamos dormir... Além disso, ficamos sem água e sem luz porque o antigo morador não havia pago as contas. Saímos pela rua procurando um lugar onde pudéssemos comer com pouco dinheiro. Não encontramos, o que tínhamos não era o suficiente. Então passamos de ‘pingado’ em ‘pingado’: café com leite era o único alimento que conseguíamos ingerir com o dinheiro que possuíamos... (CALLIARI apud MARQUES; EGMAN, 2001, p. 12).

Maria Santos conta que os poucos membros da comunidade de S. Paulo faziam entre si a comunhão de bens e o que cada um podia doar ela levava para esse primeiro focolare sob o olhar perplexo e de incompreensão das vizinhas que duvidavam da legitimidade de levarem as coisas para aquelas “estrangeiras”.

O aluguel da casa era pago em parte pelo Centro do Movimento em Roma e, em parte, pela comunhão de bens das comunidades de Recife e de São Paulo.

Ginetta envolvia a comunidade fazendo os seus membros serem corresponsáveis na difusão do Movimento. Por ocasião da preparação da Mariápolis em Lorena, lembra Maria Santos:

Ginetta dizia: ‘Você vai para tal lugar’. E eu fui para Sorocaba preparar e resolver os problemas das pessoas [ou seja as dificuldades que obstaculavam a participação delas]. Tinha que ser nós porque não tinha focolarina que pudesse ir para lá porque estava só ela [Ginetta] e a Maddalena. [...] Ginetta tinha muita fé e dizia :’Você vai e faz’. E nós partíamos.

O estado nascente com características carismáticas reproduzia-se ainda uma vez implementando novos padrões de atividades, antes nunca empreendidas, ou até tidas como impossíveis pelos agentes; novos padrões de comunicação: “Eu me lembro –

continua Maria Santos – como era difícil no começo pára nos comunicarmos, porque elas não sabiam falar bem o português e nós não entendíamos o italiano, e nós nos entendíamos”.

Neusa Faria Sebok⁴⁴ foi a primeira gen2⁴⁵ de S. Paulo. Os termos com os quais expressa o modo de vida desses jovens, no Brasil, naqueles primeiros anos de *Movimento Gen*, contêm elementos ilustrativos do forte teor utópico que caracterizava esse período. Em uma página escrita em 2001 por ocasião do falecimento de Ginetta, sob o título “os primeiros passos com Ginetta”, Neusa quis deixar impressas suas lembranças daquele tempo inicial.

Chiara havia delineado especificamente para os grupos de gen2, em um livrinho com título *Passos Gen*, um programa de atuação por etapas. Uma dessas etapas consistia em fazer, no interior do grupo, o *Pacto*, aquele mesmo que ela e suas primeiras companheiras fizeram no início do Movimento, sob as bombas, ou seja, o pacto de estarem dispostas a dar a vida umas pelas outras.

Referindo-se a essa etapa, Neusa descreve a influência de Ginetta no grupo das gen:

Éramos um grupinho de pouco mais de 10 gen mas nos parecia uma multidão; sentíamos-nos, com Ginetta, que levávamos atrás de nós o mundo todo dos jovens. As coisas que fazíamos junto com ela tinham o sabor de grande e de revolucionário, com o poder de transformar a todos.

No dia fixado para estreitarem entre elas o *Pacto*, Neusa lembra que prometeram-se, mutuamente, o amor recíproco ensinado por Jesus, cuja medida é a prontidão em dar a vida pelos demais. E Ginetta lhes disse: “Atrás de nós desmoronou uma ponte”. E Neusa continua explicando que [entenderam que] dali em diante não poderiam trair aquele *Pacto* e nem voltar atrás. Transmitiram a todas as gen do Brasil esse acontecimento e “essa vida escoava, como água” – afirma ela.

Neusa conta também a sua perplexidade diante dos fatos que levaram à morte Martin Luther King, John e Bob Kennedy. Escreveu, então, a Ginetta comunicando-lhe que estava sendo difícil, para ela, provar sentimentos de amor para com um mundo que “mata homens bons dessa maneira”. Ginetta, em resposta, escreveu uma carta dirigida a

⁴⁴ Neusa, 52 anos, é uma focolarina casada. Seu marido, Roberto Sebok, 57 anos, também é um focolarino casado e reside na Mariápolis Ginetta. Têm 7 filhos dos quais Pauline mora no focolare de Boston.

todas as gen do Brasil na qual as impulsionava não só a não “desistir” do Ideal [de edificar um mundo unido] mas “imitar esses três arautos da nossa revolução”. Para Neusa essa carta significou uma releitura do relacionamento da 2ª com a 1ª geração do Movimento dos Focolares, uma nova conscientização de constituírem “uma coisa só”.

Ainda dessa vez – conclui Neusa – “o medo desapareceu e a certeza da vitória da nossa revolução se alastrou por toda parte”.

A expansão do Movimento dos Focolares no Estado de S. Paulo atingiu, como primeiras cidades, S. Roque, Sorocaba e, em seguida Bauru. As circunstâncias foram propiciadas por um grupo de rapazes da Escola Politécnica da USP que integravam o grupo da JUC, que provinham de várias cidades, e que conheceram os focolarinos através do Padre que era ‘Assistente espiritual’ da *Ação Católica*.

Chegando em Bauru, na década de 1960, os focolarinos foram qualificados, inicialmente, pelos amigos do jovem que os havia convidado, como sendo “alienados” (OLIVEIRA, Entrevista). Os grupos a quem se dirigiam eram formados por lideranças militantes da *Ação Católica*, engajados na luta estudantil para a implantação de uma evangelização através da política. Havia, clandestinamente dominado as direções de várias escolas públicas e privadas em Bauru.

Desse grupo inicial, alguns⁴⁶ tornaram-se, mais tarde, membros ativos do Movimento, vindo a ocupar postos de liderança na organização do mesmo, não só no Brasil mas em outros países também.

O Movimento apresentava-se-lhes como “alienado” porque – nas palavras de Eduardo -, não se declarava por nenhuma definição político partidária própria, e, sobretudo porque não era “de esquerda”.

Naquela primeira reunião, o focolarino que falou para todos sobre o Movimento, deixou transparecer uma visão dos assuntos políticos que não agradou àquele público bastante caracterizado por uma militância político-social. Mas tudo isso – conta Eduardo – tocou secundariamente as suas subjetividades, marcadas mais decisivamente, em vez, pelo convite do focolarino a serem radicais no colocar em prática as palavras do Evangelho.

“E eu – conta Eduardo – sempre pensei em encontrar uma coisa radical, pela qual valesse a pena viver”.

⁴⁵ Segunda geração do Movimento, ou seja o setor dos jovens. Cf. o II Capítulo para os elementos de história dessa categoria presente na organização do Movimento.

⁴⁶ Eduardo de Oliveira, Saad Zogheib, Jorge Zogheib, Eduardo Zigheib, Gilberto Matono, José Ernesto Tosi (já falecido).

O comentário conclusivo daquela reunião, o encontraremos nas palavras de Saad ditas a Eduardo: “Eduardo, esses caras são a extrema esquerda do Evangelho!” Saad era um dos líderes do grupo e tinha sido ele a anunciar aos outros a vinda dos focolarinos para a reunião, como “umas pessoas de S. Paulo que são um pouco alienadas”.

Em 1964, com o golpe militar, as atividades políticas do grupo foram frustradas e nesse clima sócio-cultural, Eduardo conta que “a famosa história se repetia: ‘tudo desmorona’”, aludindo analogicamente à situação inicial do Movimento em Trento, sob as condições de guerra que abortava os projetos de vida antes sonhados por Chiara e suas primeiras companheiras. Nas palavras de Eduardo, parece estar presente a percepção de condições favoráveis para que a situação paradigmática de Trento se reproduzisse ali em Bauru também. De fato - lembra ainda ele - depois, em uma segunda vinda do focolarino “encontrou-nos totalmente preparados, decepcionadíssimos com tudo, frustrados até”. E usando uma linguagem figurada expressa-se com uma metonímia tomando a causa pelos efeitos, e falando de ‘bomba’ para indicar a repercussão subjetiva, interna a cada um deles, e externa, ao seu redor, provocada pela mensagem do Movimento. Continua: “Aí foi uma ‘bomba’, caiu como uma ‘bomba’. Em pouco tempo, em questão de menos de 15 dias, juntamos 40 pessoas para irem à Mariápolis”.

Saad relata que conheceu Ginetta nessa Mariápolis, em 1964, em Lorena. Ele, que sempre havia procurado respostas para os problemas sociais chegando a ser preso depois do golpe militar daquele ano, ouvindo-a falar sobre Jesus Abandonado, o “Deus fracassado que dá esperança” encontrou nessa mensagem algo que o tocou profundamente. A imagem de Ginetta que ficou impressa em sua memória, naquela ocasião, é a de “uma pessoa carregada de convicção. Parecia que tudo aquilo que ela dizia coincidia com a sua própria vida. De fato – diz ele – até hoje, quando eu penso em Ginetta, penso nesse seu segredo que é Jesus Abandonado”.

Em seguida Ginetta esteve em Bauru porque – relata Saad – um grupo da Ação Católica, tinha ficado impressionado com o Ideal”. Mas o Bispo da época proibiu a presença do Movimento na sua diocese. Depois da tentativa fracassada de fazê-lo mudar de idéia, Saad telefonou ao focolare em S. Paulo para comunicar a notícia. Os focolarinos lhe disseram que era preciso acolher as palavras do Bispo. No relato de Saad sobre a sua reação, emergem aqueles elementos do *fascinans*⁴⁷ que o Ideal evangélico

⁴⁷ Cf. item 2.2.7. do II Capítulo.

do Movimento exercia sobre a sua subjetividade e que conferia racionalidade, com relação a valores, ao que era percebido como irracional com relação aos fins de difusão do Movimento em Bauru: “Eu aderi a esse paradoxo porque tinha um ‘quê’ de ... – não sei como dizer – irracional, mas tinha um seu fascínio. Essa novidade paradoxal parecia que afundava as suas raízes num Evangelho muito puro, da ‘semente que tem que morrer’⁴⁸, etc.”

Depois de um ano o Bispo removeu a sua interdição e Saad lembra que Ginetta lhe disse, lembrando ainda uma frase da Bíblia: “O homem obediente canta vitória”. Aqui também encontramos reproduzida a situação inicial de Trento de conflito implícito entre carisma e sacerdócio, cuja tensão é dissolvida de um modo típico, pelos membros do Movimento, com a obediência à hierarquia da Igreja. Essa obediência é motivada valorativamente pela convicção já citada anteriormente de que o pensamento oficial da Igreja é de origem divina da mesma forma como o Ideal do Movimento não devendo existir contradição entre ambas. Portanto, a atitude de “obediência” imediata traduz a convicção de que na verdade é preciso dar tempo ao tempo e aguardar que também a outra parte nessa relação social chegue ao mesmo pensamento. Saad, a esse propósito relata ainda ter entendido que a “obediência era uma forma de ser fecundo, não era submissão”, e que “‘obediência’, na boca de Ginetta tinha tudo a ver com a novidade de um carisma, que é o carisma da unidade⁴⁹” que, motiva ações sociais não de forma dialética exclusivista “ou, ou” mas de forma inclusiva “e, e”, salvando todas as partes envolvidas, no sentido criativo que o conceito weberiano de ‘compromisso’ parece indicar.

Eduardo, que conheceu Ginetta em 1964, costuma afirmar que “possui o seu DNA espiritual, ‘ginettiano’”, considerando a influência, a ‘presença’ dela uma constante nas “coisas importantes” acontecidas em sua vida. Ginetta – diz Eduardo – era de “uma coerência muitas vezes desconcertante”.

Constatando em suas lembranças a existência de um processo que o fez delinear aos poucos, a partir de cada presente histórico, contornos mais precisos de um passado pleno de significações, ele afirma que “continua descobrindo até hoje” o que Ginetta representou em sua vida, levando-o inclusive a reconhecer uma afinidade profunda com ela, uma espécie de “filiação espiritual”.

⁴⁸ Ele se refere à frase evangélica de Jo 12,24: “[...] se o grão de trigo, que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas, se morrer produz muito fruto”

⁴⁹ *Carisma* aqui é empregado no sentido teológico, corrente no interior do Movimento, e não sociológico.

Em muitos momentos da história do Movimento – hoje ele reconhece – Ginetta não foi compreendida nas suas ações, mas para ela isso “foi sempre muito secundário”. A esse propósito, uma das características dela que mais o impressionou e que avalia como uma lição de vida dada por ela, era a firme determinação de empreender ações sociais orientadas por um compromisso declarado “com Deus” e não em vista de elogios das pessoas.

A ética de convicção que caracterizava Ginetta, a impulsionava a atitudes racionais com relação aos valores evangélicos, definidas como uma espécie de “obsessão pelo reino de Deus”, pela “vontade de Deus”, a qual devia ser feita sem compromissos “humanos”, sem raciocínios “humanos” – (OLIVEIRA, Entrevista), onde o termo “humano” adquire, no contexto, o significado de cálculos racionais com relação a fins de proveito próprio, de alcance de reconhecimento pessoal por parte dos outros.

Ainda segundo Eduardo, a genialidade de Ginetta consistiu em saber integrar “unidade a Deus e a Chiara”, não como dois momentos separados, mas como uma coisa só.

A obediência ao líder carismático - para Ginetta representado por Chiara -, coincidia com a obediência à “vontade de Deus”, uma vez que para Ginetta Chiara era um instrumento de Deus para levar uma sua mensagem ao mundo.

No entanto, mais do que “obediência”, também nesse caso de relações sociais no interior do Movimento, a expressão usada é “unidade”: enquanto ‘obediência’ indica, de certa forma, o dever de renúncia ao intelecto, se necessário, ‘unidade’, indica o resultado de relações sociais do tipo *comunhão* – segundo o conceito análogo, de Gurvitch, já descrito no II Capítulo. Trata-se de um compartilhar, entre os membros de uma relação social, intentos, significações, utopias, que faz com que as subjetividades se interpenetrem em um nível tal que cada componente se sinta “como sendo porta voz do grupo”. Ao mesmo tempo, essa comunhão, efetivando-se mesmo à distância, quanto ao espaço físico, leva também à criatividade pessoal, à autonomia dos sujeitos no sentido de serem constantemente solicitados pelas circunstâncias, a empreenderem releituras do mesmo objetivo perseguido pelo grupo e a engendrarem suas ações de modo a realizá-lo em contextos diferentes. No caso de Ginetta, seria a realização dos ideais de Chiara, do Movimento, desse estilo de vida baseado no Evangelho, no contexto brasileiro.

Nesse sentido - afirma Eduardo -, “Ginetta não consultava Chiara ‘a cada cinco minutos’, ela assumia os riscos [das suas decisões], às vezes tenho a impressão que até pessoalmente mesmo [=com conseqüências negativas para a sua própria pessoa]”.

“Ginetta – continua ainda ele na sua leitura do passado feita no presente – “estava muito na frente, em certas coisas, de maneira excepcional. Eu confesso que não entendi isso desde o início [...] algumas coisas que ela fez eu estou entendendo só hoje”. Na sua interpretação Ginetta era ‘como Chiara’, ou seja, era otimista porque tinha diante de si o objetivo pelo qual vivia: ‘Que todos sejam um’⁵⁰, não como algo provável, mas certo:

Como a gente quando está num carro no nevoeiro ou numa chuva forte; você sabe que dali a pouco acaba a chuva, o nevoeiro se dissolve e você vai ver a estrada, tudo limpo de novo [...]. O mérito de Ginetta era ver isso junto com Chiara, para ela não tinha nada de impossível porque tinha a certeza de que o ‘Que todos sejam um’ estava garantido.

Ainda a respeito da sintonia entre as subjetividades de Chiara e Ginetta lembra Corrado Martino⁵¹:

Estando com Ginetta, várias vezes tive a impressão de estar com Chiara, sobretudo quando, por exemplo, inventava alguma coisa de novo que ainda não existia na Obra [no Movimento], no mundo todo. [...] E depois, quando consultava Chiara, era exatamente o que Chiara tinha na alma.

Durante o período da Ditadura Militar, diante das marchas e passeatas nas ruas de S. Paulo, com manifestações contra a fome, contra a injustiça social, aqueles membros do Movimento, anteriormente militantes na política estudantil, sofriam de modo especial com a situação global da sociedade brasileira.

De fato, antes de conhecer o Movimento - afirma Eduardo:

a nossa revolta, na época, era contra essa massa de gente [da sociedade em geral] que a gente chamava de alienada, contente com o que tinha, que procurava o seu próprio bem estar, a sua carreira, o seu diploma [sem se importar com os outros].

E ele lembra Eduardo que naquele período “também *Cidade Nova*, a revista do Movimento, era vista como uma revistinha alienada”

⁵⁰ Cf. Evangelho de João, 17,21.

⁵¹ Corrado, 60 anos, italiano, é atualmente responsável da Mariápolis Ginetta, juntamente com Norma Curti.

Com relação ao clima cultural no interior do Movimento durante esse período Saad o descreve incluindo-se entre aqueles que sentiam a atração pelos ideais socialistas então propagados. Emerge no seu relato a situação de tensão entre duas formas valorativas, contrapostas, de solução de problemas:

Embora a realidade espiritual [do Movimento] me tocasse profundamente, os questionamentos de caráter sócio-políticos permaneciam. Mas alí [na Mariápolis à qual tinha participado] eu vi de algum modo um esboço de sociedade renovada porque não existiam categorias de pessoas, eram todos irmãos: estudantes, operários..., coisas que, para nós eram categorias almeçadas, isto é, conviver com os trabalhadores, com os camponeses, com o povo... ser uma sociedade sem classes. Lógico que nós também sofriamos os impulsos de uma sociedade socialista, embora na minha prática a violência nunca poderia ser o meio. Mas não existiam muitos outros critérios que significassem linhas de força para uma revolução pacífica. [...] Foram momentos críticos de opção entre uma luta armada e uma opção por um radicalismo do amor.

Nessa época, o Movimento era pressionado, em ambientes eclesiais ou não, na direção de uma mudança na sua estratégia de modo a adequá-la mais às condições sociais brasileiras, que exigiam soluções rápidas para os problemas da população.

Alguns membros do Movimento eram do parecer, portanto, que esse precisava engajar-se mais concretamente na resolução dos problemas sociais e não somente preocupar-se de formar as pessoas para ações futuras.

A ação de Ginetta foi decisiva. Ela conseguiu renovar e reforçar a convicção e a adesão, por parte dos membros do Movimento que se encontravam perplexos, à idéia de que os valores propostos por Chiara para a orientação das condutas possuíam em si, potencialmente, a solução para aqueles problemas porque garantia primeiro a formação de “homens novos” os quais, uma vez “formados” seriam então aptos a desencadear transformações sociais.

Essa unidade do grupo todo dos membros do Movimento, – diz Eduardo – fortaleceu em cada um a convicção do poder transformador embutido no Ideal de vida que haviam assumido, quando aderiram à mensagem do Movimento.

A gente sabia que ia chegar lá, e o que dava equilíbrio era a esperança que o Ideal tinha a solução para tudo, também para esses problemas, e que a

gente tinha que ter paciência. Paciência histórica, esperar que as coisas amadurecessem, esperar também a gente se fortalecer.

E juntos, entenderam também que não era o caso de assumirem uma atitude de contestação frontal, “de mero contraste” com a corrente sócio-eclesial dominante, porque senão “as pessoas não iam se sentir amadas. E, aos poucos, as coisas foram se ajustando”.

São dessa época as publicações organizadas por Ginetta⁵² que recolhiam relatos orais e histórias de vida de pessoas cujas ações sociais orientadas pelos valores ético-religiosos, transmitidos pelo Movimento, haviam determinado mudanças nos tipos de relações sociais em vários níveis e em várias regiões do país.

Ainda referindo-se às passeatas de manifestação contra a fome, Gianni lembra que Ginetta dizia: “ ‘Nós não podemos nos colocar contra alguém. Devemos salvar ‘estes e aqueles’ ”. Ela tinha a constante preocupação de “unir as partes, e não dividir” (ZATTERA, Entrevista). E ela justificava o seu pensamento com a convicção de que se deveria “imitar Jesus, que era aberto a todos e deixava a todos a liberdade de aceitar ou não aceitar” (ZATTERA, Entrevista). Assim, diante de uma situação político social marcada por ideologias contrastantes, Gianni relata que Ginetta dizia: “Devemos encontrar uma outra via”. “E era muito difícil continua ele - qual outra via?”. Ginetta persuadia a todos sobre a necessidade de aguardar o momento propício, quando Chiara mesma daria as indicações para o agir dos membros do Movimento. Mais tarde, numa leitura posterior, esse momento propício será identificado com o lançamento, em 1991, do projeto da Economia de comunhão, por Chiara, justamente em solo brasileiro.

Na entrevista concedida pela Deputada Luiza Erundina de Souza, ela, que conheceu o Movimento na década de 1960, no Nordeste, assinala a sua percepção inicial do Movimento e a atração que a espiritualidade do mesmo exerceu sobre a sua pessoa. Sensível à questão social, Luiza Erundina trabalhava “na luta de resistência à ditadura militar como Assistente social, militando no movimento sindical e depois, como militante do Partido dos Trabalhadores que [ajudou] a fundar e a construir”.

Trazendo na sua bagagem cultural uma formação cristã, ela afirma ter ficado fascinada pelo ascetismo intramundano – diria Weber - que caracteriza o Movimento quando esse sublinha a possibilidade de se viver o Evangelho permanecendo no mundo

⁵² Cf. CALLIARI, G. **Quando o Evangelho entra na família**. S. Paulo: Cidade Nova, 1980b, CALLIARI, G. **O Evangelho no dia-a-dia**. S. Paulo, 1982 e CALLIARI, 2001, op. cit.

e não retirando-se dele. À pergunta sobre o que em particular da espiritualidade do Movimento dos Focolares a havia fascinado, ela respondeu:

Exatamente viver o Ideal no mundo; ser [esse Ideal] uma proposta que não exige que você se isole, se diferencie dos outros. Muito pelo contrário, propõe que você se insira, seja no espaço profissional, no campo pessoal e na sociedade, no sentido de construir a unidade com o outro, vivendo plenamente os valores evangélicos.

Ainda na mesma entrevista, a Deputada observa também que na época em que conheceu o Movimento, esse lhe oferecia uma percepção que propendia mais para “uma proposta essencialmente espiritual, descolada da realidade, alheia à luta do povo e mais ainda da ação política”. Assim, naquele período ela interpretou como sendo incompatíveis, a sua “vocação política” que sentia irrenunciavelmente, e o seu engajamento no Movimento. Acabou por perder o vínculo estrutural com o Movimento no sentido de que não participou mais dos encontros mas – afirma ela – “esse afastamento não conseguiu apagar as marcas do Ideal na minha vida, pois foram definitivas”.

Na década de 1970 o Movimento era interpretado, por parte de instâncias eclesiais, como sendo um Movimento espiritualista. Referindo-se a esse fato, Ginetta (CALLIARI, 1984aA) relata que consultou o parecer de um Bispo conhecido, o qual tranqüilizou-a recomendando-lhe que não desse importância a essas opiniões correntes.

A avaliação de “espiritualista” era percebida no âmbito do Movimento como algo de valência negativa, significando uma ausência de comprometimento político-prático, isto é, ausência de ações visando o objetivo de transformações sociais.

Na verdade – ela assevera, a preocupação dos membros do Movimento era a de “formar homens novos”, embuídos dos valores ético religiosos segundo o Evangelho, condição indispensável – na sua visão de mundo – para transformações sociais concretas e duradouras. Tratava-se, na concepção de Ginetta e dos membros do Movimento, em geral, de uma mudança cultural que, a médio e longo prazo poderia redundar em mudanças sócio-estruturais.

Era uma estratégia, naquela conjuntura vigente, de alto custo ético e moral para o Movimento, que se via cobrado eclesial e socialmente de resultados imediatos. Mas Ginetta dizia que, após o colóquio acima mencionado, com o Bispo, estava tranqüila e

fazia, de si para si, o seguinte raciocínio: “Os Movimentos podem ser marginalizados, mas Deus não se marginaliza. O importante é termos Jesus em meio [no interior do Movimento]. Vamos ver quem chega antes” (CALLIARI, 1984aA).

Essa expressão de Ginetta parece conservar uma clara alusão, mesmo se implicitamente, com a de Chiara diante dos comunistas amigos de seu irmão que vieram perguntar-lhe sobre o segredo delas para tudo o que estavam fazendo em Trento e que eles, por sua vez, queriam fazer no mundo todo⁵³. Naquela ocasião, o desafio contido na frase de Chiara “vamos ver quem chega primeiro” era dirigido ao comunismo, claramente avesso, nos seus fundamentos, aos valores religiosos. Agora, no caso de Ginetta, fazendo uma transposição de tempo e de contexto sócio-cultural, o desafio era em relação a qualquer práxis que visasse transformações sociais acreditando ser possível prescindir de mudanças culturais ou assumir valores em contradição com os valores evangélicos, na perseguição desses objetivos.

A partir, sobretudo da década de 1970 o magistério da Igreja na América Latina e em particular no Brasil começou a enfatizar a questão social⁵⁴. Esse fato, somado à já acenada percepção dos membros do Movimento sobre a situação brasileira e, ainda à percepção que, por sua vez, a sociedade eclesial tinha do Movimento, induziu Chiara a ver a necessidade de uma Escola de formação sobre a *Doutrina Social da Igreja* para os membros do Movimento no Brasil.

Ginetta, como fazia com cada palavra de Chiara, acolheu de imediato a idéia procurando concretizá-la o quanto antes. D. David Picão, hoje Bispo emérito de Santos, na sua entrevista, relatou-nos que Ginetta foi visitá-lo em sua casa juntamente com outras focolarinas para propor-lhe a direção da futura Escola. Com uma expressão muito popular ele assinala a preocupação que notou em Ginetta, naquela ocasião, em garantir a sintonia dos trabalhos da futura Escola, com o pensamento da Igreja de Roma: “Ginetta – afirma D. David – era uma mulher atirada, ela não brincava em serviço”.

A inauguração da Escola deu-se em 1982. Essa recebeu o nome *Escola Social Iginio Giordani*. A preparação dos cursos – realizado anualmente por módulos - é feita, atualmente, por uma equipe formada por Dom David, Dom João Aviz (arcebispo de Maringá)⁵⁵, Norma Curti, Corrado Martino e alguns membros do Movimento peritos em disciplinas teológicas e sociais.

⁵³ Cf. item 1 do II Capítulo.

⁵⁴ Cf. CELAM. **III Conferência geral do Episcopado Latino-Americano. A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões.** Puebla: Texto oficial da CNBB. 3 ed. S. Paulo: Loyola, 1979.

⁵⁵ Dom João Aviz começou a fazer parte da equipe substituindo Dom Joel Ivo Catapan, falecido.

3.1. A “vingança do amor”: “vive só aquilo que morre”

A Mariápolis Ginetta, localizada no município de Vargem Grande Paulista, no Km 47 da rodovia Bunjiro Nakao, teve o seu início em 1967.

Ginetta narrou a história do seu nascimento em várias ocasiões, sublinhando sempre as condições, em parte, extraordinárias, que tornaram possível a sua realização, sem omitir o seu característico humor na descrição de fatos pitorescos e sem esconder a sua comoção diante da “intervenção da providência divina” – assim interpretava – nas várias etapas do seu desenvolvimento.

Nos vários depoimentos de Ginetta, um dado constante é a quase completa ausência de datas. A nossa explicação, para esse fato - decorrente da percepção dela sobre tudo o que diz respeito às realizações do Movimento, e que emerge nesses depoimentos – é que as lembranças de Ginetta se movem dentro de um tempo social que tem as suas coordenadas demarcadas pela história do grupo. Assim, os referenciais para ela são expressos pela história do Movimento, e assinalados com expressões do tipo: “quando viemos para cá”, “no início”, “naquela época”, “quando cheguei em Recife”, e outras.

Em 1967, inaugurava-se o Centro Mariápolis de Rocca di Papa - província de Roma-, primeira sede de Congressos internacionais do Movimento. Chiara perguntou a Ginetta, que se encontrava ali para a ocasião, se S. Paulo possuía já o seu Centro Mariápolis (o de Recife já estava sendo construído). Ginetta respondeu negativamente e Chiara fez notar a ela que isso podia representar um “atraso espiritual” para os membros do Movimento do Brasil (CURTI, Entrevista). Chiara, numa concepção orgânica do Movimento, dizia a Ginetta que se um membro do corpo sofre uma paralisia, não funciona mais, comprometendo todo o organismo

A necessidade e a importância dada por Chiara à construção de um centro de Encontros aponta na direção já assinalada por Halbwachs (1990, p. 159), sobre o papel dos lugares físicos como condição da memória. Na medida em que o grupo se encerra em seus limites, o pensamento coletivo do mesmo “tem maior oportunidade de se eternizar e de durar”, já que os lugares participam da estabilidade das coisas”

Diante dessa nova “vontade de Deus” expressa-lhe por Chiara, Ginetta chegando ao Brasil – ela conta (CALLIARI, 1992bA) – saiu à procura de uma casa “proporcional à difusão do Ideal naquela época”. Isso porque, como se expressou Amata, “Chiara

falava em Roma e Ginetta imediatamente queria realizar o que Chiara dizia”. Encontrou uma casa que “aproveitando da garagem também, dava a possibilidade, utilizando beliches, de realizar encontros com 70 pessoas” (CALLIARI, 1992bA).

Próximos do dia de assinarem o contrato, o dono volta atrás e comunica, através de um telefonema, que tinha resolvido vender a casa a outras pessoas.

A primeira reação de Ginetta diante dessa notícia inesperada – ela confessa – foi de perplexidade pela “falta com a palavra dada”, por parte do dono da casa. Na herança cultural de Ginetta, européia e, mais precisamente, marcada por elementos austro-germânicos, não eram previstas traições das expectativas recíprocas em uma relação social associativa como era o caso de um contrato. Mas não só isso, essa herança cultural era um misto de germanicidade acrescida de valores cristãos arraigados em terras trentinas, que sublinhavam o valor da honestidade e lealdade, evidenciados, por sua vez, e até mesmo radicalizados, por uma ética de convicção, proporcionada pelo Ideal partilhado com os membros do Movimento, segundo o qual cada próximo deve ser tratado bem, porque “representa Jesus”.

Ao vir para o Brasil Ginetta traz consigo essa bagagem cultural que interagindo com a cultura brasileira produz uma nova síntese seja nela mesma seja nas pessoas que encontra aqui.

Nesse contexto pode ser entendido o relato de Maria Santos, no qual ela afirma ter aprendido com Ginetta que “amar as pessoas imediatamente, profundamente e com responsabilidade” significa também respeitá-las observando os compromissos assumidos. Maria Santos conta que em uma reunião, Ginetta havia solicitado algo a uma delas e na reunião seguinte essa pessoa não havia trazido. E Ginetta disse então:

Quando a gente assume um compromisso, tem que assumir com muita responsabilidade, porque aqui ninguém está brincando; porque a gente tem que ter muito respeito pelo outro. A gente não é obrigada a fazer [as coisas] mas se diz que vamos fazer, tem que fazer (CALLIARI apud SANTOS, Entrevista).

Da parte de Ginetta, podemos encontrar um indício dessa simbiose cultural nos depoimentos sobre a sua “transformação” ao longo do tempo. Ginetta, afirma Maria de Jesus, em entrevista, “era exigente consigo mesma e com os outros”, “não deixava as

coisas pela metade”, “a gente via como ela, quantas vezes pegava-se [=dominava-se] a si mesma, com relação ao próprio caráter”.

A propósito do processo de assimilação da cultura brasileira, por Ginetta, em mutua imbricação com a orientação pelos valores do Ideal do Movimento, Saad afirma que:

sendo Ginetta de uma outra cultura, com outros hábitos, ela teve que processar, não sem fadiga – me parece – a entrar na cultura local, a entrar nos ritmos locais, entrar na nossa ‘brasilianidade’, mas ela era tão grande no amor que mesmo se ela não colhesse [italianismo=captasse] nuances da música, ou da cultura, ou do modo de ser, ela, por amor às pessoas sinalizava a sua identificação [com o Brasil]. Eu percebia que ela sofria muito, em muitas situações por ter a sensação provavelmente de não alcançar a compreensão de determinadas coisas, mas ela chegava por outros caminhos, pelo caminho do amor”. Ela fez um percurso junto com todo o grupo, com todo o Movimento, de se converter sempre ao carisma. Ela se deixava produzir pelo carisma.

A percepção da Deputada Luiza Erundina, mais recentemente, também vai nessa direção, ou seja, de uma síntese cultural que se realizou na subjetividade de Ginetta. Referindo-se ao seu reencontro com ela a partir de 1998, afirma:

Quando a reencontrei em 1998, após mais de 30 anos que a conheci, era a mesma Ginetta, com aquela alegria, simplicidade e muito afetiva. Era a mesma pessoa profundamente espiritualizada e, ao mesmo tempo, mais humana e mais próxima.

E são aqueles mesmos valores contidos na espiritualidade do Movimento, em particular “Jesus Abandonado”, que orientarão Ginetta na ação de resposta ao dono da casa, e tornam compreensíveis as suas palavras ao relatar outros particulares do relacionamento instaurado com ele durante o processo frustrado de aquisição da mesma.

Ela coloca em relevo a dificuldade interior em relação à resposta negativa do dono, oriunda da sua formação cultural familiar primária e ao mesmo tempo como procurou aproveitar da ocasião para instaurar um novo tipo de relação social com ele orientada pelos novos valores provindos do novo grupo, Chiara e os membros do Movimento :

Ali eu me lembrei logo: ‘É Jesus Abandonado’. Mas não é que eu fiquei indiferente, eu tomei um susto [...] Diante da atitude de uma pessoa que age assim, com essa falta de palavra..., não era uma coisa de nada; eu achava, humanamente falando, no mundo, antes, para mim teria sido uma coisa inconcebível, mas eu disse: ‘É Jesus Abandonado’ (CALLIARI, 1984aA).

Os valores contidos na espiritualidade do Movimento, em particular o ‘amor a Jesus Abandonado’ orientavam as ações sociais de Ginetta de uma forma diferente, até mesmo contrária ao que normalmente seria de esperar em condições semelhantes, se as ações fossem racionais com relação a fins. De fato, a sugerir-nos essa explicação é a resposta resposta de Ginetta àquela pessoa:

Nós aprendemos com Chiara, desde o começo, a nos vingar com o amor. Porque, em geral, quando um nos bate de um lado, nós vamos bater do outro, não é assim? É uma coisa lógica! É uma reação. E precisa que haja uma reação, não se pode não reagir [...]. Mas com o Ideal, ao invés de ter uma reação negativa, Chiara nos orientou ao Evangelho: nós temos que reagir, mas positivamente. E como? E Chiara chamou de ‘vingança de amor’ (CALLIARI, 1984aA).

E Ginetta continua contando que, lembrando-se da ‘vingança de amor’, decidiu enviar de presente àquela família uma imagem de Nossa Senhora, em ébano, que lhe tinha sido presenteada por Chiara, a qual a tinha recebido de uma comunidade da África. Ginetta confeccionou com capricho um pacote de presente acompanhado de um bilhete no qual convidava-os a irem ao focolare para assistirem algum documentário sobre o Movimento e agradecia-os por terem, inicialmente, colocado-lhes a casa à disposição, para a compra. Acrescentava ainda que, no entanto, ficavam felizes em poder ceder a oportunidade a alguém que necessitava mais do que elas.

Ainda uma vez, em continuidade com a experiência de Recife, Ginetta relata ter associado o fato da “perda” da casa, com a “morte”, que traz fecundidade aos projetos e empreendimentos se o sofrimento é resignificado através do ‘amor a Jesus Abandonado’. Nas palavras dela:

[Eu pensei]: Ah, morre esse primeiro Centro Mariápolis; vai viver! [...]. Eu experimentei uma certa exultação porque na Obra de Maria vive

tudo aquilo que morre, porque o nosso Ideal é Jesus Abandonado. Mas Ele não é fim em si mesmo; fim em si mesmo é o Ressuscitado. Para viver o Ressuscitado precisa passar da morte à vida (CALLIARI, 1992bA).

Naquela noite, conta Norma, Ginetta sentiu a falta da pequena estátua, habituada como era a vê-la diante de si no seu quarto. Por um momento arrependeu-se pensando que, se ela a tivesse presenteado à comunidade de Recife, teria sido mais valorizada, pois vindo de Chiara revestia de uma grande valor para todos. A família para a qual havia doado a imagem, era economicamente avantajada e tinha condições de adquirir imagens muito mais requintadas. Nesse momento pensou então de re-significar aquela ação passada “oferecendo a Deus” aquele ato de despojar-se de algo significativo para ela, pela “conversão” dos ricos desse mundo.

Na Mariápolis que se realizou dali a poucos dias estava presente Irmã Débora. Sabendo da necessidade de se encontrar uma casa ou terreno para o futuro Centro Mariápolis, ela colocou Ginetta em contato com o seu irmão, Sr. João Ribeiro, corretor, o qual apresentou a Ginetta duas possibilidades de terreno à venda nas imediações do então Distrito de Vargem Grande Paulista e da cidade de S. Roque. Ambos eram de propriedade do Capitão Leitão.

Outros terrenos tinham sido apontados como possíveis futuros Centro Mariápolis, nas proximidades de Brasília, Divinópolis e Sorocaba, nos relatou M. do Carmo Gaspar,⁵⁶ em entrevista.

Um dos terrenos do Capitão Leitão, que foram visitados por Ginetta, foi imediatamente descartado por Ginetta por tratar-se de uma localidade distante da rodovia Raposo Tavares. O outro parecia-lhe ter mais “vocação” a abrigar um futuro Centro Mariápolis. O que ela queria dizer com o termo “vocação” do terreno, nesse caso, não é explicitado, mas dos depoimentos ouvidos sobre Ginetta, percebe-se a atribuição a ela de uma capacidade de “ver longe”, ou seja de cálculo e previsão dos meios necessários para chegar a um resultado maior e mais eficaz possível. No caso em questão, isso equivaleria a encontrar um terreno com condições físicas tais que deixasse prever possibilidades e facilidades para um futuro desenvolvimento, manutenção e divulgação do Centro Mariápolis.

De fato, o terreno escolhido, correspondente a 2,5 hectares, encontrava-se próximo de S. Paulo, a 2 quilômetros de Vargem Grande e adjacente à citada rodovia.

O processo que levou à aquisição desse terreno foi pontilhado por fatos pitorescos marcados por elementos extracotidianos que levavam Ginetta a interpretá-los como sendo “sinais” de que “era vontade de Deus” a compra do mesmo.

Nas várias versões desse relato Ginetta sublinha os mesmos pontos, os quais assumiam, para ela, o preciso significado da intervenção da “providência divina”.

Ao ser questionada pelo Capitão Leitão sobre qual dos terrenos lhe interessava mais, Ginetta apontou esse acima citado, com maior acesso aos meios de comunicação, mas fez a observação de que o preço (50 milhões da moeda de então) ficava completamente fora das possibilidades delas. O Capitão Leitão, então exclama: “Não 50, mas 30 milhões”, o que tornava mais viável a negociação.

Ela e as outras focolarinas que encontravam-se em S. Paulo concordaram em unanimidade com a seguinte proposta do corretor: 9 milhões de entrada, prestações de 2 mil por mês e no final mil⁵⁷.

No entanto, Ginetta expressa a sua incerteza em estar dando o passo certo. Ela achava que o terreno possuía a “vocação” mas... teria mesmo? Em Recife – diz ela – Chiara estava presente e confirmou que aquele terreno lá era o certo, mas agora Chiara não se encontrava aqui. Decidiu, então, ir até Aparecida do Norte “visitar Nossa Senhora” para pedir-lhe que as ajudasse a discernir se estavam tomando a decisão correta.

Antes de encontrarem-se com o Capitão Leitão e o corretor para fazerem a proposta de pagamento, Ginetta conta que se colocou de acordo com as focolarinas, observando que nenhuma delas nunca havia feito negócios na vida e que portanto, na ocasião, era oportuno confiar na capacidade profissional do corretor. Elas deveriam lembrar-se de tratar com “Jesus” no corretor, era “Jesus vestido de corretor”.

Na reunião com o Capitão Leitão para fecharem o negócio, o Sr. João Ribeiro disse-lhe que renunciava à sua comissão em favor dessa que, segundo ele, era uma “obra de Deus”. Assim o preço caía para 28 milhões. Diante disso também o Capitão Leitão achou oportuno baixar ainda de 2 milhões, reduzindo o preço para 26 milhões, asserindo concordar com o pensamento do corretor, sobre o fato de se tratar de uma

⁵⁶ Maria do Carmo, 61 anos, é uma focolarina casada que integra o focolare ao qual pertencia Ginetta, e reside na Mariápolis Ginetta. Tem 5 filhos.

⁵⁷ Nos relatos de Ginetta há variantes desses números percebendo-se assim, a incerteza da sua memória devida também às várias mudanças sofridas pela moeda brasileira seja no seu valor seja na sua nomenclatura.. Mas o interesse dela - como o nosso no presente trabalho - ao relatar o fato, prescinde dos números em si, querendo colocar em relevo somente a extracotidianidade que envolveu a negociação.

“obra de Deus”. Quanto à entrada, disse serem suficientes 6 milhões e as prestações ao invés de 2 mil, podiam ser de mil, e a última ao invés de mil, podia ser de 500.

Girando-se para as focolarinas e tocando o braço de uma delas, Ginetta cochichou: “Está vendo como Jesus sabe fazer negócios?”

Muito embora com essas facilitações, Ginetta permanecia insegura. Resolve ir novamente em peregrinação a Aparecida para “perguntar” mais uma vez a Nossa Senhora se estava tomando a decisão certa.

Fica claro, a partir do relato de Ginetta, que a “vontade de Deus” - e de Nossa Senhora, no caso - não era expressa através de “revelações místicas”, mas devia ser interpretada através do aval de circunstâncias combinadas de modo favorável, e das ações sociais empreendidas pelos membros do Movimento, bem como de terceiros. O conjunto desses fatores resultava muitas vezes em fatos “extracotidianos”, interpretados por ela e pelas outras focolarinas como “providência divina”, “intervenção de Deus”.

Referindo-se ao “diálogo” entre ela e a imagem de Nossa Senhora em Aparecida, Ginetta conta:

Eu me lembro que eu disse: ‘Olha Nossa Senhora, eu estou na dúvida, eu não sei se é vontade de Deus, não sei se ele [o terreno] tem mesmo a vocação [...]. Eu espero uma resposta, que você me diga o que é que eu tenho que fazer. É claro – continua Ginetta – que uma imagem não fala, então eu queria um sinal. A esse ponto eu disse: ‘Olha, Nossa Senhora, se você aceita, eu faço essa proposta: se é vontade de Deus que a gente não erre, se o terreno tem a vocação, e você quer que a gente faça o negócio, o sinal seria que você me mande o dinheiro (CALLIARI, 1992bA).

Naqueles dias o irmão de uma delas, sem saber da necessidade, enviou-lhe uma quantia correspondente à entrada do terreno, alegando que se tratava de uma sua contribuição para o trabalho missionário dela. E uma jovem que havia expresso o desejo de ser uma focolarina, passando a habitar no focolare naquele período, recebia no trabalho um ordenado equivalente à prestação mensal do terreno. Tudo isso foi interpretado por Ginetta como a “resposta de Nossa Senhora” ao seu pedido, e como a “ressurreição” produzida a partir daquela “morte” representada pela não aquisição da primeira casa em S. Paulo.

3.2. Realização da utopia. Economia e urbanismo da cidade utópica

Quando viemos para cá não havia nada, era vegetação selvagem, não a vegetação linda da floresta virgem, mas mato rasteiro. Havia um “mocambo”⁵⁸ e os únicos visitantes eram cobras e cachorros doentes. Não havia luz, não havia água, não havia nada. Mas Deus levou tudo para frente (CALLIARI, 1997bV).

Maria do Carmo relata que durante todo o processo de busca do terreno e da compra final Ginetta colocava a comunidade do Movimento, regularmente a par das notícias e convidou a todos para irem ver o terreno. Ela lembra que organizou-se um ônibus com pessoas vindas de vários lugares da capital e do interior para essa visita.

Até o ano de 1970 Ginetta permaneceu morando em S. Paulo, onde contava com mais meios de comunicação para seguir a comunidade do Movimento espalhada no Brasil. De fato ela fazia contínuas viagens para o Nordeste, norte e extremo sul do país. Vinha para “a terra de Santa Maria” – assim era chamado popularmente, o terreno, entre os membros do Movimento (CURTI, Entrevista) - por ocasião dos Congressos e para encontrar-se com aquelas moças, futuras focolarinas, que ela formava pessoalmente em preparação para o curso na Itália.

Mas Ginetta continuava a viajar para as outras regiões para encontrar-se com as comunidades do Movimento. Em 1971 Enzo Morandi transfere-se também; naquele momento era ele o co-responsável com Ginetta pelo Movimento no Brasil.

As dimensões dos vários Centros, ou seja, construções destinadas particularmente a acolher os participantes dos Congressos, foi acompanhando proporcionalmente a difusão do Movimento na região sul e sudeste às quais deviam servir mais diretamente – mesmo se funcionavam também como Centro Nacional do Brasil, com Congressos anuais nacionais.

Assim, uma primeira casa construída - um sobrado com capacidade para 30 pessoas - foi seguida mais tarde pelo primeiro Centro Mariápolis propriamente dito. Foi em 1972 que o Cardeal de S. Paulo, Dom Agnello Rossi, que havia acompanhado o processo de busca e compra do terreno, inaugurou – com uma bênção – essa construção, que deveria funcionar como o primeiro Centro Mariápolis: um conjunto com capacidade para acolher cerca de 100 pessoas, com dormitório, cozinha, sala de reuniões e lavanderia.

⁵⁸ Tratava-se de um casebre construído de pau-a-pique.

Naquela ocasião ele mesmo escreve a Chiara, fazendo-se porta-vóz das e dos focolarinos e comunidade de S. Paulo, pedindo a ela um nome para esse novo Centro de Encontros. Chiara responde conferindo o nome de *Mariápolis Araceli*. Com esse gesto Chiara promovia o Centro, pensado como local para a realização de Congressos, a semente de uma futura cidade, isto é, de uma *Mariápolis permanente*.

O desenvolvimento e ampliação territorial da Mariápolis foi sendo possível, ao longo dos anos, devido à intervenção de três fatores sempre sublinhados na narração de sua história aos visitantes: o trabalho dos moradores, a comunhão de bens entre os membros do Movimento e a “providência de Deus”.

Já mencionamos as condições econômicas racionais e extracotidianas que cercaram o processo de aquisição do terreno inicial da Mariápolis Ginetta.

E todos “sentimos o dever realmente de ajudar concretamente porque sentíamos que era uma coisa nossa”; assim explica Maria do Carmo Gaspar, que morava em Araraquara, e relata que com o marido, Rosário (hoje falecido) decidiram comprar cobertores para revender e doar o lucro para as futuras construções.

O primeiro grupo que se instalou na Mariápolis foi feminino - algumas focolarinas e outras moças que se preparavam para seguir a vocação do focolare, na expectativa de viajarem para a Itália para o devido curso de formação. Habitavam na casinha de pau-a-pique e, quando vinha mais alguém para ajudá-las, elas se transferiam para um depósito, feito de madeira, apelidado por elas de “casa da bruxa”, sob a contínua ameaça de serem atacadas por ratos e cobras. No Distrito de Vargem Grande havia uma família que oferecia hospedagem para outras que, estando no focolare de S. Paulo vinham, quando possível, por alguns dias, prestar seus serviços na Mariápolis.

O depoimento de D. Terezinha de Oliveira Rodrigues⁵⁹ em entrevista concedida a nós, ela que é mora em Vargem Grande desde o início da Mariápolis, fornece-nos elementos que indicam o quanto o pioneirismo daquelas primeiras moças que para ali se transferiram, constituía um diferencial em relação ao senso comum de uma sociedade que sublinhava o elemento masculino. Ela relatou que um senhor que vinha sempre trabalhar naquela região, ficava admirado ao ver aquelas moças trabalharem sozinhas, isto é, sem a presença de nenhum homem.

Uma pequena parte do terreno, na época, estava cultivada com plantação de erva-doce. Além da confecção de saquinhos de erva-doce, elas começaram a plantar

⁵⁹ D. Terezinha, 69 anos, é uma aderente do Movimento.

batatas e hortaliças que, como auxílio de uma Kombi emprestada por um sacerdote do Parque S. Lucas que conhecia o Movimento, levavam regularmente para ser vendidas ao Restaurante da Liga das Senhoras Católicas, debaixo do Viaduto do Chá. Às 5 hs da manhã algumas delas partiam para S. Paulo com esse objetivo, encaminhando-se em seguida para os respectivos trabalhos: uma trabalhava naquele mesmo Restaurante da Liga, outra no *Banespa*, outra no *Banco da Amazônia*, outra na *Wolkswagen* no Ipiranga, outra ainda, em um escritório. Quando voltavam para a Mariápolis dedicavam-se aos trabalhos na horta, à exceção de Lúcia, que permanecia em S. Paulo, após o trabalho no Banco da Amazônia, para ir para a cidade universitária onde cursava Letras à tarde.

Além da contratação de profissionais da área, as construções que se seguiram contavam com a ajuda voluntária dos membros do Movimento, os quais, vindo nos finais de semana para os Congressos, traziam também em sua bagagem pás, enxadas, picaretas, rastrelos e outras ferramentas que, chegando na Mariápolis eram completados com cabos improvisados feitos com galhos procurados na vegetação circunstante.

Atualmente a Mariápolis Ginetta conta com dependências correspondentes a 385 lugares, com salões de várias dimensões⁶⁰ que permitem encontros simultâneos de 500, 100, 70 e 40 pessoas. Além desses locais para encontros em comum, existem ainda outros, localizados nas dependências próprias dos vários setores do Movimento representados na Mariápolis.

A Mariápolis Ginetta, pretende ser, em conformidade com a utopia do Movimento, o esboço de uma “sociedade nova”, onde a lei que governa as relações sociais seja o amor recíproco ensinado por Jesus. Portanto, sempre segundo a sua utopia, deveria conter todos aqueles elementos característicos de uma cidade: componentes de todas as idades e profissões, presença de escolas, igreja, fábricas, etc.

Do ponto de vista urbanístico, a Mariápolis desenha, com as suas mais de 90 construções, a estrutura do Movimento. Assim, as casas destinadas à habitação, atividades produtivas relativas mais diretamente a determinados setores, tendem a se concentrar na mesma localidade dentro da Mariápolis.

Atualmente a Mariápolis Ginetta conta com 450 habitantes, de 7 nacionalidades e representando os vários setores do Movimento. Uma parte relativamente estável composta de 28 famílias (cujos membros na maioria pertencem a algum setor do

⁶⁰ Para uma apresentação do Centro Mariápolis pode-se consultar o site www.cmginetta.org.br.

Movimento), focolarinos, focolarinas, padres, religiosos; e uma parte que se substitui a cada ano ou dois anos, composta pelas Escolas de formação dos jovens, adolescentes, adultas, freiras que permanecem por esse período com o objetivo de se formarem e aprofundarem nos ideais do Movimento e depois voltarem para suas cidades de origem onde continuarão integrando a comunidade do mesmo naquelas regiões.

A primeira família a instalar-se na Mariápolis foi a de Maria do Carmo. Tendo conhecido o Movimento em 1965 na sua cidade, Araraquara, ela fazia frequentes viagens para S. Paulo para transcorrer algumas horas no focolare feminino. Casada, possuindo cinco filhos, era o desejo dela e do marido construírem um dia uma própria casa na Mariápolis de modo que quando pudessem iriam passar uns dias lá e nos outros momentos a casa ficaria à disposição dos membros do Movimento presentes na Mariápolis. De fato sendo Rosário, seu marido, um profissional autônomo, não tinham condições de transferir-se definitivamente para lá.

No entanto, Rosário veio a falecer em um acidente num lago e o projeto deles foi abortado. Maria do Carmo, no entanto continuou a frequentar os Encontros do Movimento sentindo-se cada dia mais atraída pelos ideais do mesmo. Em um desses Encontros Ginetta perguntou-lhe quais eram os seus planos dali em diante. Ela contou a Ginetta sobre o sonho não realizado que ela e o marido tinham de terem uma casa na Mariápolis, e contou-lhe também das muitas tarefas que a morte do marido havia lhe deixado. Mas Ginetta lhe respondeu “E o que a impede a levar para a frente o projeto [da casa na Mariápolis?]”. E Maria do Carmo afirma ter “sentido naquele momento um chamado mais forte por parte de Deus” a ir morar mesmo na Mariápolis. Disse então para Ginetta que iria fazer a proposta para os filhos. Eles concordaram, mesmo entre tantos questionamentos sobre como iria ser dali para a frente, onde estudariam, onde morariam, se não voltariam nunca mais para Araraquara. Começou então a busca de uma casa nos arredores da Mariápolis, sem sucesso. Então Ginetta disse-lhe que podia ir assim mesmo porque ela estava arrumando uma casa para eles.

Ginetta alugou uma casa em Vargem Grande para as focolarinas e arrumou da melhor forma a casinha de pau-a-pique para a nova família.

E viemos – conta Maria do Carmo. Nós morávamos numa casa grande, no centro da cidade, uma casa que tinha sido construída por nós. E viemos morar nessa casa pequenina, num lugar que não tinha asfalto, não tinha água encanada, não tinha telefone – porque o mais próximo ficava a 15

km em Cotia -. Mas para nós era vir para construir essa Mariápolis, para dar a nossa contribuição. Era como responder a um chamado de Deus, era uma felicidade muito grande.

No dia da mudança, toda a Mariápolis estava ali para acolhê-los e ajudar a arrumar as coisas na nova casa.

No processo de adaptação das crianças ela conta que Ginetta participou ativamente e pessoalmente providenciando, para eles, momentos de lazer, festinha nos aniversários, casa na praia emprestada de alguém para o período de férias. Quando uma das filhas mais tarde se casou, Ginetta pessoalmente interessou-se dos detalhes, de uma pequena festa. E Maria do Carmo sugere a existência de uma comunhão entre os habitantes da Mariápolis, que promove um espírito de solidariedade, de compartilhamento de preocupações, de dificuldades, alegrias e sofrimentos, quando afirma “Eu sentia que era a minha filha mas não era a *minha* filha, mas *nossa* filha”.

O plano diretor da cidade foi sendo elaborado, sob a condição de dois fatores. Ginetta, deixava-se inspirar, de um lado pela determinação em seguir a indicação de Chiara de que ali deveria surgir uma cidade, uma Mariápolis, e de outro pelas circunstâncias que iam manifestando, segundo a sua interpretação, a “vontade de Deus”. Ela foi envolvendo seja a comunidade, seja quantas outras pessoas entravam em contato com o Movimento, por diversos motivos (operários, visitantes) na edificação das várias construções, em particular das relativas aos setores femininos pelos quais ela era diretamente responsável, mas também pelos masculinos, dos quais era indiretamente - sendo co-responsável, ao lado de Marco, pelo Movimento no Brasil.

Trazendo ainda o pensamento de Halbwachs (1990, p. 159), a sociedade religiosa quer manter perenemente os seus ideais e portanto reconstruir ao menos simbolicamente os lugares que evocam os elementos da sua utopia, porque “os lugares participam da estabilidade das coisas materiais”. As Mariápolis, no âmbito do Movimento têm como objetivo serem a utopia do Movimento, realizada.

Compreende-se assim porque Ginetta não se dava paz até encontrar os meios que tornassem possível e efetiva, a representação de cada setor do Movimento dentro da Mariápolis, com a sua própria casa: as famílias, as gen 2, as gen 3, as gen 4, as voluntárias, as freiras, os sacerdotes, além das focolarinas e focolarinos⁶¹. Mais recentemente a casa dos Bispos e a Igreja.

⁶¹ Cf. item 3.3. do II Capítulo para a descrição dessas categorias.

Em cada uma dessas etapas, sempre estiveram presentes os três fatores mencionados acima: o trabalho, a comunhão de bens e a “providência”, fatores que se combinavam sob o impulso criativo de Ginetta.

Com relação à “providência de Deus”, manifestada, para Ginetta, através de doações imprevistas e inesperadas por parte de terceiros, deixemos que ela mesma narre alguns desses episódios:

Eu me lembro que uma vez chegou o fundador da Faculdade de Sociologia de Porto Alegre e veio com sua esposa e me contaram [...] que eles tinham mesmo vontade de ajudar a Igreja, ou talvez a construção de uma igreja ou de um seminário..., [enfim, ajudar] uma obra de Deus. Mas estava na dúvida porque via que as igrejas se fechavam, estavam vazias desde o amanhecer até a noite, além de uma velhinha ou outra [...] pouca gente, e sempre vazias. Naquela época até os seminários se fechavam. ‘Será mesmo vontade de Deus’ [ele se perguntava]. E encontrou-se de uma forma muito espontânea, não programada, com alguns membros da Obra de Maria e lhe falaram desta espiritualidade. Olha como Deus faz: ‘Agora entendemos qual é a Obra que devemos ajudar’ [eles disseram]. E vieram aqui e falaram conosco. Foram os primeiros que nos ajudaram a construir o primeiro Centro Mariápolis, que nos acompanharam...Eles tinham vontade de construir uma casinha para eles passarem uma temporada... depois eles renunciavam e ajudavam a construir este centro aqui onde eu moro. Uma outra vez para a construção dos dormitórios, outra vez vieram ainda sempre com o desejo de construir uma casinha para eles, e assim que chegavam eles renunciavam. Inclusive o terreno onde moram os padres foi um presente deles. A última vez eles colaboraram para a construção da capelinha.

Nessa narração de Ginetta parecem se evidenciar, de um lado, as conseqüências da modernidade para a religião tornando-a uma esfera entre as outras e até mesmo uma queda do nível de influência da mesma sobre as subjetividades, e de outro lado, a utopia do Movimento concretizada na Mariápolis como percebida como um novo tipo de religiosidade que exerce atração sobre as pessoas.

Ginetta permaneceu sempre como responsável pela parte feminina do Movimento no Brasil e co-responsável pelo Movimento em geral, juntamente com um focolarino. Sendo ela uma das primeiras companheiras de Chiara e tendo Marco (que era o primeiro focolarino), permanecido por períodos alternados no Brasil e somente até o ano de 1971, Ginetta foi sempre percebida pelo grupo do Movimento como o seu

centro ético. Mesmo a partir de 1982, quando Chiara pensou na subdivisão do Brasil em várias regiões autônomas, visto o seu desenvolvimento e o aumento dos participantes, Ginetta continuou sendo vista com uma particular autoridade moral pelos responsáveis das várias regiões.

Em todas as fases do desenvolvimento da Mariápolis – como do Movimento no Brasil, em geral -, o acima acenado impulso criativo de Ginetta, harmonizava-se, porém, com o processo coletivo de tomadas de decisões, característico do Movimento.

“Ela sempre nos tratou como pessoas adultas, pessoas de responsabilidade, e sempre dividiu os pesos conosco, mesmo se a gente não tivesse maturidade” – afirma Elma Paiva⁶², em entrevista..

“Ela foi o veículo concreto para promover uma socialidade, uma fraternidade” – afirma Saad (Entrevista).

Saad relata ainda, que Ginetta, nos processos de tomada de decisões, sofria muito quando percebia discórdias no grupo. Era um tipo intransigente, determinada em suas posições, mas se percebia a mínima fragmentação das relações entre todos, ela cedia. Parecia que [para ela] a decisão mais inspirada, no sentido de a mais apropriada, coincidia com a concórdia entre todos do grupo, isto é, era essa concórdia o critério de avaliação de inspiração ou não de uma decisão. E Saad assinala que Ginetta foi mestra em apontar essas formas novas de gestão de autoridade,

com a força do saber recomeçar, de voltar atrás, de tentar entender a posição de todos, numa busca profunda dos rumos a serem tomados. [...] Era uma pessoa dócil à presença de pessoas que partilhavam o carisma com ela para encontrar caminhos, para concretizar as inspirações, para enfrentar os problemas.

Corrado Martino (apud MARIÁPOLIS, 2001, p. 32), co-responsável da Mariápolis ao lado de Ginetta durante seis anos e também atualmente, declara que o fato de que Ginetta quisesse decidir cada detalhe com ele (que conheceu o Movimento muito depois) era percebido por ele como um sinal de humildade por parte dela e que o fazia vê-la grande.

A realização da utopia do Movimento na edificação da Mariápolis era um processo que, mesmo se catalisado por Ginetta, exigia a participação de todos. Com

⁶² Elma, 61 anos, é atualmente responsável do Movimento em Belém do Pará.

relação à presença de sacerdotes na Mariápolis, Dom Salvatore Paruzzo, atualmente Bispo de Ourinhos, conta (Mar Especial Ginetta, 2001, p. 33) que o seu primeiro encontro com Ginetta aconteceu em 1979. Ele era pároco na cidade de Piracicaba, na época. Passados dez anos surgiu a possibilidade para ele vir morar na Mariápolis para representar o setor dos padres. Ele relata que, na ocasião perguntou a Ginetta: “O que eu vou fazer na Mariápolis? Ao que ela respondeu: “É o que temos que descobrir”.

Pensando na necessidade de manutenção das jovens que vinham transcorrer um período de formação na Mariápolis, e cujo número aumentava a cada ano, Ginetta idealizou o início de uma atividade produtiva de pão. Ela percebia que esse ramo de negócios poderia ter futuro já que alimentação é uma necessidade constante. Consultou o parecer de um padeiro que conhecia, o qual a fez desistir da idéia apresentando-lhe todas as dificuldades inerentes àquele trabalho. Confiante na experiência profissional dessa pessoa, achou por bem dar-lhe ouvidos.

Em 1982, na perspectiva da vinda de Chiara para o Brasil – que depois não se verificou por motivos de saúde – faziam-se necessários alguns melhoramentos nas construções, como pintura, etc. E havia também o desejo de Ginetta de adquirir um carro para ser colocado à disposição de Chiara durante a sua permanência.

Comunicando às focolarinas esses sentimentos, surgiram várias idéias, entre as quais a mais plausível parecia ser a produção de pão para ser vendido à beira da rodovia aos passantes que trafegavam numerosos no fim de semana.

Depois de uma semana de trabalho nos ateliers de artesanato, Maria de Jesus e outras focolarinas produziam o pão a partir de sexta-feira à noite, no sábado e no domingo e o levavam num carrinho de supermercado até a pista onde ofereciam aos passantes para a compra. A clientela foi se habituando com a presença das “meninas” e nos fins de semana em que não conseguiam produzir eram procuradas pelas pessoas que queriam saber o motivo pelo qual não estavam na pista.

Em três meses – conta Maria de Jesus - a gente teve que comprar um forno elétrico e a amassadeira ao menos para fazer as massas [...] muitas vezes a gente ficava até de madrugada para concluir o pão para vender no outro dia. E depois, esse relacionamento que a gente construiu com as pessoas, desde o início, com o cliente... interessar-se [por ele], não é só um cliente que compra um produto mas é um cliente que se torna um amigo porque você realmente se interessa pelo que ele faz, então isso cria um relacionamento entre quem vende e quem compra [...]. Ao longo do tempo as

peessoas paravam porque já conheciam a gente, a gente já sabia que aquele gostava do pão mais moreno, aquele do pão mais claro e eu me lembro que desde o início, quantas vezes as pessoas vinham de S. Paulo - porque tinham chácaras aqui – e [contavam] que às vezes nem tinham em programa de vir mas se perguntavam: ‘aonde a gente vai? Vai nas “meninas”’ [...], para eles era um relacionamento de sentir que alguém escutava, se interessava, então quantas experiências foram feitas nesse sentido de pessoas que vinham contar, pedir orações porque alguém da família ia fazer uma operação, éramos as primeiras pessoas a quem se referiam quando acontecia alguma coisa.

Às margens da rodovia – conta ainda Maria de Jesus - elas montavam uma mesa do tipo de praia, com guarda-sol, capinavam antes ao redor “porque não era bonito como agora, que está tudo com grama. Era tudo mato”. Colocavam “uma toalha bonita, na mesa e o carrinho de supermercado cheio de pão ao lado”. Depois de alguma tempo montaram um armário com prateleiras para colocar os pães mais à vista. Passados dois anos a atividade se ampliaram porque as necessidades também aumentaram. Era necessário construir uma outra casa para as jovens.

Por ocasião de uma mudança na legislação municipal permitindo a comercialização à margem direita da rodovia, foi possível a construção de um pequeno local de uma porta para a venda de pães e alguns tipos de torta.

Ginetta, segundo o relato de Maria de Jesus, sempre incentivou as novas idéias e iniciativas de quem estava ao seu lado, mas para os vários empreendimentos não havia sempre o dinheiro suficiente.

Então como é que você vai comprar algo se você não tem o dinheiro?
– se pergunta Maria de Jesus - Dir-se-ia que [Ginetta] era uma pessoa iludida?! Mas é que o dinheiro chegava porque era tal a certeza... [O de Ginetta] não era um arriscar ‘sem pés nem cabeça’ mas ela tinha uma visão do futuro.

Ginetta seguia o desenvolvimento das coisas na Mariápolis pessoalmente e foi ela “que levou para a frente praticamente todos esses trabalhos” [da parte feminina] – diz ainda Maria de Jesus. Às vezes as focolarinas tinham que trabalhar de noite também, para cumprir as metas de produção seja nos ateliers do artesanato seja na atividade do

pão. “E Ginetta sempre ia [pessoalmente]ou mandava alguma coisa [doce, chocolate] [...]. Tinha essa ‘alma’ por trás que dava essa força, essa garra”.

A atividade do pão transformou-se na *Espiga Dourada I e II*⁶³, uma panificadora e confeitaria, desenvolvendo 160 produtos e atendendo em média, 30 mil pessoas por mês.

Adriana Valle⁶⁴, focolarina italiana, atual responsável por essa atividade produtiva, declarou-nos em entrevista, que não pode falar da *Espiga Dourada* sem falar de Ginetta, porque “se a Espiga, hoje, está como está, é porque Ginetta ‘viu’” – diz ela. Com essa expressão, ela deixa entender um certo talento empresarial de Ginetta, que a tornava capaz de prever futuros desenvolvimentos mas, sobretudo, porque percebia que através daquela atividade muitas pessoas poderiam ter contato com a Mariápolis conhecendo os seus Ideais.

Por isso ela parecia “ter pressa” e queria aumentar continuamente a capacidade de atendimento da Espiga.” No entanto – continua Adriana - “Ginetta foi uma pessoa muito espiritual mas também muito ‘terrena’, com os pés no chão” e sabia aguardar o momento certo para os empreendimentos – como no caso já acenado também por M. de Jesus, quando, algum tempo antes, um padeiro havia desaconselhado o início de uma atividade produtiva.

Ginetta confiou esse setor a Adriana depois de quatro anos em que as “meninas” vendiam o pão às margens da rodovia, e acompanhava o crescimento da atividade pessoalmente. Todos os dias – conta Adriana – ela ia até lá para acompanhar o trabalho, participava da criatividade delas; foi ela quem deu o nome a um dos sanduíches produzidos – o sanduíche fantasia.

Mesmo depois de uma primeira reforma, Ginetta expressava constantemente o seu desejo de ampliar ainda mais a Espiga mas Adriana e as demais focolarinas tinham receio pois a situação financeira não permitia a imobilização do capital em novas estruturas. Corria o ano de 2000 e Ginetta teve uma crise cardíaca grave. As focolarinas decidiram providenciar o desenho do projeto da nova reforma para lhe mostrar mesmo se não havia condições de concretizá-lo.

A possibilidade financeira foi dada – explica Adriana - por um empresário fornecedor de produtos para a Espiga que “passou a ter um relacionamento com Ginetta mesmo sem conhecê-la” pessoalmente e que no dia do seu funeral, no momento em que

⁶³ Trata-se de dois pontos de produção e de venda nos dois sentidos da rodovia, um em frente ao outro.

⁶⁴ Adriana, 50 anos, veio para o Brasil em 1979.

o caixão era colocado no túmulo, sentiu que Ginetta lhe dizia ter chegado a hora dele fazer algo para os outros.

Depois do falecimento de Ginetta, Adriana afirma que ela está trabalhando “do céu” ainda mais do que antes, aliás, continua a levar para frente a *Espiga*, agora livre do obstáculo constituído pela lentidão delas em aderir imediatamente às suas palavras como às vezes faziam quando ela estava viva.

Prova disso – para Adriana – é que depois da morte de Ginetta elas pediram um “sinal” para ela de que fosse vontade de Deus a reforma da *Espiga II* e a “providência” financeira chegou através de um parente de uma das focolarinas e de uma outra cliente, tocada também ela pelo amor de Ginetta e que diante do seu túmulo dizia sentir-se em sintonia com Ginetta, que Ginetta encontrava-se, de certo modo, ao seu lado, dando-lhe forças”.

São muitos os que passam por ali e perguntam às jovens que ali trabalham, “quanto ganham de comissão para atenderem tão bem os clientes?”, ou “quais os cursos de atendimento que vocês fazem para que eu possa indicar aos meus funcionários?”, ou ainda: “sorrir de manhã, dá para entender, sorrir ao meio dia ainda dá, mas no fim do dia! Qual o “segredo” de vocês?”. A todas essas perguntas elas respondem falando a respeito da “regra de ouro” como princípio orientador de suas ações. “Regra de ouro” é como normalmente é denominada a frase das escrituras sagradas de várias religiões: “Faça ao outro o que gostaria que fizessem a você e não faça ao outro o que não gostaria que fizessem a você”.

Adriana afirma estar certa de que a *Espiga Dourada* irá sempre para a frente se elas que ali trabalham souberem manter o testamento de Ginetta que é a presença de Jesus em meio através do amor recíproco entre elas, da ordem, limpeza, que são expressão de amor concreto para com os clientes e de um tratamento com eles baseado na frase bíblica “Faça aos outros o que desejaria que fosse feito a você; não faça aos outros o que não desejaria que fizessem a você”.

Entrevistamos uma família, emblemática por ter começado a participar do Movimento através do contato com as “meninas” da *Espiga* (como é chamada corriqueiramente) : Luiz, Elda e Patrícia Durães⁶⁵.

Luiz, que vinha todos os fins de semana acompanhar a construção da casa em uma sua propriedade próxima à Mariápolis, parava sempre em outra padaria por

⁶⁵ Luiz, 45 anos, Elda, 45 anos e Patrícia, 15 anos, são aderentes do Movimento e residem em S. Paulo.

praticidade. O primeiro dia que resolveu parar na Espiga, o fez porque estava acompanhado da filha Patrícia - hoje com 15 anos -, e viu que o movimento ali era mais tranqüilo para ela, já que não vendiam alcoólicos.

E foi uma experiência interessante – conta Luiz – porque desde o primeiro instante a gente sentiu que o ‘clima’ ali era diferente. Cada vez que a gente chegava, a Sheila nos cumprimentava por nome, e eu pensava ‘Como pode, num lugar tão longe, onde não paro somente eu, e venho só aos sábados, a pessoa se lembrar direitinho do meu nome!? [...] Essa consideração, esse amor demonstrado é que nos encantava, principalmente a gente que é da capital e está vivendo lá num mundo que é um ambiente totalmente oposto ao que se experimenta aqui.

Para eles entrar na Espiga era como passar uma “fronteira espiritual” – como Luiz hoje se exprime. O relacionamento entre ele e a esposa, estava para se romper, ele e a filha encontravam-se bastante afastados um do outro; as discussões eram freqüentes. “mas a gente chegava na Espiga e o ‘clima’ mudava. E isso foi marcando muito, estimulando-nos”.

Elda afirma que a participação posterior a um Congresso Mariápolis é que a fez sentir plenamente do Movimento pois ali ela entendeu quais eram os valores que orientavam as ações sociais das “meninas” da Espiga.

Luiz define-se como alguém que era de “formação comunista”. Depois de batizado nunca mais havia freqüentado a Igreja. “Conhecendo a história de Chiara, vendo a história do Movimento, comecei a pensar: ‘Tudo aquilo que os teóricos do comunismo falavam é o Movimento dos Focolares. Qual o ingrediente que faltou para o comunismo dar certo? A espiritualidade’”.

Patrícia, a primeira a se pronunciar na Entrevista, conta:

A primeira coisa que a gente viu foi aquele sorriso, toda a alegria delas. Não estava aquele ‘clima’ de [cansaço misto com resignação] ‘oh, estou trabalhando’. Estavam felizes mesmo. Sempre dando ‘Bom dia’ com toda educação. Depois disso a gente nunca mais quis parar em outro lugar porque nenhum lugar era iguala a esse.

Por ocasião da viagem de Sheila para Loppiano⁶⁶, ela convidou-os juntamente com outros clientes da *Espiga* – aliás como todos os anos se faz – para uma reunião de despedida em sua casa. Ali eles conheceram a história do Movimento e da Mariápolis. Patrícia foi apresentada para as adolescentes (gen3) e passou a freqüentar a casa delas nos finais de semana.

Ver jovens como eu vivendo uma vida diferente era mesmo muito especial. Depois desse dia ninguém, nem meus pais quis sair desse Movimento. E isso influenciou bastante na minha vida. Eu era calma mas não é que eu era de amar, sabe? Eu fazia as coisas por fazer. E depois disso eu comecei a me lançar mais, no colégio também, porque era bem difícil para mim lidar com os colegas. E depois eu vi que eu tinha que amá-los. E a minha vida mudou completamente.

Elda afirma que “Patrícia antes não falava” e Luiz, ouvindo o depoimento da filha afirma que ficou impressionado e hoje não a reconhece mais tal foi a sua transformação nesse dois anos, desde quando tiveram o primeiro contato com o Movimento através da Espiga Dourada.

Outra coisa que eu acho fantástico nessa história toda é o seguinte: nunca, em nenhum momento ninguém chegou para nós convencendo a vir para o Movimento. Tanto que um dia eu perguntei o que devia fazer para entrar no Movimento e me responderam [em tom alegre] que eu já estava no Movimento há tempo!

No seu depoimento Luiz relata como primeiro “efeito” do seu contato com os ideais do Movimento e a assunção dos mesmos como orientação para as suas ações, a mudança no seu modo de encarar os presidiários. Ele realiza um trabalho policial voluntário e como herança de seu pai que também era policial, conta que tinha como verdadeiro, o lema “bandido bom é bandido morto”. O contato com o Movimento fê-lo refletir mais sobre isso e na vez seguinte em que foi à prisão pela primeira vez olhou para aqueles presos de maneira diferente, e percebeu a difícil situação em que se encontravam pela superlotação das celas. Moveu então uma ação junto às autoridades competentes conseguindo obter melhorias para os presos.

⁶⁶ Para iniciar o curso de formação das focolarinas no Instituto Superior de cultura *Misticity Corporis*.

A família possui uma empresa no setor de informática e atualmente encontra-se inserida no projeto *EdC*.

Há ainda outros fatos ocorridos com clientes da *Espiga Dourada* que ilustram transformações nas orientações das ações sociais dos sujeitos, a partir do contato com a experiência das suas funcionárias e, através delas, com o Ideal de vida da Mariápolis e do Movimento dos Focolares.

Ginetta incentivou também a constituição do Conjunto musical *Gen Festa*, composto por algumas focolarinas que possuíam talentos e experiência nesse campo. Por vários anos esse Conjunto percorreu o Brasil em *tournées*, levando a mensagem do Movimento através de espetáculos, favorecendo a difusão do Movimento e garantindo, ao mesmo tempo, meios de subsistência para as jovens da Mariápolis.

Ginetta tinha diante de si a formação de “homens novos” como prioridade. Por isso para ela era importante encontrar possibilidades de atividades para garantir meios de subsistência para o maior número possível de jovens que quisessem vir passar o período de formação na Mariápolis. Alberto Ferruci,⁶⁷ lembrando-se de quanto Ginetta lhe disse uma vez enquanto lhe mostrava a Mariápolis, coloca em evidência o quanto para ela era importante essa formação dos jovens. Falando-lhe sobre a casa destinada a hospedar as adolescentes, a qual continha 35 camas dispostas de modo a aproveitar o máximo possível do espaço disponível, e cuja construção havia custado uma cifra simbólica devido às doações que tinham chegado, ela dizia:

Todos os anos vêm aqui 35 adolescentes⁶⁸. Nós lhes damos aulas de dança, de religião, ensinamos a trabalhar, ensinamos o valor da família. Depois de um ano voltam para as suas casas ou [se quiserem] às vezes ficam na Mariápolis, porém essas não terminarão na calçada”.

Relatando sobre isso durante uma palestra no Paraguai, Alberto afirma que o público ficou impressionado e uma pessoa comentou: “Nós, como Igreja, gastamos milhões e milhões de dólares para ajudar os pobres, sem resultado algum, porque os ‘assistimos’, apenas, enquanto desse modo transforma-se a situação do homem”.

⁶⁷ Italiano, empresário e administrador de empresas no campo da refinaria do *software*. Presidente do *Bureau Internacional de Economia e Trabalho* e da *New Humanity*, ONG credenciada junto ao Conselho Econômico-Social das Nações Unidas, com o *status* de órgão consultivo. Desde o início acompanha, em nível mundial, a constituição e o desenvolvimento das empresas vinculadas ao Projeto *EdC*. É diretor do noticiário **Economia di Comunione**.

⁶⁸ No ano 2003 o número é 35.

Ainda a esse propósito, de “Homens novos”, a primeira preocupação de Ginetta não era a de angariar membros para as estruturas do Movimento mas para o “espírito do mesmo”. Isso parece emergir do depoimento do Dr. Mateus⁶⁹, médico de Ginetta, quando relata que Gineta nunca lhe explicou a estrutura do Movimento: “Ela dava a alma do Movimento [...] Ela me mostrou que não importa ser focolarino, aderente, ou voluntário; o que importa é que você tenha a alma do Movimento”, entendendo com o termo “alma” os valores evangélicos como princípios norteadores das próprias ações. E dá um exemplo disso quando relata que em uma ocasião em que ele deveria operar uma pessoa, Ginetta lhe disse que aquela pessoa deveria receber o amor de Deus através dele: “Eu nunca tinha pensado nisso – diz ele - ; eu sabia que era o Mateus, que era médico, que sabia operar. Já imaginou a grandiosidade disso? Que Deus lá em cima pensou em mim aqui para ser o amor dele?”.

A reação do Dr. Mateus nos sugere uma leitura da espiritualidade do Movimento como uma religiosidade que, de certa forma, está em antítese com aquela que apresenta um Deus ciumento, que exige a servidão do homem, e que guarda infinita distância do ser humano. Aqui parece que Deus é percebido como amigo e aliado do homem o qual é instrumento dele mas não tanto no sentido de alguém que presta serviço à divindade, mas que se torna quase a presença do próprio Deus em ação. É como se acontecesse uma transfiguração da pessoa. De fato o Dr. Mateus continua explicando o seu pensamento:

Por isso eu digo que Ginetta tinha os pés na terra e a cabeça no céu. Qual pé na terra? É o fato que você sabe operar, senão não seria você. Mas você naquele momento não é você, é o amor de Deus que está em você para a pessoa. Ginetta conseguiu unir, mostrar para mim que existe união que não são coisas separadas.

Sempre com o objetivo de encontrar meios de subsistência que permitissem a vinda do maior número possível de jovens na Mariápolis, para um período de formação, e, de modo particular, para a parte feminina da qual Ginetta era mais diretamente responsável, Ginetta trouxe da Mariápolis de Loppiano na década de 1980, modelos de artesanato de tecido que ali eram produzidos com o mesmo objetivo.

⁶⁹ Dr. Mateus Rotta é um dos médicos que tratou de Ginetta, proctologista, e residente em Mogi das Cruzes. Participa do Movimento Famílias Novas, do Movimento dos Focolares.

Perguntou quem, entre as focolarinas sentia-se propensa a esse tipo de trabalho. M. de Jesus, que havia feito ainda em Portugal um curso de corte e costura, ofereceu-se para começar a confecção desses objetos: eram bonecas, animais, brinquedos, enfeites de tecido, de lã, etc. Ginetta apoiou a sua idéia de um curso de reciclagem profissional e, ao lado das confecções de brinquedos iniciou-se também um atelier de moda feminina.

Ginetta prezava muito a difusão de uma nova moda, chamada por ela de ‘moda mariana’, que deveria ser expressão da beleza que é Deus, e de Maria – denominada pelos cristãos, de “a toda bela”.

Na proposta de abertura de um atelier de costura, relata Maria de Jesus:

tinha dois aspectos — o aspecto econômico porque precisa dar sustento a essas jovens [...] e esse outro lado forte, essa resposta às pessoas [...], porque as pessoas do Movimento queriam encontrar um lugar onde você tem aquela roupa com a qual se sente bem e não como a moda te apresenta.

Nas suas breves excursões à praia, em Caraguatatuba, Ginetta notou o estilo dos trajes de banho usados, especialmente os femininos. Sugeriu às adolescentes do Movimento a criação de modelos alternativos de maiôs e apresentá-los ao comércio. E falava-lhes freqüentemente sobre a moda mariana. Por alguns anos essa atividade foi levada adiante e a fábrica *Oceânia* assumiu a compra dos modelos, a confecção e distribuição dos mesmos na rede de lojas.

Em seguida os ateliers *Lírios do Campo* também começaram a confeccionar maiôs nessa linha atendendo a demanda dos membros do Movimento das várias regiões do Brasil e também do exterior. Atualmente ainda são confeccionados na Mariápolis, pelos ateliers *Lírios do Campo* e pela empresa da *EdC La Tunica confecções*.

Nos primeiros anos da Mariápolis, conta M. de Jesus:

havia muito barro e toda vez que chovia passava um carro nessa rua de baixo e atolava, os ônibus, que vinham [trazendo congressistas] também. Por isso foi feito aquele trevo ali e aquele acostamento; fomos nós, não foi o D.E.R., nós – quer dizer, Ginetta, lógico, nós no sentido a Mariápolis.

Por isso, na expressão de alguns depoentes, (como Antonio Caldas, Maria de Jesus), há uma mútua imbricação entre a vida de Ginetta e a história da Mariápolis que, atualmente, leva o seu nome.

Ginetta era “uma criatura sempre atenta ao outro” (ZATTERA, Entrevista), a sua “preocupação era sempre de caráter coletivo, nunca consigo mesma” – afirma Antonio Caldas.

A propósito disso, durante um Congresso Nacional de freiras em 1993, Ginetta lhes contou que nos seus passeios na praia, ela promovia juntamente com as focolarinas que estavam com ela, uma “operação limpeza” da praia, recolhendo cacos de vidro, latinhas de refrigerante, galhos secos, etc.

Expondo as suas motivações para tal gesto, ela explicava que quando a maré subiria, se por acaso alguém fosse entrar na água, poderia correr o risco de cortar o pé e – dizia ela “o pé dessa pessoa é o meu pé”.

Maria de Jesus, uma das que sempre acompanhavam Ginetta, conta que ela argumentava também que a natureza era igualmente “um dom de Deus” e que, portanto, precisava ser preservada, mantida em ordem e harmonia.

Na década de 1970, uma congressista escorregou na lama, caiu e quebrou o braço. Foi o sinal concreto para Ginetta de que não se podia mais esperar para asfaltar a Mariápolis. Com uma doação financeira por parte de uma família participante do Movimento, de Piracicaba, conseguiram contratar as máquinas e pavimentar as ruas que contornavam o Centro Mariápolis.

Uma vez concluído, Ginetta estava pesarosa porque constatando o preço do aluguel das máquinas, pensava ser oportuno aproveitá-las para asfaltar ainda o restante da Mariápolis.

Diante da tentativa de muitos a desistir da idéia sob alegação de que isso não era obrigação da Mariápolis e sim da Prefeitura, Ginetta deixa entrever uma concepção diferente das relações sociais associativas entre indivíduo e grupos e o Estado, quando assevera: “Mas a Prefeitura quem é? A prefeitura sou eu” (Norma Entrevista). As ações sociais de Ginetta revelam-se ações políticas, onde o termo aqui deve ser entendido no seu significado original que remete à *polis*, à consciência do cidadão responsável pela coisa pública.

Assim, Ginetta procura consultar na sua memória os possíveis nomes de pessoas que eventualmente poderiam oferecer algum empréstimo. Convidou então a família

Caldas de Piracicaba que compunha a comunidade do Movimento naquela região, para um colóquio no qual expôs-lhes a situação.

Evidenciando elementos de racionalidade com relação a valores nas ações de Ginetta, Antonio Caldas relata:

Podemos considerar o fato de duas maneiras: do ponto de vista humano era uma coisa incompreensível porque era muito caro. [...] Percebi também – mesmo se ninguém me disse nada – que nem todo mundo estava de acordo com isso. Era difícil de acreditar, era difícil de aceitar essa idéia [de asfaltar o resto da Mariápolis].

E continua, evidenciando a “solidão” de Ginetta nesse episódio, solidão mental, espiritual, mais do que física, pelo fato de ‘enxergar’ mais longe do que os demais os resultados daquela ação que era percebida por todos como “irracional” com relação a fins de lucro, a fins de bons resultados a pouco custo: “Eu senti que Ginetta estava meio sozinha naquele pensamento que não estava sendo bem aceito”.

No entanto, elementos de racionalidade com relação a fins também estão presentes na estratégia de Ginetta para conseguir os meios. Ela diz a Antonio que ela precisava de um capitalista que pudesse arrumar o dinheiro necessário ao qual depois seria pago sem juros.

Antonio confessa que mesmo tendo quase toda a quantia necessária não teve “fé e coragem suficientes” naquele momento, para oferecê-la a Ginetta – pensando a outros projetos e necessidades pessoais e da família. Deu-lhe outra idéia com a qual ela concordou. No entanto, de retorno para casa - contam ele e esposa Gina – pensaram que não podiam deixar Ginetta sem uma resposta e então pensaram em vender uma chácara que possuíam de modo a inteirar o dinheiro.

Mas o importante – continua Antonio – é que eu aprendi naquele dia que Ginetta enxergava mais do que a gente, mais do que nós todos. Ela tinha uma visão mais profunda, mais longa. Ela enxergava onde nós não conseguíamos enxergar. Nós estávamos parados com a nossa visão, num determinado ponto, mas Ginetta estava enxergando mais à frente. E a visão dela é que era a verdadeira. E o tempo mostrou isso porque o asfalto foi feito, conseguiu-se pagar e está aí até hoje.

Isso torna compreensível o depoimento de Gina, que completa o relato narrando a posição que Ginetta assumiu em suas vidas: a posição de alguém que transmitia com as suas ações, uma convicção muito grande de que os ideais pelos quais vivia eram os mais verdadeiros, e que lhe conferia uma autoridade moral indiscutível:

Ginetta era um rastro de luz, ela abria caminhos de luz. Quando a gente estava ao lado de Ginetta a gente ‘enxergava’. [...] Nós sempre fomos arrastados por essa luz de Ginetta porque a gente nunca raciocinou aquilo que Ginetta disse, nós nunca raciocinamos uma palavra de Ginetta! Foi a coisa mais acertada que nós fizemos na vida: não “por a nossa cabeça no meio da cabeça” de Ginetta. Ela foi sempre a nossa “cabeça”. Ela dizia e era assunto consumado, não se raciocinava, não se perguntava o porquê mesmo se você não estava acreditando”.

Com a “providência” que chegou foi possível completar o asfalto nas demais ruas da Mariápolis, não sem a ajuda de um grupo de focolarinas, as quais, com o objetivo de acelerar o trabalho e diminuir o mais possível o custo do aluguel das máquinas, espalhavam a primeira camada de brita com vassouras (M. de Jesus, Entrevista).

“Os canteiros de obras nunca ficaram ociosos aqui [...] era impressionante ver como para ela [Ginetta], cada pedra, cada coisa era em vista do mundo unido” – afirma Eduardo. E ela acreditava que, sendo uma obra “de Deus” Ele não deixaria faltar a “providência”.

Na época da segunda construção - um prédio com salão com capacidade para 100 pessoas, cozinha e dormitórios - conta Darci:

Quando começamos tínhamos pouco dinheiro, naturalmente. Só que quando começamos cavar, o terreno era pantanoso, tinha água e precisava chamar um bate estaca de S. Paulo. Mas isso encarecia demais a construção, precisava de mais dinheiro e nós não tínhamos.

A empreiteira contratada era do Sr. Versoni, italiano, agnóstico e fascista declarado, conta ainda Darci. Ele percebeu a dificuldade do grupo para a continuação da obra diante do imprevisto. Naqueles dias Violetta, que se encontrava no focolare de S. Paulo, trouxe para Ginetta um broche doado por uma voluntária de Pelotas. Avaliada a

jóias essa foi oferecida ao próprio empreiteiro. Ele a comprou para a esposa tornando possível o término da construção.

Em uma outra ocasião, fazia-se necessária uma certa soma para pagar, no dia seguinte, uma das prestações para a empresa construtora e ainda não tinha sido atingida. Ginetta reuniu as focolarinas com quem morava e as convidou a fazerem, com ela, um *consenserint*, ou seja, pedirem, juntas, a Deus, em nome de Jesus. Isso aconteceu antes do momento do almoço. Logo após o almoço chegou uma focolarina de São Paulo – já que a comunicação por telefone não era possível acontecer num espaço de tempo curto – trazendo para Ginetta um telegrama de alguém que havia depositado uma quantia na conta do Movimento, como colaboração para as construções.

Assim, as várias construções do Movimento no Brasil foram realizadas sempre num contexto de economia marcada por situações extracotidianas, como descreve ainda Darci:

Começamos com rifas, sempre foi esse o caminho; com atividades e doação de jóias e venda das mesmas [...]. Trabalhávamos também para a construção do Centro Mariápolis de Recife [...]. Essa comunhão de bens era para lá também. Íamos ao Viaduto do Chá vender rifa, ouvíamos coisas desagradáveis [dos passantes].

Mas Darci aponta também para a posição de Ginetta como centro ético do grupo, na medida em que era responsável pela manutenção do nível de entusiasmo e convicção pelos valores que orientavam os seus componentes naquelas ações sociais : “Mas Ginetta encontrava-se conosco todos os dias, antes de sairmos, e quando chegávamos. Ela nos mantinha sempre no clima e no amor a Jesus Abandonado”.

A narração que Ginetta costumava fazer, quando solicitada, sobre a história do nascimento e desenvolvimento da Mariápolis, terminava sempre com uma interpretação dos fatos acontecidos, no sentido de serem expressão viva e loquaz da utopia do Movimento, que é o Ideal da unidade. Dizia Gineta:

Se aqui se apresentassem todas as jóias doadas! – Acho que é difícil encontrar entre nós alguém que ainda tenha jóias, porque deram tudo, das coisas mais valiosas às coisas mais [afetivamente] ligadas à pessoa. Se essas construções pudessem falar... Ah!, fariam um apostolado...! Mas acho que o fazem mesmo se calando (CALLIARI, 1992bA).

Atualmente, na Mariápolis estão presentes, como fontes parciais de trabalho para os habitantes, a *Editora Cidade Nova* que edita em média 15 títulos por ano, e a Revista homônima com 30 mil assinaturas anuais, o *Centro Mariápolis* para Congressos, a *Espiga Dourada*, uma marcenaria, centro de atividades artesanais, o *Centro Vita*, de audiovisuais e o Centro de redação de 5 periódicos nacionais de circulação interna ao Movimento.

Ginetta aguardava ansiosamente o dia em que Chiara teria vindo conhecer a Mariápolis. Ela desejava conhecer a avaliação de Chiara de tudo o que tinha sido feito até então no Movimento, no Brasil, depois da sua última visita em 1966. Depois de uma visita programada para 1982 e não realizada por motivos de saúde, confessa Eduardo: “Nós tínhamos já perdido a esperança na vinda de Chiara. Perder não, mas quase. Era uma esperança remota que um dia iria acontecer o milagre de Chiara vir. Mas ela [Ginetta] fazia as coisas como se Chiara fosse chegar no mês que vem”.

Esse aspecto mostra ainda uma vez as qualidades de Ginetta enquanto discípula de uma líder carismática, a única, segundo ela, que poderia dar o aval se os resultados correspondiam às expectativas contidas na relação social que se estabelecia entre elas, e cujos valores, provinham da utopia do Movimento, partilhada por ambas.

Chiara voltou para o Brasil somente em 1991. No seu Diário de viagem de 1991, ela assim expressava o motivo da sua vinda ao Brasil:

[...] estou aqui para retribuir um amor fiel como, creio, talvez não exista outro igual no mundo; amor que , aliás, é a causa primeira das maravilhas únicas que acontecem nesta região. Estou aqui para celebrar a plena atuação do pacto de amor recíproco formulado nos primeiros tempos entre nós, focolarinas, e vivido por Ginetta de um modo superlativo. Agora, sobre este pequeno/grande acontecimento, sobre esta lágrima e sobre esta estrela, tudo florescerá e penso que serão coisas grandes (LUBICH, 1991b)⁷⁰.

Naquele mesmo ano, constatando o desenvolvimento do Movimento no Brasil, Chiara sublinha as qualidades de Ginetta como discípula exemplar numa relação social de tipo carismático, anotando ainda no seu Diário:

⁷⁰ 13 maio. 1991b. Mimeo.

Ginetta está ‘morta a si mesma’. Percebe-se isso pela maneira como se comporta: toda projetada em função dos outros. Constata-se através do seu interesse pela Obra inteira... [...] Ela preparou para mim uma breve síntese da história do Ideal neste imenso país, o Brasil: não existe nem sombra de glória pessoal, não há sinal de satisfação pelo que foi feito: tudo é essencial. Ginetta é um verdadeiro mediador, transmite o carisma tal e qual, não acrescenta nada, não tira nada... Ela soube não acrescentar ao carisma os próprios pensamentos, as próprias considerações, os próprios julgamentos, mas o tomou tal e qual, como nos foi dado por Deus (LUBICH, 1991b, Mimeo).

Durante a permanência de Chiara, por 21 dias no Brasil, sempre na Mariápolis Ginetta, cabe salientar o surgimento de dois entre três projetos que dizem respeito diretamente à vida da Mariápolis, os quais contarão com uma influência direta de Ginetta na sua realização e que mudarão os rumos da cotidianidade da Mariápolis: a *EdC* e da Igreja. O terceiro, envolvendo mais diretamente os focolarinos, foi a transferência para a Mariápolis, de todos os setores da Editora *Cidade Nova*, concentrando ali todas as fases do processo de edição dos livros e da revista.

Chiara, então, constata que a Mariápolis Ginetta era a mais completa e, portanto um modelo para as demais, em outros países. De fato, quase todos os setores do Movimento estavam já representados ali de maneira estável. E, portanto, para Chiara já se fazia maduro o tempo para que houvesse também a Igreja.

A concepção de “cidade” para Chiara contrasta claramente com os ideais da modernidade para os quais – como aponta o pensamento de Weber (1980), já citado – a esfera religiosa é uma entre outras sem possuir mais um papel relevante em nível público. Para ela, além do fato de que a presença da Igreja na Mariápolis se colocar como produto final, maduro, de um processo de desenvolvimento da cidade, também a sua localização topográfica deveria expressar materialmente a centralidade da esfera religiosa no âmbito dos valores assumidos e partilhados pelos moradores.

Descrevendo o perfil da Igreja – assim como ela tinha imaginado “num sonho a olhos abertos” - palavras suas – Chiara (LUBICH, 1991b, Mimeo) sublinha o fato de que a imaginara no local mais alto da Mariápolis. Deveria possuir sinos, de modo a constituir-se em ponto de atração para os frequentadores daquela região vizinha da Mariápolis, chamando suas atenções para os valores religiosos que a vista de uma Igreja e o badalar dos sinos evoca, e que a sociedade moderna descartou.

Com o retorno de Chiara para a Itália, Ginetta assumiu a responsabilidade da construção da Igreja. Tratava-se de conciliar a realização do projeto assim como Chiara tinha idealizado e o menor custo financeiro.

Ginetta confiou a responsabilidade da construção a duas focolarinas (Miriam Richert, arquiteta e Francisca Norma, engenheira civil) e a uma voluntária (Fátima de Souza, engenheira elétrica).

Cada desenho era avaliado pelas três junto com Ginetta e as outras focolarinas e focolarinos. O estudo que se tornou o projeto definitivo foi o 28°.

Para as várias fases da construção encontramos Ginetta que reza, pedindo junto com as focolarinas, a “providência de Deus”, que incentiva as várias comunidades da região a realizarem a comunhão de bens, a usarem a própria criatividade em iniciativas produtivas cujos lucros seriam destinados à construção, como também a motivarem outras pessoas para ajudarem com doações. Ela, pessoalmente, manteve contatos com amigos do exterior os quais ofereceram ajuda financeira que veio a somar-se aos recursos obtidos.

A sobriedade da construção e do ornamento interior, reduzido aos elementos essenciais exigidos pela liturgia católica, a presença de uma única estátua representando de forma estilizada os pontos centrais da espiritualidade do Movimento (Jesus crucificado e sua mãe Maria aos pés da cruz), e o bom gosto estético – testemunhado pelos seus visitantes – fazem da Igreja um dos pontos mais visitados da Mariápolis, e freqüentado para a Missa dos finais de semana, pelos moradores das chácaras vizinhas.

A sua estrutura arquitetônica, contendo elementos simbólicos da espiritualidade do Movimento, compõe com as demais construções, um conjunto expressivo da utopia do mesmo.

Mais recentemente, Chiara falou sobre a necessidade de que a utopia do Movimento seja expressa também em um “pensamento” que atravessasse transversalmente todos campos do saber, impregnando-os de si. E que isso se concretize no surgimento de universidades próprias. A experiência já começou na Itália, *ad sperimentum*, com cursos abertos para jovens do Movimento provenientes de vários países, e mesmo sem possuir ainda uma sede.

O último ato de Ginetta antes do seu falecimento foi o de “procurar a providência de Deus” para a compra de um terreno para uma futura universidade na Mariápolis, confirmando assim, ainda uma vez o seu radical assentimento à “visão de futuro”, “carismática”, de Chiara com a qual a cidade se completaria no seu papel de

paradigma de “sociedade nova”. Dr. Mateus Motta, médico de Ginetta que a acompanhou até o último momento, relata que durante uma conversa com ela, sobre esse assunto, ela lhe disse: “Quando Chiara diz, devemos fazer imediatamente, pois esse é o momento da graça e não podemos perdê-lo; nossa resposta deve ser imediata”.

Enzo Morandi, assinala que ao ver a Mariápolis Ginetta na sua configuração atual, sente a confirmação de que tudo o que nela se realizou faz parte de um “desígnio de Deus”, pois mesmo tendo acompanhado o seu desenvolvimento, participado das várias fases, quase que conhecendo cada tijolo, o resultado atual – na sua leitura – extrapola as capacidades humanas. E ele conclui sublinhado a “racionalidade valorativa conferida pela sua fé em Deus, dizendo que “foi inteligente crer no amor de Deus mesmo quando não se “vê” nada, mesmo quando toda a realidade parece dizer o contrário [do que a fé leva a acreditar]”

3.3. A Mariápolis Ginetta no contexto social e cultural de Vargem Grande

Podemos identificar dois níveis de análise social da Mariápolis: o nível simbólico que a considera uma cidade utópica, ‘Mariápolis’, e aí o termo ‘cidade’ deve ser tomado em sentido figurado, de paradigma. E o nível sociológico urbano que a considera inserida em um contexto de espaço e tempo determinado por coordenadas geográficas e históricas bem definidas. Nesse segundo nível a Mariápolis reúne, simultaneamente, elementos típicos ideais de uma *comunidade mental e de vizinhança* - no sentido conferido por Tonnies (1947, p. 32).

No nível simbólico a Mariápolis possui uma extensão geográfica que extrapola os seus 20 hectares, situados no Km 47 da rodovia Bunjiro Nakao, alcançando não só a cidade de Vargem Grande, mas também Cotia, Caucaia, S. Roque, já que os membros do Movimento presentes nessas cidades mais próximas são considerados membros também da Mariápolis pois freqüentam as atividades do Movimento que acontecem ali.

Falar da inserção da Mariápolis Ginetta no contexto sócio-cultural de Vargem Grande, não significa excluir o primeiro nível de análise mas verificar os resultados da imbricação desses dois níveis.

Em 1998 Chiara retornou ao Brasil. O motivo formal de sua vinda era a outorga a ela por parte do Governo brasileiro, do título de membro da *Ordem Cruzeiro do Sul*. Na ocasião, a Câmara dos vereadores de Vargem Grande propôs a outorga da cidadania

vargengrandense a Chiara, efetivada com o Decreto legislativo 1/98⁷¹. A motivação alegada, como recita o texto do Decreto, é dada pela presença da Mariápolis no município que visibiliza a utopia de Chiara de uma “sociedade renovada pelo amor evangélico”.

Reportamos abaixo parte do texto do Decreto:

A Mariápolis Araceli, com as suas finalidades sociais, de formação integral e religiosa, deu e dá um grande impulso ao desenvolvimento da nossa cidade, elevando-a no cenário mundial. Jovens provenientes de todos os Estados do Brasil e também do exterior transcorrem períodos de formação aqui na Mariápolis. [...]. A Mariápolis Araceli, com o seu testemunho autêntico de sociedade renovada pela lei evangélica do amor, provoca esperança e determinação nas pessoas que trabalham pela paz e pela unidade das sociedades e dos povos. Por tudo isso e sobretudo pela coragem de Chiara de anunciar que é possível um mundo mais unido quando hoje muitos têm a coragem de anunciar a guerra, o mal, nós, especialmente pela coragem de Chiara, anunciamos que é possível o mundo unido, a sociedade mais fraterna (ARAÚJO, V. C. 1999, p. 65-66).

Como resposta, Chiara declarou ao Município a disponibilidade de serviço dos moradores da Mariápolis e das dependências da mesma para as necessidades logísticas da cidade de Vargem Grande. Após o falecimento de Ginetta, a Mariápolis, passa a constar no mapa da cidade como *Bairro Ginetta*, com a lei municipal nº 30 de 26 de novembro de 2001.

A participação dos moradores da Mariápolis nas atividades públicas de Vargem Grande intensificou-se a partir de então. Alguns deles, que tinham concorrido a cargos políticos, continuaram a disputar mandatos. A partir de 1991, com o início do projeto *EdC* surgiram algumas empresas em Vargem Grande, atraindo recursos para o Município, gerando empregos e novos serviços que até então não eram disponibilizados para a população.

O processo de reconhecimento da Mariápolis por parte dos habitantes e Vargem Grande, como território da cidade, ainda está acontecendo e não é desprovido de dificuldades e contradições.

⁷¹ O Distrito de Vargem Grande emancipou-se em 23 dez. de 1981.

Ser um “mariapolita”, isto é, um habitante da Mariápolis, significa assumir a sua utopia, o Ideal do Movimento dos Focolares, que, por sua vez resume-se no amor evangélico. Na compreensão dos membros do Movimento – como já acenamos no II Cap.– esse amor encontra expressão nos vários aspectos da vida individual e em grupo, os quais são representados pelas sete cores do Arco-Íris. A cor azul, na dimensão coletiva, diz respeito à estética do ambiente, à cidadania. Na concepção de Chiara, o conceito de ‘unidade’ está relacionado com ‘altíssima harmonia’. Portanto, manter limpos, esteticamente ordenadas, as ruas casas e jardins, é, neste caso expressão de amor.

A Mariápolis Ginetta, com suas casas, na maior parte brancas, com jardins floridos, gramados e ruas mantidos limpos pelos moradores, e pelas áreas verdes compostas por um misto de resquícios de mata atlântica e altos pinheiros cuja plantação remonta à iniciativa de Ginetta ainda no início, proporciona aos visitantes e observadores externos um panorama esteticamente contrastante com a maior parte do território urbano de Vargem Grande, a qual, considerada o último município da Grande S. Paulo, conserva um estilo de cidade com desenvolvimento aleatório.

De certa forma, esse contexto faz com que a Mariápolis seja vista por muitos habitantes de Vargem Grande como um bairro rico, um condomínio. No entanto, o visitante encontra suas casas internamente mobiliadas com poucos móveis, essenciais, cada uma carregando consigo uma “história de providência” sempre pronta a ser-lhe narrada pelos moradores. Ao lado dessa avaliação que coloca a Mariápolis como que fora das fronteiras da cidade, existe também a outra que a considera, com uma certa ponta de orgulho bairrista, como o cartão postal de Vargem Grande, o local apontado como o mais bonito da cidade.

Os habitantes da Mariápolis possuem a determinação de que a Mariápolis continue aberta e não se transforme em condomínio fechado; têm a convicção de que a sua “vocação” é justamente a abertura a todos, de modo que todos tenham acesso a um modelo de cidade que quer testemunhar a possibilidade de realização da utopia e da visão de mundo que assumiram como orientação de suas vidas, e que acreditam possível para todos.

Algumas habitantes da Mariápolis, orientadas pelos valores da fraternidade e do serviço a Jesus no próximo, assim como o Movimento apregoa com a sua utopia, deram vida e sustentam alguns projetos sociais em localidades carentes, como no Bairro do Carmo, ex quilombo de resistência cultural no município de S. Roque (já citado) e no

Jardim Margarida na margem oposta da rodovia, na frente da Mariápolis, passando a residir nessas localidades.

Esses projetos sociais, aos olhos de observadores externos confere maior consistência aos propósitos de inserção sócio cultural da Mariápolis no município de Vargem Grande, em particular.

Com o lançamento do projeto *EdC* em 1991 e, em particular com a construção do *Pólo Empresarial Spartaco* que lhe conferiu visibilidade através da instalação das suas atuais sete empresas, a Mariápolis completou-se como expressão simbólica de cidade utópica, assim como Chiara havia intuído em 1956 ao ver a abadia beneditina em Einsiedeln, na Suíça,: “uma cidade com casas, com chaminés...”, ou seja, uma cidade constituída por uma parte – nas palavras de Chiara - “terrestre” (o Pólo com suas empresas) e uma parte mais “celeste”, a Mariápolis propriamente dita, existente até então, com suas casas para a formação de “homens novos”, com seus Congressos, com a sua cotidianidade marcada por ações e relações sociais comunitárias intentas a construir grupos de tipo comunhão.

3.4. Relacionamento com os antepassados

Inicialmente, como já referido, o nome da Mariápolis era uma homenagem a Araceli, uma focolarina da Espanha falecida naquele período da inauguração do primeiro Centro Mariápolis, em 1972.

O uso, em vigor no Movimento, de atribuir às suas Mariápolis, às respectivas ruas e construções nomes de membros falecidos, fornece-nos uma indicação sobre o relacionamento que existe, no seu interior, com os antepassados. Esses são considerados permanentemente membros do grupo. Como os vivos formam as Mariápolis “terrenas”, os mortos formam a Mariápolis “celeste”, e na concepção própria do Movimento esse é constituído por essas duas dimensões que se remetem à esfera profana e à esfera do sagrado. Isso significa que, no âmbito do Movimento, considera-se a utopia que o caracteriza e as relações sociais que ela engendra, como algo de não contingente mas que tem a ver com uma duração eterna.

Um resumo das biografias dos falecidos é publicado logo sem seguida da morte, em um noticiário interno do Movimento na perspectiva da publicação mais ampla e detalhada das mesmas⁷².

Nos seus túmulos, geralmente, além da foto é colocada uma frase da Bíblia. Trata-se da “palavra de vida”, isto é, uma frase sugerida por Chiara – a pedido da pessoa a qual, tendo conhecido o Movimento, deseja orientar as suas ações dali em diante segundo a nova visão de mundo conferida pela espiritualidade do mesmo.

O constante apelo à memória, dos membros falecidos, através da solicitação visual dos seus nomes nas ruas, nas casas, cumpre assim um papel de manutenção, dos propósitos de fidelidade à utopia do Movimento, por parte dos membros vivos, pois incentiva-os a olhar para as suas biografias como modelos a serem imitados. Deste modo, nas palavras de Chiara (LUBICH apud COME UN ARCOBALENO, 1999, p. 351, Mimeo), aqueles “continuarão, mesmo depois de mortos, a fazerem o bem”.

3.5. O cotidiano da Mariápolis Ginetta

O dia de um habitante da Mariápolis Ginetta é marcado pelo ritmo alternado de momentos de oração, de trabalho, de atividades voltadas à difusão do Movimento, de festas, de estudo.

Ponto importante para todos são os encontros regulares por setores (e também no interior das famílias) para a partilha de “experiências da Palavra de vida e comunhão de almas”. Trata-se de momentos nos quais se comunica reciprocamente os resultados das próprias ações sociais orientadas pelo amor, bem como das dificuldades, dos sofrimentos e alegrias. Igualmente, por setores, realiza-se regularmente a admoestação recíproca. Essas ocasiões são percebidas como instrumentos para o crescimento da solidariedade, da renovação do compromisso comum com a utopia do Movimento e, portanto, crescimento da comunhão.

A maioria dos moradores assistem à Missa que diariamente é celebrada na comunidade, ou em outros locais, dependendo do horário de trabalho de cada um.

As programações dos grupos por setores do Movimento (famílias, gen, focolarinos, focolarinas, voluntários, padres, e outros) se adaptam à medida das necessidades de trabalho, à programação geral da cidade no que diz respeito à acolhida

⁷² Já existem vários desses volumes publicados.

de grupos de visitante ou Congressos. Algumas pessoas são previamente escaladas para o serviço de acompanhamento na visita e na apresentação da história e ideais do Movimento e outras para narrar o próprio depoimento de vida orientada pelos valores contidos na espiritualidade do mesmo.

No período de julho de 2002 a julho de 2003 foram mais de 14.500 as pessoas que passaram pela Mariápolis com o objetivo de visita ou para conhecê-la, exceto as 14.853 que estiveram ali como congressistas, no Centro Mariápolis.

Na agenda da Mariápolis há programações imprevistas devido a grupos de visitantes que chegam inesperadamente ou devido a falecimentos ou ainda devido a notícias do Movimento que chegam e que congregam imediatamente os moradores para serem colocados a par das mesmas. Há ainda algumas datas fixas no mês nas quais os habitantes habitualmente se reúnem. Assim, às quintas feiras da quarta semana, pela manhã, eles têm um encontro marcado com Chiara através de um telefonema coletivo que permite a coligação simultânea com 317 pontos de escuta em muitos países onde o Movimento está presente com alguma comunidade. Durante uma hora e meia Chiara se comunica com todos transmitindo as últimas notícias relativas ao Movimento, dialogando com os responsáveis de cada região e propõe um pensamento espiritual, em forma de lema destinado a nortear as ações de todos os membros até o próximo telefonema.

Uma vez por mês todos os habitantes da Mariápolis se reúnem para um momento denominado de “co-interesse” no qual são partilhadas notícias locais do Movimento, alguns habitantes narram resumidamente suas histórias de vida, acontecimentos tristes ou alegres, tudo em vista de um aumento do nível de comunhão entre todos.

Não faltam também momentos de atividades lúdicas envolvendo os habitantes, especialmente em algumas datas significativas da história do Movimento ou da Mariápolis, bem como nas festas cristãs tradicionais. Além dessas ocasiões gerais, cada setor do Movimento organiza as festas ou programações particulares em datas de aniversários, visitas de parentes ou por outros motivos que dizem respeito mais diretamente àquele setor ou família.

Duas manhãs por semana os vários grupos de jovens, adultos e adolescentes presentes na Mariápolis para um período de formação na espiritualidade do Movimento por um ou dois anos, recebem cursos específicos ministrados por focolarinas, focolarinos e sacerdotes, sobre a história do Movimento, história da Igreja, doutrina

católica, moral católica, espiritualidade do Movimento, italiano. As jovens e as adolescentes, além disso dedicam momentos para ensaio dos respectivos conjuntos musicais através dos quais transmitem os ideais do Movimento e seus próprios depoimentos durante espetáculos para os grupos de visitantes na Mariápolis ou a convite de instituições externas.

Outra parte do tempo dos jovens é dedicado a várias atividades artesanais que integram o programa de formação na Mariápolis. Entre essas o aprendizado do pão na *Espiga Dourada*, para as jovens, que lhes confere ao final da permanência, um certificado que tem se revelado útil profissionalmente, depois, quando voltam para suas cidades.

Quanto aos habitantes adultos, focolarinos, focolarinas e alguns membros integrantes das famílias, essas pessoas prestam serviço voluntário na *Espiga Dourada*, nos centros artesanais, na marcenaria, na confecção *Lírios do Campo*, na Editora *Cidade Nova*, e nos vários serviços de cozinha e limpeza durante os Congressos. Os demais trabalham fora, como empregados ou profissionais liberais: professores, operadores da saúde, advogados, bancários etc. Os e as jovens e adolescentes integrantes da Mariápolis para a formação por um ou dois anos, são mantidos pelo Movimento durante esse período.

A partir de 1991, com o início do projeto *EdC* a Mariápolis tem se tornado ponto de atração também em nível internacional e de personalidades em âmbito político econômico e acadêmico, todos interessados no conhecimento do projeto.

Já foram realizados, na Mariápolis, dois Congressos internacionais de empresários e agentes ligados à *EdC*. Uma vez por mês há um breve encontro para essa categoria, com o objetivo de aprofundamento da espiritualidade do Movimento enquanto contendo valores que orientam as ações dos mesmos.

Um particular dessa cotidianidade é o lugar que ocupa o “dom”. Esse, em forma de flores, doces ou qualquer outro objeto, mas sempre acompanhado de uma mensagem escrita, torna-se entre os habitantes da Mariápolis uma forma de expressão de agradecimento por algum serviço recebido, de declaração de partilha de sentimentos de alegria, sofrimento ou preocupações, de reatar relações sociais interrompidas, expressão de boas vindas a alguém que chega para integrar a comunidade. O “dom” então assume a posição de elemento integrante e característico da sociabilidade na Mariápolis, e de alimentador da comunhão, de afirmação e renovação da própria fidelidade aos ideais e compromissos assumidos como grupo.

Quando uma família que assumiu os ideais do Movimento, deseja transferir-se para integrar a comunidade da Mariápolis, ela arca pessoalmente com as despesas de aquisição do terreno e da construção da casa. Os terrenos são adquiridos de terceiros nas adjacências da Mariápolis pois a direção do Movimento não possui terrenos mas é proprietária somente dos locais destinados ao uso comum e das sedes dos setores ali representados.

Para a transferência é preciso que os filhos estejam de acordo com a decisão dos pais, e a eles é deixada a liberdade de adesão ou não aos ideais do Movimento e portanto de participação nas suas programações.

Os matrimônios são contraídos não necessariamente entre os habitantes da comunidade, mas em geral as escolhas são feitas no âmbito dos membros do Movimento, e o mesmo diga-se para a instalação da futura família. A decisão de permanecer ou não morando na Mariápolis, é condicionada ao futuro casal por vários fatores, entre os quais o mais decisivo é o local de trabalho e as condições financeiras de aquisição do terreno ou casa. De fato o aumento do fluxo de pessoas nas imediações, determinado pela necessidade dos paulistanos de migrar nos fins de semana para lugares mais tranquilos e, ao mesmo tempo próximos da capital, causou um aumento considerável no preço dos lotes disponíveis na região.

As decisões que se referem à cidade de modo geral e às programações do Movimento na região circunstante, são tomadas por um Conselho, que reúne, além dos dois responsáveis (uma focolarina e um focolarino), representantes de cada setor do Movimento, escolhidos por esses responsáveis, e sempre em dupla (feminino e masculino). Os dois responsáveis são nomeados por Chiara, por um tempo determinado.

4. 1998: O “*sim dos onze mil*” e o nascimento da versão brasileira do Movimento político pela unidade

A agenda de Chiara, em maio de 1998 estava repleta de programações por ocasião da sua visita ao Brasil. Ela deveria receber a outorga do título *Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul*, conferida-lhe pelo Governo Brasileiro, a Medalha ao mérito conferida-lhe pela Universidade de S. Paulo, um doutorado *Honoris causa* em *Humanidades e Ciências da Religião* pela Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, um doutorado *Honoris causa* em *Economia* pela Universidade Católica de

Pernambuco. Deveria ainda fazer uma pronunciamento junto à Câmara dos Deputados em Brasília sobre o Movimento dos Focolares nos seus aspectos sociais e à Conferência Nacional dos Bispos reunidos em Itaiçara, sobre os relacionamentos ecumênicos do Movimento dos Focolares. Estavam previstas também outras homenagens em nível mais local, como o *Prêmio Fraternidade*, pelo *Conselho de Fraternidade Cristã Judáica* de S. Paulo, como a já mencionada outorga da cidadania honorária de Vargem Grande e a medalha Anchieta pela Câmara Municipal de S. Paulo, por uma moção de iniciativa de um cliente da *Espiga Dourada*, o vereador do PSDB, Roberto Tripoli.

O relacionamento entre Ginetta e Chiara foi se aprofundando com o tempo, ganhando em profundidade, reciprocidade e simetria de conteúdo: ela queria ser um “canal transparente” que deixasse “passar” a utopia de Chiara sem poluição de outros valores por mais belos que pudessem ser. Neste sentido, a sua meta perseguida continuamente era a de ser *outra Chiara* para quem a encontrasse pois queria que todos tivessem a mesma experiência que ela teve no encontro com Chiara e que revolucionou a sua vida. Sintomático a esse respeito a observação que Chiara mesma fez durante a sua visita ao Brasil, em 1998.

Naquela ocasião estava previsto também um encontro dela com 11 mil membros do Movimento, vindos de todas as regiões do Brasil, no Ginásio do Ibirapuera em S. Paulo.

Uma esmagadora maioria não conhecia Chiara pessoalmente, e havia feito sacrifícios enormes em vista desse encontro: viagens aventureiras do interior do Amazonas, economias durante o ano inteiro, uma comunhão de bens maciça em todas as regiões. Mas na manhã daquele 3 de maio, Ginetta recebe o telefonema com a notícia de que Chiara não se encontrava bem e não poderia comparecer ao encontro! Um momento esperado e sonhado durante tantos anos por Ginetta e os membros do Movimento!⁷³ Caberia a Ginetta anunciar a notícia a todos. Pode-se compreender o que este fato significou para Ginetta.

Ainda uma vez, diante daquela multidão, ela se apresenta como um ponto de referência ético para todos conseguindo obter compreensão por parte de cada um diante daquela renúncia que o momento exigia de todos os presentes.

⁷³ Em 1983 estava no programa de Chiara uma sua vinda mas, também naquela ocasião, motivos de saúde a impediram viajar e de encontrar-se com os 13 mil membros do Movimento reunidos em S. Paulo. Na sua última visita, em 1991, não estava previsto um encontro dessa monta, mas foi realizado um Congresso com 650 pessoas no auditório da Mariápolis Ginetta, durante o qual foi lançado o projeto *EdC*.

Ao mesmo tempo ela impulsionava aquelas pessoas a permanecerem “em pé”, ou seja a se manterem na posição de sujeitos, construtores com Chiara e com ela do Movimento; portanto os impulsionava, a re-significarem a renúncia transformando-a em ocasião para demonstrarem a própria convicção no Ideal de vida que ela, Ginetta havia apresentado a todos durante aqueles anos e que tinha como objetivo não uma ‘devoção’ orgiástica à pessoa de Chiara mas um compêndio de valores que cada um ali era “chamado” a assumir e, de modo especial, o reconhecimento do *crucifixo vivo* naquela situação de sofrimento e a conseqüente resposta ativa que faria de cada um “uma outra Chiara”.

Por toda essa intensidade de significações aquele dia passará para a história do Movimento como “o *sim* dos 11 mil” e a leitura que Ginetta e os dirigentes do Movimento passaram a fazer dele é de re-fundação, de uma virada do Movimento no Brasil, conforme o depoimento de Norma (CURTI, apud MARIÁPOLIS, 2001, p. 30) durante a Missa de funeral de Ginetta.

Referindo-se a esse dia, Chiara comenta:

É maravilhoso esse fato dos 11 mil, quando eu não pude ir e Ginetta, falando a todos eles, disse: ‘Quem perde Chiara é uma outra ela’. Uma das pessoas presentes afirmou: ‘É verdade, pois temos a confirmação desta realidade em Ginetta’. Para mim foi um dos ‘paraísos’⁷⁴ que fazem a esses focolarinos dos primeiros tempos, que são chamados de ‘os profetas da nova humanidade’ (LUBICH apud MARIÁPOLIS, 2001, p. 30).

O pronunciamento de Chiara na Câmara dos Deputados em Brasília, previsto para o dia 7 de maio de 1998, teve que ser proferido por Ginetta, uma vez que Chiara não estava bem de saúde.

Em maio de 1998 por ocasião da outorga a Chiara, da medalha ao mérito pela USP, Ginetta fez um explícito convite à Deputada Luiza Erundina para participar da cerimônia. Aquela ocasião marcou o “retorno” dela aos contatos com o Movimento, como afirma: “Foi ali que reencontrei Chiara (eu já a havia conhecido em Recife) e também Ginetta, marcando, assim, meu retorno ao Movimento dos Foculares”.

A Deputada assinala também o constante acompanhamento de Ginetta da sua trajetória política, quase que a sublinhar aquela capacidade dela de respeito pelas opções

⁷⁴ Termo corrente no Movimento para significar ‘elogio’.

dos sujeitos e, ao mesmo tempo de “visão do futuro”, no sentido de entrever a importância de não perder de vista aquelas pessoas que um dia foram tocadas pela mensagem do Ideal e que representavam lideranças, pontos chave para a realização de uma “sociedade nova” - objetivo do Movimento -, e esperando o momento certo para intervir diretamente.

[Ginetta] – conta a Deputada – me disse que me acompanhou durante todo o tempo em que fiquei afastada. Disse que assistia minhas Entrevistas na televisão, sobretudo no período em que fui Prefeita de São Paulo. Vez por outra ela mandava alguém me visitar, levando informações sobre o Movimento. Sinto que Ginetta nunca me perdeu de vista e me acompanhava de forma muito respeitosa sem interferir diretamente.

A Deputada afirma ter percebido que também para Ginetta o reencontro delas teve “um significado e provocou um forte impacto”. De fato, “naquele período se iniciava a construção do Movimento Político pela Unidade no Brasil”. Ginetta, habituada a “ler” também nas circunstâncias, “sinais da vontade de Deus”, de “planos dele”, é provável e plausível que tenha visto nesses dois acontecimentos uma conexão de sentido que ela interpretava como tendo chegado a hora prevista por Deus para o desenvolvimento concreto do Movimento Político pela Unidade.

Em 12 de novembro de 1999, a Deputada, então responsável pela Comissão parlamentar de Erradicação da pobreza, fez visita à Mariápolis Ginetta juntamente com os membros da mesma Comissão com o objetivo de conhecerem *in loco* o projeto *EdC*. Naquela ocasião Ginetta expressou a alegria por aquela visita atribuindo à mesma o significado simbólico de possibilidade para ela de “entrar no Parlamento” brasileiro, e acrescentando ainda que dali “não queria mais sair”.

Ginetta expressava assim o seu anseio de que os valores ético religiosos veiculados pelo Movimento dos Focolares e com os quais ela se identificava totalmente, pudessem ser assumidos por agentes políticos de forma a orientar suas ações sociais. Estava claro para ela a ligação direta entre política e economia e as conseqüências do “casamento” entre essas duas esferas, na distribuição da riqueza entre a população.

A partir daquela data da visita da Comissão parlamentar, Ginetta intensificou os contatos com aqueles políticos e com outros e incentivou os membros do Movimento a fazerem o mesmo nos seus âmbitos de atuação.

A Mariápolis Ginetta tornou-se meta de visitas sempre mais frequentes de políticos que eram convidados propositalmente para conhecer os seus dois aspectos, “celeste” e “terreno”, ou seja - como já mencionado -, os ideais do Movimento que orientam a sociabilidade dos seus moradores e o Pólo Empresarial Spartaco que confere visibilidade ao projeto *EdC*.

Os eventos carregados de emoções que acompanharam a visita de Chiara ao Brasil em 1998, e de modo especial aquele “*sim* dos onze mil” deve ter abalado a saúde já comprometida de Ginetta – que havia sofrido um enfarte em 1982, colocado marca-passo em, uma prótese no fêmur e outras ameaças de enfarte que lhe reduziram o funcionamento cardíaco.

Em julho de 2000 Ginetta teve que ser internada por motivo de complicações cardíacas que quase a levaram à morte. Recebeu de Chiara a recomendação para fazer repouso absoluto e não pensar nas atividades do Movimento. As focolarinas que moravam com ela falam da prontidão com a qual Ginetta aderiu à palavra de Chiara, que representava para ela “a vontade de Deus”.

Durante quase um ano ela esteve ausente das programações do Movimento, reduzindo, por ordem médica, a poucos minutos, as visitas que, muito embora, não cessaram de chegar em sua casa, e dedicando uma hora por dia a um passeio de carro pelas redondezas acompanhada por uma focolarina.

Provavelmente terá sido um dos poucos períodos, e assim mesmo por força maior, em que ela dedicou a si mesma um pouco de repouso. Além da recomendação de Chiara, também a ordem do médico, representava, para ela, uma expressão da “vontade de Deus”, e que, portanto, ela devia obedecer.

Durante os 42 anos de permanência no Brasil, Ginetta nunca fez viagens turísticas - afirma Lourdes Soares -, nunca chegou a conhecer as cataratas do Iguaçu, e outros pontos do turismo brasileiro. Parecia não ter tempo para esse tipo de atividades, tinha diante de si somente a meta de levar para a frente o desenvolvimento e a expansão do Movimento e dos ideais do mesmo, nos quais ela acreditava estar a solução de todos os problemas individuais de sentido, e coletivos de “injustiça social”, ou seja, de desequilíbrio na distribuição da riqueza.

Nos últimos meses de vida, questionada pelo médico, se estava satisfeita pelas conquistas e progressos do Movimento do Brasil, ela respondeu que sim, acrescentando que, porém, havia ainda muito por fazer.

No dia 8 de março de 2001 sentindo-se mal Ginetta foi levada para o hospital. Internada na U.T.I. veio a falecer em pouco tempo, pronunciando à médica que a assistia e se encontrava presente a frase bíblica: “sem derramamento de sangue não há redenção”. A frase, denunciando o pensamento de Ginetta no final de sua existência, parece guardar uma conexão de sentido com o que tinha significado para ela a entrega do “crucifixo vivo” que lhe foi feita por Chiara no início de sua trajetória em solo brasileiro, e que tinha orientado suas ações ao longo de sua permanência no Brasil.

Durante a Missa do funeral de Ginetta, a Deputada Luiza Erundina, presente, expressou publicamente aos dirigentes do Movimento o seu desejo de propor à Câmara dos Deputados a realização de uma sessão solene, pública, em homenagem a Ginetta. Ela afirma:

Durante a missa de corpo presente, me veio a idéia de requerer a realização de uma sessão solene em sua homenagem na Câmara dos Deputados, o que ocorreu pouco depois de sua partida e que deixou profunda impressão nos parlamentares que participaram dela. As pessoas lembram sempre daquela sessão como um marco na história da Câmara dos Deputados.

A programação da Sessão solene previa um documentário sobre a Vida de Ginetta em relação ao nascimento e ideias do Movimento dos Focolares e falas de vários entre os 120 parlamentares presentes.

O Deputado federal Antonio Carlos Pannunzio (2001A) do PSDB, de Sorocaba, naquela ocasião, concluiu o seu pronunciamento afirmando: “Ginetta, esteja certa: você entrou no Parlamento brasileiro e daqui nunca mais sairá”.

Ele havia recebido, para aquela data, mensagens de membros do Movimento de várias cidades do Brasil e também do exterior, manifestando apoio à iniciativa da Câmara. Mais tarde, durante uma sua visita à Mariápolis Ginetta, ele relatou, em entrevista, a sua percepção daquela Sessão solene à qual participou devido ao convite insistente de um membro do Movimento da sua cidade:

[...] Se ele tivesse só convidado não sei se teria ido porque sempre temos seis ou sete atividades ao mesmo tempo. Como ele insistiu eu anuí. Imaginei que seria uma sessão como tantas outras em que se cumpre só um ritual. Preparei, com a ajuda da minha assessoria o discurso que teria pronunciado em nome do meu Partido, mas tive a felicidade de chegar bem

no início, assistir ao vídeo, sentir a força da fala de Ginetta, ouvir os testemunhos antes da minha fala. Mas tão importante quanto isso foram as mensagens de integrantes do Movimento daqui, de outros países que deram testemunho sobre o Movimento. Peguei o discurso já escrito mas fui tocado, entendi que não podia repetir coisas que vocês sabem melhor do que eu [dados sobre o Movimento] deixei-me guiar pelas emoções, pelos sentimentos. Senti-me tocado, mudei a minha forma de fazer política.

Em seguida da Sessão solene na Câmara em Brasília, a mesma iniciativa foi tomada no âmbito das Assembléias Legislativas de 11 Estados⁷⁵ e em várias Câmaras Municipais.

O contato com vários políticos, assim como o desenvolvimento do projeto *EdC*, que vinha atraindo a atenção de parlamentares e políticos estaduais e municipais, foram preparando um terreno de relações sociais que frutificou no nascimento da versão brasileira do *Movimento político pela unidade*. Nascido na Itália em 1996 e envolvendo membros do Movimento dos Focolares engajados na política, e inspirado nos seus ideais, esse Movimento político tinha começado a se desenvolver também em outros países europeus envolvendo políticos de várias tendências.

Protagonista em primeira linha do mesmo, no Brasil, tem sido a deputada Luiza Erundina de Souza. Reportamos uma apresentação da proposta do *Movimento Político pela Unidade*, segundo as palavras espontâneas da própria Luiza Erundina, no decorrer da entrevista que nos concedeu:

O Movimento político pela unidade propõe-se a contribuir na criação de uma nova cultura política, capaz de transformar as relações políticas, tendo por base a fraternidade como categoria política. Não se trata da formação de um novo partido político, mas de estabelecer relações políticas fraternas, baseada no diálogo e respeito mútuo, preservando as diferenças e identidades ideológicas dos diversos agrupamentos políticos e, dessa forma, potencializando a contribuição de cada um que se soma à dos demais na construção do bem comum. É, em suma, o Ideal da unidade na diversidade. Para os cristãos, significa viver a fraternidade e o amor recíproco nas relações políticas como valores evangélicos. Para os que não têm fé, a fraternidade poderá significar um princípio humanista a inspirar sua ação política. Portanto, a proposta do Movimento Político pela Unidade não exclui

⁷⁵ S. Paulo, Paraná, Pará, Amazonas, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Rio Grande do Sul.

ninguém. Ao contrário, possibilita a unidade entre nós, com vistas à construção do bem comum como objetivo maior da ação política.

O Deputado estadual José Antonio Caldini Crespo, do PFL, promotor da homenagem a Ginetta na Assembléia Legislativa de S. Paulo, no dia 7 de maio de 2001, no seu pronunciamento, referindo-se à situação da política partidária brasileira e ao descrédito popular com relação aos políticos, propôs os valores do Movimento Político pela Unidade como solução. Na época a própria nomenclatura do Movimento ainda era fluida, mas os seus objetivos já eram bastante claros:

[...] Como resolver isso? Será que a mensagem da comunhão, da partilha voluntária, não seria – não é? – a solução para o desenvolvimento humano e social tão decantado nos discursos políticos mas nunca concretizado? Hoje estamos tendo a chance de conhecer melhor essa proposta de vida que pode passar a ser – por que não? – a nossa proposta política e partidária. Que tal tentarmos a *Política de Comunhão* como a grande solução para os problemas sociais contemporâneos, aqui mesmo, nessa Casa Legislativa? Precisamos estabelecer um novo paradigma: para que um ganhe não é necessário que outro perca. É possível, sim, o jogo político do ganha-ganha, onde todos os envolvidos serão ganhadores e os perdedores serão a alienação, a descrença, a corrupção e, portanto, os votos brancos e nulos. Nossa tentativa sincera será o nosso tributo e a melhor homenagem a Ginetta e à sua Obra. (CRESPO, 2001A).

E, em uma entrevista à Rede Vida de Televisão, em seguida daquela Sessão solene, ele explicou a motivação daquela homenagem a Ginetta:

uma homenagem para Ginetta [...] e, através dela, para o Movimento dos Focolare aqui no Brasil, que cresce a cada dia e lançou idéias maravilhosas como a Economia de Comunhão e, mais recentemente, a Política de Comunhão.

Hoje a Deputada Luiza Erundina não interpreta mais como incompatíveis as duas coisas – a sua militância político partidária e a pertença formal ao Movimento dos Focolares - uma vez que viu surgir, inspirados na espiritualidade do Movimento, projetos culturais como a *EdC* e o *Movimento político pela unidade*:

Hoje eu entendo que a proposta do Movimento dos Focolares no início teria que ser mesmo essencialmente espiritual para que o Ideal se enraizasse na vida das pessoas: a vivência da fraternidade, do amor mútuo, tendo em vista a construção da unidade, carisma do Ideal proposto por Chiara. Depois de décadas em que estive afastada do Movimento dos Focolares pude constatar quanto sua manifestação no tempo havia mudado, sem alterar, evidentemente sua essência. E também, hoje, me identifico fortemente como Ideal encarnado na história. Percebe-se que acompanhou as transformações e que procura responder às novas exigências da realidade, não só do ponto de vista espiritual, mas também econômico, social, cultural e político. [...] Compreendi, então, que é possível viver o Ideal, não apesar da política, mas por causa dela. A ação política passou a ser o motivo, o estímulo da minha retomada da vivência do Ideal e, mais que isso, com o compromisso de ajudar a construir o Movimento Político pela Unidade.

Enzo Morandi afirma que o projeto da *EdC* atraiu de volta para o Movimento dos Focolares, muitas pessoas que haviam se afastado anteriormente, e que agora queriam se engajar na concretização do mesmo. E podemos concluir que também o *Movimento Político pela Unidade* parece ter a capacidade de surtir esse mesmo efeito.

No dia 23 de novembro de 2001, durante um Congresso internacional realizado na Mariápolis Ginetta, o *Movimento Político da Unidade*, no Brasil, formalizou a sua existência e atividades através da criação de uma Comissão Nacional. Essa Comissão tem sido responsável pela organização de reuniões regulares de políticos - além dos já citados -, em nível parlamentar, estadual e municipal, com o objetivo de levar ao conhecimento deles a existência desse Movimento e suas finalidades, bem como apresentar os valores que orientam as ações sócio-políticas de quem a ele adere; e também articular ações políticas conjuntas com base a esses valores. Nesse caso está presente também a convicção de que serão políticos “novos” que poderão realizar uma política “nova”, imprescindível no alcance do Ideal focolarino do “Que todos sejam um”.

Norma afirma sem hesitação que Ginetta foi a pedra “angular” do Movimento Político pela Unidade. A Deputada Luiza Erundina atribui à ação de Ginetta a implantação do mesmo no Brasil, e – na sua leitura [da Deputada] – “revela-se como uma resposta às frustrações geradas pela política, preenchendo um vazio e dando sentido à ação política”. Afirma:

Assim como o Ideal chegou ao Brasil pelas mãos de Ginetta, também através dela aqui se lançou o Movimento Político pela Unidade que já está implantado em todas as regiões brasileiras, contando com a participação de políticos de todos os partidos e tendências ideológicas.

E a Deputada explicita ainda mais a sua leitura a respeito do vínculo entre ação de Ginetta e Movimento Político pela Unidade quando o compara a uma semente que Ginetta deixou plantada no Brasil confiando a eles (políticos e membros do Movimento dos Focolares) a responsabilidade de regá-la e cuidar para que cresça e dê frutos. Nesse sentido ela afirma que o seu reencontro com o Ideal através de Ginetta “foi algo muito forte e definitivo em sua vida, e decisivo para a compreensão da [sua] vocação política”.

5. “Ginetta fez grande o Brasil e o Brasil fez grande Ginetta”

Essa frase, presente no depoimento de Saad, guarda relação – pensamos - com o conceito de carisma para Weber. De fato para esse autor o carisma é uma atribuição social, de um grupo, a uma determinada pessoa.

Percorrendo a grandes traços a trajetória do Movimento dos Focolares no Brasil sobre as linhas da biografia de Ginetta, de modo particular mas não exclusivo, observamos que o seu perfil carismático é construído pelos depoentes, em dois níveis: enquanto uma das primeiras companheiras de Chiara, Ginetta é percebida pelos membros do Movimento dos Focolares, no Brasil, como “outra Chiara”, detentora também ela daquela visão de mundo diferente, que sendo atribuída a Chiara faz dela uma líder carismática. Nesse sentido a qualidade de Ginetta são intransferíveis, e a tornam um elemento único.

Enquanto discípula de Chiara, Ginetta é vista como seguidora e propagadora exemplar dessa visão de mundo sempre zelosa de transmiti-la na sua integridade e autenticidade às novas gerações, e essa qualidade é entendida como transferível a outrem.

O resultado gerado pela sobreposição desses dois níveis são as consequências não intencionais das ações intencionais de Ginetta. De fato, era uma sua convicção e propósito constante – como já acenado ao longo do nosso trabalho – ser um “canal transparente do carisma de Chiara”. Mas serão as suas ações sociais empreendidas justamente com esse objetivo, isto é de realizar as palavras de Chiara, orientando-se por

uma ética de convicção, que levará o público no interior do Movimento e também externamente, a atribuir a ela uma liderança com marcados traços do tipo

Ginetta é considerada uma co-fundadora do Movimento, por Chiara. No telegrama em que Chiara comunicava a todos os membros do Movimento presentes nos vários países, a notícia do falecimento de Ginetta, ela expressava, entre outras coisas, a adequação da pessoa de Ginetta à tipologia do discípulo exemplar:

Sei que não diminuo a beleza e o valor de todos vocês ao dizer que, chegou ao Céu, a focolarina mais realizada, a mais autêntica, a mais radical, aquela que parece ser a mais rica de méritos [...], a co-fundadora de maior êxito, aquela que viveu o Ideal da unidade com maior perfeição (LUBICH apud MARIÁPOLIS, 2001, p. 2)

Ainda em outros depoimentos emerge esse perfil de Ginetta discípula exemplar de Chiara e, ao mesmo tempo líder, ela também, do Movimento dos Focolares no Brasil. Assim expressou-se, Dom João Aviz (arcebispo de Maringá (PR), durante a homilia da Missa do funeral de Ginetta:

Nós podemos dizer juntos, com toda certeza, que em grande parte a nossa fidelidade ao Senhor foi ajudada pela fidelidade de Ginetta. [...] Ginetta caminhou à nossa frente formando em nós essa fidelidade a Jesus Abandonado (AVIZ, apud MARIÁPOLIS, 2001, p. 26).

Dr. Carlos Barbouth (apud FARO; BARBOSA; ARAÚJO, 2001, p. 15), advogado e jornalista judeu, conheceu Ginetta em uma visita à Mariápolis, com o Conselho de Fraternidade cristão-judáica. Na ocasião Ginetta convidou-o para participar do primeiro encontro internacional dos amigos judeus do Movimento, em Roma. Tendo-lhe respondido que iria pensar, Ginetta acrescentou; “Só que vai acontecer daqui a vinte dias”. Naquele momento ele não tinha a menor idéia de como conseguiria viajar, devido aos seus inúmeros compromissos, mas respondeu: “Ginetta eu aceito”. E assim, conclui ele, “graças a Ginetta” o Brasil esteve presente pela primeira vez num encontro deste tipo em nível mundial.

Armando Tortelli relatou-nos⁷⁶:

⁷⁶ Armando, 47 anos, é um focolarino casado, empresário da EdC e residente em Curitiba.

[...] Muitas vezes eu olhava para Ginetta e pensava: ‘ela é tão grande quanto Chiara, e de fato parecia ser uma outra Chiara, mas ela não se via assim, ela se via esse nada para que Deus fizesse...(Entrevista)

Nas palavras de Saad percebemos que é a Ginetta discípula de Chiara, que, assumindo a visão de mundo proposta por Chiara e orientando-se por ela, impulsiona outros a fazerem o mesmo ganhando, por isso, admiração e autoridade moral:

[Para ela] a fé em Deus coincidia com a fé nas pessoas. Com a sua fé no carisma do ‘todos um’ ela não excluía ninguém da possibilidade de ser grande. E isso fazia com que quem estava ao lado dela a admirasse porque ela fazia as pessoas se tornarem grandes, grandes no sentido de serem generosas, de acreditarem nas suas possibilidades.

Nesse sentido, para Saad, Ginetta “foi um gênio de promoção humana extraordinária”.

Alberto Ferrucci, por sua vez entrevistou elementos de “forte carisma pessoal” na Ginetta discípula de Chiara, que não vê obstáculos para a realização das palavras de Chiara.

Saad afirma ter sempre encontrado uma identificação com Ginetta na sua característica coragem no enfrentar riscos, na sua determinação de vontade. Referindo-se a ela Saad exprime-se em termos de pessoa carismática delineando o perfil tipológico assim como ele concebe, num sentido comum do termo:

Ela era uma pessoa carismática por vários aspectos, desde a delicadeza no trato com as pessoas, desde uma certa ingenuidade, de uma infância espiritual bonita, muito cândida, ingênua, mas ao mesmo tempo era uma ‘águia’, de um olhar penetrante, tinha uma tenacidade comparável às montanhas do trentino, uma determinação...

O Dr. Mateus, relatando em seu depoimento a ocasião em que conheceu Ginetta, evidencia ainda os traços de discípula exemplar presente em Ginetta, zelosa em transmitir o carisma de Chiara(= Ideal) de modo autêntico. Note-se ainda no relato, as expressões que indicam uma situação carismática de metanoia, de mudança, de revolução “de dentro para fora”:

[...] fui convidado, junto com minha esposa a conversar com Ginetta em sua casa. Foram momentos inesquecíveis, pois conversamos durante duas horas, apenas nós três, sobre nós, sobre ela e sobre o carisma. Naquele momento ela nos dava o carisma e não a estrutura do Movimento dos Focolares, só o carisma, aquilo que a alma pede e aquilo que nos transforma por dentro. Começou a queimar uma chama dentro de nós que não se apaga mais, uma chama que só aumenta e que se transformou em uma fogueira que arde e queima e alastra esse fogo para quem se aproxima de nós. Houve uma revolução de amor dentro de nós que sentíamos ao conversar e também depois, algo que nos tocou e que não iríamos mais conseguir abandonar. Ela nos dava uma nova dimensão de Deus, aquele que procurávamos estava ali e em todo próximo que encontrávamos.

No funeral de Ginetta estima-se que estavam presentes ca de 2.000 pessoas. Havia faixas com frases de agradecimento a ela, por parte de todas as regiões do Brasil, e o seu túmulo atrai a presença dos habitantes da Mariápolis continuamente.

É um elemento comum nos depoimentos coligidos por nós o sentimento de gratidão a Ginetta bem como expressões de uma amizade e fraternidade profundas ligando essas pessoas com ela.

Darlene expressa a grande saudade que sente de Ginetta, como uma irmã verdadeira, Antonio Caldas descreve a herança espiritual que ela lhe deixou:

[...] o meu relacionamento com Ginetta: do ponto de vista espiritual é o exemplo dela que me tirou de uma escuridão espiritual, que me deixou como sou hoje: um homem de pouca fé, com dificuldade, cai todo dia mas que levanta, por causa de Ginetta, que sei me levantar por causa de Ginetta, que sei vencer a tentação por causa de Ginetta, do exemplo e da fé, da pouquinha fé que ela conseguiu, vamos assim, transmitir para mim. Este foi o legado espiritual que Ginetta me deixou. Eu diria que [...] o dia em que eu chegar no Paraíso, se é que eu chego lá, e me perguntarem: “Por que Caldas você está chegando aqui?” Eu diria: “O maior culpado foi Ginetta. Do ponto de vista humano, eu tive em Ginetta a figura de uma mãe, realmente uma mãe. [...] Eu tinha por ela e eu sei que também ela tinha por mim, um amor assim maternal, filial muito grande. Eu sentia que ela queria nos formar como um todo.

Muitos dos vários depoentes que entrevistamos mencionam a ajuda que Ginetta continua a dar-lhes mesmo depois de falecida. Entre esses reportamos o relato de

Armando Tortelli. Quando foi convidado para apresentar o projeto da *EdC* à Câmara dos vereadores de Guarapuava, na verdade eram presentes, além de políticos, professores, engenheiros, empresários e universitários. No programa, o qual estava sendo transmitido pela Televisão, teria constado também Entrevistas a ele. Diante desse quadro, ele relata que ficou muito assustado, tremia mesmo porque lhe parecia impossível estar à altura da situação:

Então eu me lembrei de Ginetta e pensei ‘aqui devo ter a força de Ginetta’. E me lembrava de que ela havia sido, talvez, o instrumento para o maior número de pessoas que foram arrebatadas para o Ideal. [...] Ela não escolhia lugar nem pessoas, ela levava o Ideal para todos. E naquele momento pedi a Deus ‘Olha, me manda Ginetta a sentar do meu lado. Agora vamos ser eu e ela.

E conclui o pensamento dizendo: “Então é assim: quando nos falta segurança, lembramo-nos de Ginetta, pedimos a ela e parece que a segurança vem”.

Ginetta é sentida ainda como um membro do grupo a pleno título, e Halbwachs (1990, p. 122) nos ajuda a compreender esse fato quando afirma:

[...] se a lembrança subsiste apesar da separação, apesar da morte, é que além da ligação pessoal, havia um pensamento comum, o sentimento da fuga do tempo, a visão dos objetos circundantes, a natureza, algum tema de meditação: é o elemento estável que transformava a união dos dois seres, de base simplesmente afetiva, numa sociedade, e é o pensamento subsistente do grupo que evoca a aproximação passada, e que salva do esquecimento a imagem da pessoa.

A relação de identificação da Mariápolis e seus habitantes com a pessoa de Ginetta, explica-se ainda pela comunhão de ideais que ligava as suas subjetividades. Poderíamos dizer que o nome Ginetta indica ao mesmo tempo uma individualidade histórica e uma personalidade coletiva, um pensamento, uma idéia, uma utopia comum, partilhada. Como expressou-se Lia Brunet (BRUNET apud MARIÁPOLIS, 2001, p. 36)⁷⁷: durante a missa do funeral de Ginetta:

⁷⁷ Cf outros depoimentos em MARIÁPOLIS. Noticiário interno do Movimento dos Foculares. Especial Ginetta. S. Paulo: Cidade Nova, ano 18, n. 4, abr. 2001. Suplemento, p. 40-45.

durante a missa de funeral de Ginetta: “Eu dizia a mim mesma: mas aquela potência que existe em Ginetta, aquele sobrenatural que existe nela não era dela, aqui, presente como pessoa. Mas é um corpo, um povo. Eu a revia em todos [...] era uma presença multiplicada [...].

Por ocasião da homenagem a Ginetta na Assembléia Legislativa de São Paulo, por iniciativa do Deputado José Antonio Caldini Crespo, ele declarou à Rede Vida de Televisão o motivo pelo qual mesmo sem ter conhecido Ginetta pessoalmente, foi impulsionado a tomar aquela iniciativa:

Foi uma coisa contagiante que aconteceu comigo. Eu conheci o Movimento pessoalmente através de um amigo, questão de cinco ou seis meses atrás. Mas entrando lá na Mariápolis Ginetta, eu me senti em uma atmosfera completamente diferente que me atraiu, que me impressionou bastante. Então aos poucos eu fui lendo, fui conhecendo outras pessoas. Embora eu não tenha conhecido Ginetta – porque ela estava enferma, depois faleceu – através das pessoas do Movimento Focolare, hoje eu me sinto como se eu tivesse sido um grande amigo pessoal da Ginetta. É uma sensação maravilhosa que eu não tenho outras palavras para explicar mas é o que eu sinto.

E durante uma sua visita à Mariápolis Ginetta, ele sublinhou ainda:

Eu não tive a chance de conversar com Ginetta mas certamente eu senti a presença dela – ela ainda viva - desde o primeiro momento em que estive aqui. E cada vez que a gente volta – mesmo agora, com o passamento dela -, parece que ela cresce dentro da gente à medida em que vamos colhendo os frutos que ela deixou aqui em Mariápolis, com o nome dela e em toda a Obra.

Morre a pessoa mas o seu pensamento, o seu significado, o seu Ideal permanece vivo nos demais membros do grupo, e tende a ser imortalizado, de alguma forma, sinalizado para as gerações futuras. É isso que o Deputado Crespo evidencia com o seu projeto de lei, efetivado com a lei nº 11.135 de 24 de abril de 2002, de dedicar o Viaduto no Km 16,3 da Rodovia Castelo Branco SP-280 a Ginetta Calliari. À pergunta sobre o que o levou a sugerir o nome de Ginetta para o viaduto, ele responde:

Uma modesta colaboração de alguém que está representando a população. Essa população que, em parte já conhece e aprecia o que ela fez aqui juntamente com todos os demais e também como um sinal, talvez

principalmente como um sinal para o resto da sociedade que ainda não teve a chance, a sorte, por algum motivo, de vir aqui e conhecer um pouco mais o que se faz em Mariápolis. Então é uma colaboração para chamar a atenção, como um farol chamando a atenção dos navegadores... E que a singela placa possa despertar a curiosidade para que as pessoas, através do nome dela possam conhecer a obra de que ela participou.

Ginetta foi – nas palavras de Saad – “uma grande artífice de socialidade em todos os lugares [do Brasil]: norte, sul, nordeste... Por onde ela passou parecia que ela queria colocar todo mundo em comunhão com todo mundo”.

Elma Paiva, que foi responsável por muitos anos do Movimento no Estado do Amazonas, evidencia a proximidade social e a comunhão de intentos com Ginetta, no processo de levar para a frente o desenvolvimento do Movimento, apesar das distâncias geográficas: “Ginetta nos ensinou a não ter fronteiras. Ela tinha esse “uno” que nos unia norte, nordeste, sul, tudo uma coisa só”.

Ela afirma que nunca se sentiu na periferia do Movimento por causa da distância e dificuldades devido à precariedade dos meios de comunicação naquela região: “Nós vivíamos de fé, com a alma em unidade com a de Ginetta”. Nos anos em que ela estava no focolare de S. Paulo, na década de 1960, com Ginetta, ela diz que, mesmo encontrando-se em S. Paulo, Ginetta “tinha no coração” todas as regiões do Brasil. Frequentemente levantava-se às três e meia da manhã para escrever cartas ou material de espiritualidade para enviar aos vários focolares do Brasil alegando: “não podemos dormir enquanto sabemos que em Belém, Recife precisa chegar material para ‘alimentar’ esses jovens”.

Até o momento são 503 entre focolarinas e focolarinos brasileiros (entre os 3500 existentes. Desses, 175 encontram-se nos focolares existentes nos vários países, 45 frequentando a Escola de formação na Itália e 50 na Pré-escola de formação na Mariápolis Ginetta.

Ginetta afirmava sentir-se também ela em várias partes do mundo, através dessa presença brasileira das focolarinas no exterior. Tendo sido formadas por ela, de certa forma é como se levassem o seu “timbre” específico para onde iam.

A influência direta e indireta de Ginetta também fora do Brasil oferece uma base de motivação para aquelas expressões de admiração e reconhecimento do seu trabalho. Citamos ainda a Deputada Luiza Erundina, quando afirma:

Considero um privilégio ter conhecido Ginetta, naquele tempo e mais ainda reencontrá-la e, por suas mãos, retornar ao Movimento dos Focolares e abraçar novamente o Ideal, que me fascinou na juventude. Lamento ter sido tão pouco o tempo de minha convivência com Ginetta, mas intensa e profunda, sobretudo nos últimos anos de sua vida.

Essas expressões às vezes adquirem dimensões de universalidade, como as do Deputado Antonio Carlos Pannunzio, para quem o trabalho de Ginetta adquire importância não só para o Brasil mas até mesmo para toda a humanidade. Em uma sua visita à Mariápolis Ginetta ele assinalou:

De fato, depois de tudo o que eu ouvi de Ginetta, depois do que eu pude ver da sua obra, depois do que eu pude assistir das gravações que me foram permitidas tomar conhecimento, depois de eu ver no sorriso de cada um de vocês, na expressão dos olhos de cada um - quando fala de Ginetta - transbordar de amor e de admiração, eu posso dizer que eu também conheço Ginetta, porque me senti tocado por Ginetta. Me senti tocado por Ginetta a partir do instante em que eu pude assistir o vídeo em que ela disse que foi ao Parlamento brasileiro e que não pretende mais sair de lá. Ela não vai sair, não saiu, está lá conosco enquanto eu estiver e outros que ficarão. Hoje ela passa a ser certamente um personagem importantíssimo no nosso contexto parlamentar. Ginetta foi alguém que se desprende de tudo - pelo que eu sei, da sua origem: uma moça de origem econômica boa, com condição de levar uma vida descompromissada, com toda tranqüilidade, resolveu doar-se, doar-se ao seu próximo. E levou a sua causa, a sua luta a diferentes pontos em todo o mundo, mas particularmente veio ao Brasil. E veio ao Brasil por quê? Será que Deus não sabia como estávamos, em que estágio nós estávamos? Com certeza sabia e sabe tudo o que vai acontecer, mas entendeu que era importante que Ginetta viesse aqui e aqui viesse trazer sobretudo a sua profissão de fé que nos empolga a todos nós, particularmente a todos os integrantes do Movimento dos Focolares. Eu tenho certeza de que Ginetta, hoje é o personagem da maior importância na história do Brasil e na história da humanidade.